OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA GARRETT

XVI

(PRIMEIRO DOS VERSOS)

VERSOS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT

I

LYRICA

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1869

PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS

Com o titulo de PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS, se publicam estes dois volumes, que são o complemento das FLORES SEM FRUCTO, e contêem várias collecções de poemas menores, ou poesias fugitivas, como dizem. A primeira e mais antiga das collecções é a LYRICA DE JOÃO MINIMO, cuja primeira edição havia mui-

tos annos que ja em 1841 estava extincta, e n'esse anno foi revista e preparada pelo auctor para tornar a imprimir-se. Não se fez então por estarem de permeio outros volumes de suas novas composições. Agora vai formando o primeiro tomo da presente publicação. O segundo contêm FÁBULAS e outras coisas ineditas antigas, e tambem as FOLHAS CAHIDAS, e outras coisas novissimas.

PRIMEIROS VERSOS

LYRICA DE JOÃO MINIMO

NOTICIA

DO AUCTOR D'ESTA OBRA

> **Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor.**
>
> RIF. POPUL.

Do rifão que tomei para epigraphe d'esta memoria, verá o leitor que mui bem senti os inconvenientes do nome exquisito e desconhecido que vai á frente da obra. Peior será se, parecendo *ruim* a *capa,* não parecer melhor o *bebedor*.

Quem é este novo e esdruxulo poeta, este Sr. João Minimo?—O mais que posso res-

ponder é contar tudo o que d'elle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Minimo na mesma ignorancia perfeita em que está o público: era poeta de que não tinha a minima idea. Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessario andar maltrapido, viver vida cynica pelos cafes e bilhares do Chiado ou do Quebracostas, onde, com o charuto na bôcca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, décimas, odes pindaricas e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legitima, pura e orthodoxa poesia lusitana, fulminado terrivel anathema contra toda e qualquer heretica nequicia discrepante[1].

Alem dos mencionados cafes e bilhares, os outeiros de freiras, e nas occasiões publicas — como juramentos, pejeramentos, acclamações, desacclamações, usurpações, etc.

[1] Escrevia-se isto em 1825.

etc.—os theatros são os meios de publicidade para os verdadeiros e legitimos filhos do lusitano Apollo que desprezam a ridicula glória de *auctores impressos.*

Em nenhum d'estes sitios tinha eu visto ou ouvido fallar do Sr. João Minimo. Tampouco não era elle *poeta impresso;* pois, graças a Deus, tenho corrido todos os folhetos e folhetaços de poesias—em todo o sentido fugitivas—que ha vinte annos se teem impresso; e bem assim os volumes poeticos de papel pardo que regularmente constam, como é sabido, de algumas grozas de sonetos de annos, abbadessados, etc.; logo, segundo a lithurgia commum, as odes pindaricas e os dithyrambos; acabando tudo com a miscellanea das glosas, colcheas, anacreonticos, e alguma ecloga—se as ha.

Portanto era-me perfeitamente estranho o nome d'este novo poeta. E agora contarei como viemos a fazer conhecimento e amizade, e como, por uma extraordinaria circumstan-

cia, vim a ficar universal herdeiro de todas as suas obras; das quaes na presente collecção dou ao público pequena amostra.

No verão de 182... succedeu, uma tarde de Junho, que me incontrei no conhecido cafe do Marrare com uma sucia de rapazes, leaes filhos de Apollo; e, como é natural, a nossa animada conversação entrou logo pelos districtos poeticos. Veio-se a fallar em *outeiros* — alegre e ingenhoso passatempo de nossos paes, quasi perdido hoje na barafunda das maldittas politicas, desprezado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descoco de preferir as cartas da Nova-Heloísa e do excommungado St. Preux ás eclogas do pastor Albano e da pastora Damiana, — que ousam antepor os descompostos versos de Francisco-Manuel e suas odes hyerogliphicas aos retumbantes, altisonantes e nunca assás louvados sonetos da eschola elmanica! — Isto é, quando estes senhores se dignam de olhar para versos; porque hoje

a moda é prosa e mais prosa, economias-politicas, estatisticas, chymicas, physicas, e outras inuteis frandulagens que nunca entraram nas topetadas e apolvilhadas cabeças de nossos paes, n'aquelles felizes tempos de Portugal em que a procissão de Corpo-de-Deus vinha pelos arruamentos abaixo, — e na vespera á noite oh! que brilhantes outeiros por aquella rua Do-Oiro! — quando todas as *blue-stockings, bel-esprits* e *précieuses* de Lisboa se requebravam pelas adamascadas janellas em motes alambicados e sublimes, fructo de muita semana d'estudo nos preciosos volumes de *João Xavier*, da *Marilia*, — e tambem, para honra e glória do meu patrio rio, do *Belmiro pastor do Douro!*

Tempos, ditosos tempos que nunca mais heis de voltar! As vezes ponho-me a pensar commigo se os manes do pastor Albano, ou a alma *parda* do cantor Caldas [1], ou o ener-

[1] Não se falla do grande poeta o padre Caldas, mas do mulato improvisador Caldas.

gumeno espirito do vate Elmano [1] apparecessem derepente entre as cigarri-ponchiondulantes nuvens de um cafe do Rocio, — theatro de suas façanhas, templo de suas glórias! — e ouvissem e vissem a profanação e prostituição actual de taes logares!.... Gazetas, jornaes, periodicos!... O *Portuguez* [2] a mattar a gente com a *publicidade dos processos* e com a traição do ministerio; a Gazeta ás unhadas ao *Portuguez;* o padre Jose-Agostinho — até este, o proprio Elmiro Tagideu! *Tu quoque, Brute!...* o padre Jose-Agostinho ás chalaças arrieiraes com elles! Com menos escandalo, é verdade, este digno filho de Apollo se abaixa á *vil prosa,* porque em nenhuma materia de sciencia ou arte, ou litteraria (diga-se para honra do seu *poetismo)*

[1] O vate Elmano é mui differente coisa do poeta Bocage. O excentrico, inintelligivel, escatapafurdico Elmano dos cafes e dos outeiros não póde ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero,* de *Tritão* e de tanta coisa boa e bella.

[2] Jornal dirigido pelo A. em 1826-27.

o vemos entrar solidamente e como quem a sabe ou a professa: apenas uma tinctura de florilegio para imbasbacar os pataus, e fazer incaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas emfim é vil prosa, indigna do sesquipedal imitador de Stacio, que, com tanto crédito de seu delicado gôsto, o antepõe ao semsaborão de Virgilio..., ai! isso é o menos: que diremos do rival—do rival vencedor do *torto Camões!*

Oh! o que diriam aquelles illustres manes! Com que maldicções e esconjurios não fugiriam elles outra vez para a habitação das sombras, fulminando sôbre a degenerada raça bastos sonetos de anathema, e pindaricas odes de confusão eterna!

Qu'é dos poetas portuguezes de hoje? Que se não póde chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances [1]—infronha-

[1] Parece alludir a certas publicações modernas de exquisito feitio e anomala descripção que apparecem ha tres para quatro annos a ésta parte, como o poema *Camões*, uma tal *D. Branca*, e outras modernices.

o vemos entrar solidamente e como quem a sabe ou a professa: apenas uma tinctura de florilegio para imbarbacar os pataus, e fazer incaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas emfim é um prosa, [illegible] do sesquipedal imitador de Stacio, que com tanto crédito de seu delicado genio, o antepõe ao semsaborão de Virgilio —, ai! isso é o menos: que diremos do rival — do rival vencedor do *torto Camões!*

Oh! o que diriam aquelles illustres manes! Com que maldicções e esconjuros não fugiriam elles outra vez para a mansão das sombras, fulminando sôbre a degenerada raça bastos sonetos de anathema, e pindaricas odes de confusão eterna!

Qu'é dos poetas portuguezes de hoje? Que se não póde chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances[1]—infronha-

[1] Parece alludir a certas publicações modernas de exquisito feitio e anomala descripção que apparecem ha tres para quatro annos a ésta parte, como o poema *Camões*, uma tal *D. Branca*, e outras modernices.

dos em romanticos,—ou a esses frios imitadores de Horacio no genero lyrico, que fazem odes com *senso commum*,—ou a esses proselytos da eschola de Gesner, em que tudo é natureza e verdadeira imitação d'ella,—ou a essoutros feitores de tragedias, salvo um ou dois cujos versos tragicos são dignos do soneto e da ode pindarica. Nada! isso não é gente a quem se chame poetas. Oh! qu'é d'aquelles famosos athletas que no circo poetico luctavam infatigaveis com furias, Gorgonas, Tisiphones e Megeras, e bramiam e pullavam e troavam e retumbavam, e faziam versos que nem elles intendiam, de tam sublimes, de tam guindados!—Tudo isso bannido, tudo isso fóra de moda por estes ridiculos bonecos de hoje, para quem tudo é natureza e natural, que chamam á noite *noite*, ao sol *sol*, e a todas as coisas pelo seu nome! Quaes poetas, que se lhes intende tudo quanto dizem sem ir ao diccionario da fabula! Poetas que começam ou ode, ou seja o que

for, sem invocar musas nem Apollo—até creio que nem Apollo nem musas reconhecem os excommungados.

E a isto chamam *romantico;* e diz que é importação de Madame de Staël e do ascetico Chateaubriand, que nos estragaram nossa poesia do Sul com éstas semsaborias do Norte. Pois a antiga eschola *Marino-gongoristico-italo-castelhana,* que resistiu aos esforços de Garção e Diniz, que reviveu mais brilhante e triumphante em toda a seita Elmanica, luctou com Filinto e Filintistas, marimbou para antiquarios-innovadores de toda a especie, e por uma sublime *ruse de guerre,* com differente nome e fingida apparencia, capitaneia as phalanges dos Elmiros e de não sei quantos mais *miros* e *iros,* contra os pretendidos restauradores das simplicidades *camõesinas* e *samirandinas*—ésta eschola, que tammanhos genios, embora esquecidos hoje, tem produzido, hade acabar ás mãos de quatro peralvilhos sem nome e sem glória?

O peior é que não é possivel concentrar a attenção pública em ponto tam importante: as indiabradas politicas tudo absorvem. E elles, os romancistas, os nacionalistas, os racionalistas, os inimigos da brilhante antithese, do campanudo conceito, da fina e intrincada e inintelligivel phrase sublime... elles ganham terreno; e talvez, talvez não tarde a epocha em que se veja um dia de annos sem soneto, um anniversario real ou nacional sem ode pindarica; em que as eclogas de João Xavier, e de muitos outros, causem somno, os sonetos elmanisticos fastio e as epopeias *agustinhas* nôjo.

Ah! d'onde vem tudo isto, d'onde procede todo este damno?—Do esquecimento e abandôno dos antigos, respeitaveis e orthodoxos usos nacionaes. Durassem ainda os *outeiros*, houvesse d'aquellas justas, d'aquelles torneios poeticos em que cadaum fazia *próva singular* e pública de seu talento e finura, e em que nenhum insulso fazedor de versos soltos e

frigidissimas odes ousava intitular-se poeta... houvesse elle *outeiros*, e não veriamos o que vemos.

Tal era o thema e variações da nossa conversação, quando outro allumno da antiga eschola, outro filho do *outeiral* Apollo, nos veiu interromper agradavelmente.—'Rapazes!' correu elle para nós, 'muito estimo incontrá-los aqui. Sucia! Vamos a Odivellas ao outeiro de San'João, que é hoje, ésta noite.'

—'Quê! ainda elle ha d'isso? Olha a nossa conversa... Pois devéras um outeiro?'

—'Outeiro, sim senhor, vamos; é brilhante coisa: ha mais de dez annos que se não faz. Mas hoje temos tudo arranjado, tudo prompto. Vai N., N. e N., que hão de aterrar tudo com sonetos e colcheas, e ja levam provisão de quartetos e consoantes—d'isto que chamam de *nariz de cera*, que servem para todo o mote; mas não importa: o caso é fazer bulha e estallar como um foguete de lagrymas nos ouvidos d'estes pedaços

d'asnos. Havemos de metter tudo n'um chinello. Nem Bocage nem Malhão viram nunca no seu tempo um outeiro como este ha de ser. Vamos, rapazes, que só faltam vocês. Toca, marcha!'

E nós tocámos e marchámos capitaneados pelo nosso director; e eis-nos saltando e folgando, todos umas paschoas; e elle que dá comnosco na *redolente* e viçosa praça da Figueira, onde incontrámos arreiados e vistosos ginetes e haqueneas mordendo de impaciencia—*os doirados freios* não—mas um resto de albarda velha. Eram burros. Porém os mais pimpões e menos asinarios animaes-burros que trotam nas vizinhanças da inclyta Ulyssea.

E os rapazes burriqueiros comnosco, e: —'Este, meu amo, isto é que é jumento!' —'Este, o meu Junot!'—'Leve o meu Bonaparte. Isto é que é fera.'—'Leve o meu Lord inglez, que nunca tropeçou na sua vida' —'Para Cintra, fidalgo, para Cintra? Está

lá em duas horas, o muito; é ir no meu Doutor.'

E com éstas gritarias e desordem e encomios dos ruços travou bulha suja entre os donos e conductores da *asinaria;* durante a qual, o *tertius gaudet* de uma boa velha, que creio que vende toucinho e queijos do Alemtejo, approveitou a occasião e nos veiu offerecer as suas cavalgaduras—aliás burricaduras—que estavam ajaezadas e promptas atrás do *logar.*[1] Estipulou-se prompto o preço, montámos sem mais detença e partimos em garrido trote entre os gritos e assovios da rapaziada burrical, que vendo-se *desappontados* pela nossa repentina deliberação, largaram a bulha para nos rogar em côro um sem-número de suas chulas pragas, a nós e á *mãe dos burros,* a boa velha que nos accom-

[1] *Logar,* para intelligencia do leitor provinciano, é a barraca de madeira em que estão anichados os vendilhões da praça da Figueira e de outras praças e ruas de Lisboa.

modára tam bem, e que não teve o menor quinhão nas jaculatorias da rapazia.

E ja passámos as sujas e inlameadas ruas, e ja em campo aberto a gosar a mais bella e deliciosa tarde de Junho que ainda surriu nos abençoados climas do nosso Meio-dia.

O ar doce e temperado apenas se agitava de uma ligeira viração, tam branda como a que póde causar a trémula vibração de ventarolla asiatica em mãos de formosa escrava, nos regallados jardins de algum nababo delicioso...

Apre! que ésta foi poetica de mais— romantica de mais.

Sejamos classicos:

Qual a suave ondulação mimosa
Que emtorno á mãe dos languidos amores,
Em tarde estiva na estação calmosa,
Meneando os leques de cheirosas flores,
Fazem as Graças nos jardins de Gnido
Para imballar e accalentar Cupido.

Que tal!—o diacho é o malditto *leque*. Parece-me prosaico e vulgar como o

> Escreve a seu irmão que lhe mandasse
> A fazenda com que se resgatasse.

Paciencia.—Abano, ábanico... nada! Ventarolla ja está ditto: leque... leque... Leque sempre é o melhor. E mais não é bom. Mas não diz lá o grande poeta da *Phenix*[1], fallando do ferreiro Polyphemo:

> E porque só no vento se affiança,
> Lhe servia de *folle* uma esperança?

Pois *folle* não é mais poetico do que *leque*: e em sublime, guindado, elevado e culto, se alguem sabía, era aquella gente da *Phenix renascida*.

As digressões mattam-me: é a minha ter-

[1] *A Phenix renascida,* preciosa collecção do princípio do seculo passado, em que ha mais versos e poesia gongoristica e elmanica do que em todas as collecções poeticas imaginaveis.

rivel e imperdivel manha.—Onde iamos nós?—No caminho de Odivellas: é verdade.

E iamos nós andando, andando, isto é, os nossos burros trotando, trotando, e o ar delicioso, e os campos lindos, e as vinhas e os pomares e os bosques exhalando fragancia; e tudo alegre e risonho, respirando saúde e vida e contentamento; e nós discutindo consoantes, questionando sôbre rhymas, ventilando metros, e outras que taes coisas de sublime importancia.

—'E que conheces tu lá para te dar mote?' disse um da sucia para outro.

—'E para dar doce?... que é um pouco mais interessante.'

—'Em que tu fallas! Vergonha...'

—'Fallo no que penso, que ja tenho fome: e que será lá para noite velha, quando os consoantes começarem a faltar, as ideas a fugir, e um pobre homem com o *fecho* do soneto atravessado na garganta, que nem para trás nem para deante! Ahi é que os eu

quero ver: o estomago vazio, e o parto de um soneto atravessado? Ninguem resiste a isso: eu por mim...'

—'Fuma-se.'

—'Bom é: mas fumar não enche.'

—'Querem vocês ouvir um soneto que eu fiz em Coimbra, de *consoantes forçados,* a um malditto que estava a jogar a ronda commigo, ganhando-me o dinheiro, e não me quiz dar um *pontifice* em que eu tinha o ôlho, que me dannava por elle?

—'Venha!' disseram todos.

—'Pois ahi vae' continuou o auctor do soneto:

Dá cá d'esse cigarro uma fumaça
Antes que a lata a cachações te meça:
Dá-o por bem, antes que a mal t'o peça;
Passa cá o pontifice, lorpaça.

Isso agora é de mais, isso é pirraça,
Dou o cavaco, azoo com tal peça;
Se não m'o dás, ja ja com toda a pressa,
Desconfio, inquisilo co'a phalaça.

Deixa estar que inda um dia quando eu possa,
Se algum diabo, meu ratão, te atiça
A pedir-me um cigarro, é logo coça.

Es hereje, infiel, não vais á missa,
Uma ponta negar não te faz móça
Porque a alma tens de estopa ou de cortiça.

Bravos geraes e unanimes e sinceros. Tenho observado que entre auctores — e poetas, que é a peior raça de auctores — as coisas jocoserias, de galanteria, são geralmente appreciadas sem inveja, e applaudidas sem aquellas frias restricções do amor proprio que impedem os filhos de Apollo de acharem gôsto e prazer no que é bello ou grande nas obras de seus confrades. Não é affectação, não é maledicencia; é que *gostar* é *gosar*, e quem não *gosa* não gosta. E como hade um poeta gosar no merecimento e na glória de outro poeta? — coitados! As obras de mera brincadeira não teem pretenções, não disputam logar a ninguem;

todos lhe acham graça por pouco que ellas valham. E assim foi ésta.

Mas sempre houve quem viesse com a reflexão:—'Ah! sonetos d'este genero, o Bocage: aquelle

> Cara de réo com fummos de juiz,
> Figura de prezepe ou de entremez...'

—'Não, senhor, eu prefiro o outro:

> Da minha ingrata Flerida gentil
> Os verdes olhos esmeraldas são...'

—'Isso não são consoantes forçados.'

—'São, sim, senhor.'—'Não são, não, senhor.'—'Essa é boa! não sei eu o que são consoantes forçados?'—'Não sabes; que esses nunca o foram.'

São, não são; trava questão renhida,
> Cada qual seus amigos favorecem.

E redeas que se descuidam, e o quadrupede de um dos principaes questionadores de joelhos a terra, e o cavalleiro atrás d'elle —mas de narizes em vez de joelhos,— e o burro immediato que tropeça no cavalleiro —aliás burriqueiro—e no burro; e zaz, a

terra tambem—como um regimento de cartas de jogar. E risota; e *ai meu braço! e ai meu nariz!*—E um dos burros que se levanta e foge, e o cavalleiro cocheando atrás d'elle, e nós todos a cercar, e o liberto animal ao galope e relinchando e pinoteando e escaramuçando em todo o sentido e por todos os orgams que estes *generosos* animaes costumam... E nós fazendo um alarido de todos os d—bos. E se não é um pobre saloio que vinha do mercado e agarrou o burro, algum dos outros animaes tinha de ser commum-de-dois para o resto da jornada.

Felizmente o resto era bagatella; e sem mais questões nem incidentes, chegámos ao cruzeiro gothico que fica na pequena eminencia, d'onde tivemos ampla vista do antiquissimo e celebrado convento de Odivellas, em cuja igreja jaz o grande rei D. Diniz, e em cujo dormitorio tantas vezes jazeu outro rei—que não sei se foi grande ou pequeno—D. João V de freiratica memoria.

Entrámos solemnemente pelo portão de ferro que fecha a grande praça do convento, como uma banda de cavalleiros em estacada de torneio. Pelos modestos e pacificos ginetes bem se deixava ver—quando por *al* não fôsse—que mais eram trovadores do que justadores os que assim chegavam aos venerandos muros do antigo castello monastico.

O mosteiro comeffeito, ainda que situado em uma baixa pouco pittoresca, seus ares tinha de castello nos edificios primittivos; mas um sem-numero de irregulares accrescentos de diversas datas destroem a illusão romanesca.

E nós ás cortezias ás madres que apontavam a espreitar pelas janellas,—e alguns a visitar o padre confessor,

Gordo-cachaci-pansudo Bernardo [1],

[1] Este verso não é meu, e não me lembro de quem é.

que, segundo *uso usado,* habita uma commoda e confortavel vivenda defronte do convento.—E eu que me escapo da sucia, e por meu natural curioso e amigo de antigualhas, fui-me summindo pelo antigo e lageado corredor, ou claustro externo, formado pela balaustrada para o lado da porta da egreja. Estava aberta a porta, e eu entrei com a imaginação exaltada no solemne e magestoso espectaculo do interior de um templo gothico: tal o promettia o exterior d'elle.—Em geral a architectura gothica é para mim um quadro de solemne tristeza que me absorve os sentidos todos n'um gôso indefinivel, n'um estado que não sei explicar, porque se não parece com nenhuma das sensações que os monumentos de outro genero, que as outras bellezas das artes me excitam.

Mas ésta especie de architectura—e a mais simples mais se embelleza—no interior de um templo solitario, com uma luz

escassa, como elles geralmente a teem, enche-me a alma de um certo não-sei-quê entre gôso, respeito, devoção, melancholia e suavidade, que posso ali estar horas esquecidas sem me lembrar nem me importar mais nada. Muitas vezes me succedeu entrar na antiga e veneranda cathedral de Coimbra, deserta e desamparada,—rico monumento gothico, um dos mais antigos da Europa, talvez anterior á conquista dos arabes, e que está no desprêzo e abandôno porque nós somos uma nação desmazelada:—não eramos, mas assim nos fez a monachocracia que apodreceu a nação até o amago. O retabulo da capella mor da sé, chamada a *sé velha* de Coimbra, é o mais fino e perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tenho noticia, e talvez, que exista. Haverá oito annos estava ainda perfeitamente conservado.

E então, os ricos monumentos sepulchraes dentro e fóra da egreja!—que em Ingla-

terra ou n'outro paiz *christão* seriam conservados com respeito e veneração de reliquias! —alli, estragados, as inscripções illegiveis, alguns cobertos de implastos modernos... Que vergonha, que deshonra nacional!

E mais ainda bem que o bispo de Coimbra e o seu cabido commetteram [1] a vergonhosa acção de abandonar a antiquissima e veneranda sé da que foi por seculos capital do reino, em que floreceram prelados illustres por sciencia e virtudes, varões de tanto nome e merito—a que não hãode chegar de certo os modernos desertores do venerando e augusto templo! Ainda bem, digo eu, que elles o abandonaram: senão já estaria a ésta hora aquelle interessante monumento da antiguidade estragado e desfigurado com as modernizações *graeco-gallas* [2]

[1] Na extincção dos Jesuitas em Portugal, o bispo e cabido de Coimbra abandonaram a sua antiquissima cathedral e foram occupar a egreja dos Jesuitas.

[2] Graeco-gallas faz cacophonia em portuguez, mas não importa. Chamo *graeco-gallo* uma especie ou

que implastam e imascaram em Portugal as mais bellas reliquias da antiguidade gothica — e sueva — e romana — e grega, que de tudo isso havia por nossos templos e palacios e edificios publicos. Se eu tivesse auctoridade pública, mandava *un beau matin* desimplastar tudo isso, descaiar as pyramides, columnas e monumentos que abundam pelos montes do Minho e charnecas da Beira, pelos baldios do Alemtejo, por toda a parte, e que por toda a parte o mau gôsto tem caiado e implastado, quando não destruido pelos fundamentos: não sei porquê. Só se porque a estupidez e deshonra dos netos se invergonha da memoria dos avoengos — tam differentes! — Talvez.

Mas nada d'isto me lembrou ao entrar a

stylo de architectura do tempo de Luiz XIV, que nem é grega, nem romana, nem oriental, nem gothica, mas uma mistura muito florida e recortada de diversos generos, muito carregada de ornatos e muito mesquinha e inelegante. É stylo ainda hoje predominante em Portugal em retabulos de capellas e que taes.

porta da antiquissima egreja de Odivellas; e com a imaginação toda cheia das pacificas glórias do grande Diniz, entrei possuido de respeito no sanctuario em que repoisam suas cinzas.

Desappontamento — desappontamento inglez — que não ha outra palavra em lingua nenhuma que expresse o que eu senti — desappontamento tam triste e tam aguado, nunca o provei. O interior da egreja é exactamente o tal mixto hermaphrodito de architectura amphibia e ridicula, de doirados e marmores fingidos, de columnas anomalas que a nenhuma *ordem* pertencem — ou mais exactamente, formam a nova ordem *asnatica*, adoptada para a construcção de quasi todos os novos edificios de Portugal, e para a *implastação* e degradação de todos os antigos.

E o sepulchro, o tumulo de D. Diniz, qu'é d'elle? — Não é nenhuma d'éstas sepulturas razas, espero eu ao menos. Não.

—No altar mor? Não. Absolutamente não apparece. Em fim deparei com um pobre homem, assim coisa de sacristão, muito velho e muito bruto, que me valeu de *cicerone*:—'Hade ser n'aquella capellinha velha á esquerda.'—Como! n'ésta aqui, abandonada, cheia de teias d'aranha, indecente!.. E era n'essa; n'essa estava o tumulo de D. Diniz; uma especie de sarcophago meio moderno *afrancezado*, meio antigo *agregado* ou *egypcianado*, feito de estuque, pintado a *morte-côr*, fingindo pedra lioz; as armas de Portugal, tambem pintadas na frente, mas pintadas como hoje as pinta e grava e esculpe a geral e descuidada ignorancia,—escudo redondo que nunca foi escudo real, coroa da Senhora da Conceição, que nunca foi coroa portugueza: semsaboria e ridicularia vulgar nos sellos publicos, na moeda, nos edificios do Estado, em tudo:—que até n'estas coisas pequenas está Portugal degenerado, mudado e parodiado.

Pois nem o singelo monumento do grande rei D. Diniz escapou á implastagem universal? Nem o respeito á sua memoria, nem a veneração a tam honradas cinzas, nada valeu!—Coitadas, as pobres freiras, e o toicinhudo confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritoria, uma honraria á memoria do fundador, caiando-lhe, incaliçando-lhe, borrando-lhe e sarapintando-lhe o monumento.

O meu cicerone teve a bondade de se ir embora, e de me deixar só á minha vontade fazer de meu vagar éstas reflexões, em que não levei pouco tempo.

Quando eu mais imbebido estava n'ellas, e com os olhos machinalmente fitos no monumento, senti de repente aopé de mim signal de folego vivo. Acordei do meu quasi lethargo, e ao voltar-me incarei com um homem môço ainda, mas desbotado de toda a flor da edade, mal trajado, mas de uma fi-

gura não vulgar, d'éstas que ficam, olhos vivos e penetrantes, e com certo não-sei-quê extraordinario em todo elle que me tocou. Tinha-se approximado de mim sem o eu sentir, e com os braços cruzados sôbre o peito, como que me media com uns olhos tam vivos que pareciam entrar-me até o mais recondito do coração. Observámo-nos algum tempo em silencio. Rompeu-o elle:—'É a primeira vez que vem a ésta nossa egreja?... se não sou confiado em perguntar...'

—'Faz-me muito favor.'—A physionomia do homem, o som da voz, certo quer-que fôsse particular me prevenia em favor d'elle.—'É certamente a primeira; e com grande mágoa e desconsôlo meu, a primeira que vim ver este monumento do nosso grande rei, que o vim achar...'

—'Desfigurado, mascarado pela ignorancia e perverso gôsto d'estes monges das *edades-barbaras;* que taes ou peiores são estes aqui. Estes vandalos fizeram a essa vene-

randa reliquia nacional o mesmo que faziam seus confrades da *meia-edade* aos manuscriptos dos auctores gregos e romanos, que os raspavam, ou lhes comiam a tincta com suas esconjuradas drogas, para approveitarem o pergaminho e escreverem n'elle suas fradarias mysticas e glosas theologicas.'[1]

A comparação ingenhosa trazida sem pedantismo, e que mostrava ao mesmo tempo instrucção e gôsto, causou-me viva admiração: involuntariamente—tal é o podêr dos maus habitos e preconceitos!—voltei a contemplar a mal-roupida figura do homem, o ar humilde de seu corpo e trajo, que tam notavelmente contrastava com a expressão nobre do rosto, a pureza e correcção da pronúncia, o escolhido da phrase, e mais, agora,

[1] Entre outras obras classicas da antiguidade que se teem recobrado fazendo reviver nos *palimpsestes* a antiga escriptura e apagando a dos monges, é o interessante tractado de Cicero *De republica,* que ha pouco se imprimiu.

ésta mostra de illustração tam pouco equivoca. O desconhecido penetrou-me o ânimo:

—'Bem sei em que pensa, e não me admira o seu espanto. Parece-lhe impossivel que uma fraca figura como eu falle n'estas coisas com algum senso commum. Tem muita razão, e eu muito pouco juizo em ceder assim ao primeiro impulso voluntario com que me desmandei de meu silencio e estupidez habitual. Seduziu-me o extasi em que o achei contemplando esse monumento, e a *communhão* mental de nossas idéas. Quantas vezes tenho eu feito essas mesmas dolorosas reflexões em que o achei imbebido, sôbre nossa actual miseria e degradação!'

Eu pasmava de olhar e ouvir o homem.

—'Da-me licença' lhe disse 'que pergunte com quem tenho a honra de fallar?'

Surriu-se com uma especie de affectação philosophica; mas bem se via que era o amargor mysanthropo quem lhe franzia os labios n'aquelle surriso... *amarello*.

—'Sou um pobre homem, senhor: para que quer saber minha humilde condição? Para perder algum pequéno conceito que lhe eu tenha merecido? Mas eu não sou homem que occulte a baixeza da minha esphera. N'isto sou bem pouco portuguez. Pois, senhor, saberá que sou *sacristão-menor* d'esta egreja, e o mais é, que muito *contente* e *satisfeito* da minha sorte.' É escusado notar que as palavras sublinhadas foram ditas com certo tom emphaticó mui particular e expressivo.

Arregallei uns olhos muito pasmados: o homem tornou a surrir, mas agora mais naturalmente, isto é, menos philosophicamente; e continuou:

—'Sim, senhor; mas eu não faço nunca meias-confidencias: a minha historia é curta, e quando a conto é toda. Este velho que lhe mostrou o tumulo de D. Diniz, é meu tio; elle é que é o sacristão principal do convento. Meu pae era lavrador abastado da vizinhança, quiz-me conego ou juiz-de-fóra, fez-

me estudar, mandou-me para a universidade, onde pouco aprendi;—sahi do reino, viagei por paizes extrangeiros, onde apprendi muito. Assentei de não ser ministro nem da egreja nem do estado—por muitas razões, que são longas e fóra d'aqui. Emfim voltei á minha patria, mendigo, sem protecção (meu pae tinha morrido no emtanto cuberto de dívidas) e para maior tormento e desgraça, com cabedal de lettras, que é a mais ruim fazenda que n'este paiz se póde ter... contrabando, moeda falsa, peior. Vi-me sem mais achego nem amparo que este meu tio sacristão, velho rustico e ignorante, mas excellente alma.. Foi a unica mão que se estendeu para me alevantar da miseria. Beijei-a com lagrymas, e heide servi-lo e ajudá-lo até o último dia de sua vida, que, inda mal! me não parece longe. Lá se impenhou com os frades e com a abbadessa, de modo que me fizeram seu ajudante, uma especie de sub-sacristão ou coisa que o valha. Tomei resolução, confor-

mei-me com a minha sorte, mais, assentei de tirar partido d'ella. Todos aqui me teem por mais rudo, mais ignorante ainda que meu proprio tio: varro capellas, accendo velas, ajudo missas,—nos intervallos dou meu passeio por estes formosos arredores, vejeto de dia; e ás noites... á noite é que eu *vivo*. Sosinho, fechado no meu quarto leio, escrevinho, medito, rabisco, góso, *vivo* em fim. E ninguem me amofina, ninguem me intriga, me rala, me matta—porque ninguem me conhece. Vivo feliz, Diogenes n'um tonel de nova especie, e um Diogenes que não dá nos olhos—verdadeira felicidade. Accredite-me, meu rico senhor: ninguem se esconjurava de sua sorte se soubesse *annivelar-se* com ella. Eu defino desgraça e pobreza—a *desproporção entre o desejo e os meios de o satisfazer*. Quem não póde insanchar os meios, não lhe resta senão cercear o desejo. Mas a quantos lhe chega fôrça d'ânimo para isso?

Não sei pintar a admiração e a especie de

pasmo e absorpção de todos os sentidos em que eu estava. O meu philosopho de genero novo continuou:

—'Meu ricco senhor N... (o meu nome! quem lh'o diria?) eu conheço-o de Coimbra; era muito criança quando entrou para a universidade, mal se póde lembrar de mim: eu formei-me no seu segundo anno; mas fui companheiro de um amigo seu, e conheço-o. Estou certo que me não hade trahir: sería perder-me para toda a minha vida...

—'Descance: dou-lhe minha palavra de honra mais sagrada. Porêm não seja esta a última vez...'

—'Bem: mas isto é tarde, os seus companheiros hãode vir por ahi em sua procura; e eu com elles não quero nada. Deixe-lhe mostrar o que é ainda visivel do tumulo de D. Diniz!'

Passámos com difficuldade por entre um dos lados do monumento e a parede da capellinha, e descubri a face opposta do sarco-

phago, a qual não estava implastada e se conservava em sua primitiva rude elegancia: — um lavor gothico simples, com sua orla semeada dos escudos de Portugal ao uso antigo, de muitos castellos (i. é, mais de sette no escudo algarvio exterior) e várias inscripções latinas em lettra *monachal*. A luz do crepusculo escasseava já; não pude deciphrar nenhuma das inscripções: e era impossivel, creio eu, porque os começos e complementos estavam nos outros tres lados do tumulo interrados no malditto estuque *iconoclastico;*

Eu que teimava ainda a ver se podia interpretar alguma das inscripções, quando sentimos entrar gentes na egreja e ouvimos muitas vozes. Eram os meus companheiros que me procuravam. O philosopho sacristão summiu-se como um spectro; e eu, depois de muitos mottejos pela minha devoção que me tinha ha mais de hora e meia na egreja, voltei com elles para o adro ou largo do convento, onde já as fogueiras annunciavam a

folgança e alegrias da abençoada noite de San'João, e chamavam o povo da vizinhança, que acudia aos magotes com viollas e festas, e tangeres e cantares, segundo os permitte e requer a orthodoxa solemnização de tam bemaventurada noite. Começaram logo a illuminar-se as janellas das freiras, e a luzir pelas rotulas, pelas grades, as airosas toucas e os feiticeiros veos — certamente *pouco avaros* — que de-vez-em-quando o lampejo de um lindo rosto, de mattadores olhos inflammavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas. Era electricidade que se estava esperdiçando.

—'Vamos a isto, a isto, rapazes!' foi a voz unanime. E brados de *mote, mote!* aos quaes, depois de breve silencio, respondeu uma voz flautada e sonora, que parecia mesmo de um cherubim, — de quem não está costumado a coisas d'este mundo:

Amor seu faxo n'esta noite apaga.

Debandou toda a phalange poetica; passeou-se, esfregou-se a testa, roeram-se unhas até o sabugo, e a final—palmas, *lá vai!* E sahiu o soneto seguinte, que transcrevo para divertimento, instrucção e edificação do leitor—que veja como nós estavamos devotos e bons-rapazes.

Amor seu faxo n'esta noite apaga.

GLOSA

Parabens, parabens, devotas bellas;
Cupido converteu-se, e mui contritto
Vem, abjurando do paganismo o rito,
Festejar ésta noite em Odivellas.

O arco e settas — atirou com ellas,
Quebrou tudo. Como elle vem bonito!
Tira-lhe o carro um alvo cordeirito,
E na aljava só trás flóreas capellas.

Franqueai-lhe, não temais, vossa clausura,
Que elle hoje não faz mal a quem o affaga,
É pombinha sem fel, todo é doçura:

Tudo o contenta, qualquer coisa o paga;
Extinguindo ao desejo a chamma impura,
Amor seu faxo n'esta noite apaga.

Seguiram-se colcheas, e mais sonetos, e muitas versalhadas outeiraes de toda a especie e calibre, com muito e mui gulloso doce que as madres nos deitavam, e que — ao menos para mim — não foi a menos agradavel circumstancia da noite. Ja bem adiantada ia ella, quando ainda eu brigava muito embirrante com uma malditta décima que nem pela fortuna se queria incaixar no mote. Era o sôbreditto o seguinte:

É doce allívio chorar;
Feliz quem póde fazê-lo!

Eu que tinha minhas certas razões para brincar com este mote, porque sabia *d'onde elle vinha*, estava martellando *rime et raison* para o fazer com algum geito. Mas nunca em minha vida fui tam infeliz; nem para trás nem para deante. Passeiava só e assim ingasgado no meio do largo, a turba-multa dos vates e espectadores accumulada aopé do angulo que formam as duas alas do convento,

quando senti alguem atrás de mim, e que me tocavam no braço... 'Adeus! lá se foi o consoante! Valha-o a breca.'

—'Pois não está farto d'essas semsaborias! Se quer continuar, perdoe, eu me retiro. Mas cuidei...'

—'E cuidou bem; que é grande loucura com effeito estar-me eu aqui a moer, e a taes horas da noite. Basta de outeiro. Mas elles estão incarniçados, e primeiro que acabem...'

—'Se quizesse vir honrar a minha pobre casa e entreter até que acabem, (eu moro aqui aopé) conversavamos... Eu tambem gósto de versos, e por desgraça até os faço... os fiz.'

—'Bravo! estou com a minha gente: vamos.'

Escuso dizer que um dos interlocutores d'este dialogo era o meu sacristão philosopho, o outro eu, que immediatamente acceitei o convite, com dobrada vontade depois que soube que o homem era poeta. Voltámos

costas ao outeiro, e entrámos logo em uma casita pequena e humilde á sahida do largo. Fomos para o quarto do meu novo amigo, que era mui confortavel e aceiado em sua pequenez e modesto arranjo. Deu-me guapa ceia de saboroso peixe frito e salada, com delicioso vinho do sítio, puro e sem aguardente—coisa qne abomino, perversa moda portugueza de conservar o vinho, que equivale a perdê-lo. Conversámos largamente e vagamente sôbre diversos objectos, e viemos a descahir naturalmente no capitulo dos versos.—'Que lhe parece' disse eu 'o que se tem feito ahi no outeiro? Os rapazes resuscitaram hoje com todo o brilho a antiga usança nacional.'

—'Sim; algumas faíscas de ingenho teem vislumbrado por entre uma corja de semsaborias e disparates, que é o de que sempre se compõe um outeiro.'

—'Oh que blasphemia! se os meus companheiros o ouvissem... Ja vejo que é da tal

eschola extrangeira: dos *horacianos*, ou dos *romanticos?*'

—'Não sou nada d'isso: não gósto de escholas e detesto extrangeirices. Em tudo sou *portuguez velho*, e assim heide morrer. Mas a nossa differença toda vai no fixar a epocha dos verdadeiros modelos. Os primeiros portuguezes alfonsinhos eram gente semi-barbara, e em litteratura, em costumes, em linguagem teem pouco que se imite; os degenerados portuguezes que soffreram o jugo castelhano sessenta annos a fio e desprezavam ja a sua lingua bella, sonora e natural, para escrever na impollada e presumpçosa lingua dos tyrannos, quem os hade imitar? Tam pouco o merecem os que depois se seguiram e que não sabiam senão alambicar conceitos e guindar phrases descommunaes e desnaturaes. Outro tanto direi dos ultra-filintistas, dos ultra-elmanistas e dos ultras de toda a especie que hoje infestam e infectam a litteratura portugueza. O que fica,

tiradas éstas epochas, são os bons tempos da monarchia, são os reinados da raça Joannina antes do captiveiro castelhano, e depois d'elle, o curto mas glorioso periodo que se comprehende na última parte do reinado de D. José e na primeira do de D. Maria. Costumes nacionaes, linguagem (a dos bons auctores) tudo é portuguez legitimo, com as variações que o seculo, as luzes, a differente civilização produziram. E restringindo á especie em que estamos, de versos, nos poetas d'essas duas epochas é que apparecem os nossos unicos mestres e modelos. Estudá-los cuidadosamente é indispensavel a quem quizer fazer versos portuguezes; imitá-los cegamente, não; ja porque elles teem muitos defeitos que convem evitar, ja porque ha muitas bellezas que elles desapproveitaram e que nós não devemos. Este é o meu *credo poetico* nacional.

'Quanto a extrangeiros, convem estudá-los, convem imitá-los no que é imitavel, nacionalizando-o: mas o que faz gala de imi-

tar ás tontas os extrangeiros e desprezar os seus, não é só tolo, é ignorante e estupido.

'Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns soffriveis. Tenho queimado milhares, ainda ahi tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vício das *escholas:* nem sempre o consegui; geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer horacianos, filintistas, elmanistas, e agora ultimamente classicos, romanticos? Quer dizer tolice e asneira systematica debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma ode *genial*—ou elegante de qualquer genero simples e natural, não é o stylo, a maneira de Horacio o melhor modêlo? Se faço um soneto ou um epigramma porque não heide tomar Bocage por meu exemplar? Se se tratta de sublimes raptos lyricos, quem chegará tam alto como Francisco-Manuel? Se o meu assumpto é classico, se o talho e adórno no genero grego da arte antiga, se invoco sua elegante mythologia, porque não heide ser eu classico, porque não

heide affinar a minha lyra pela dos sublimes cantores que tam estremados a tocaram? Mas se escolho assumpto moderno, nacional, que precisa um *maravilhoso* nacional, moderno, se emvez da lyra dos vates, tómo o alahude do menestrel ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romantico! Que ridiculos não serão os moldes e adornos classicos do Parthenon ou do Pantheon imbrechados n'este edificio gothico?... Não acha que tenho razão?'

—'Tanta, que me converteu. E não me vou d'aqui sem ver, sem estudar os seus versos. Por fôrça...'

—Por vontade será, e muito boa vontade; que—deixe-os fallar—não ha poeta nem auctor de casta nenhuma que não folgue de mostrar as suas lucubrações, por mesquinhas que sejam.'

O meu philosopho abriu uma arca affonsinha, em que havia immensa papelada de todos os tammanhos e descripções.

—'Prosas, versos, um totilimundi de escrevinhaduras' disse elle 'está aqui n'esta arca de Noeh. Este é o primeiro bicho que sai da arca, e Deus queira que lhe não succeda como ao corvo da sagrada historia.'

Dizendo isto, tirou um grosso e pesado cartapacio informemente cozido a modo de livro, e deu-m'o. Abri no principio, e dizia: —VERSOS DE JOÃO MINIMO—'Pois este é o seu nome?'

—'É o nome porque todos me conhecem. Quando eu andava no mundo chamava-me N.; JOÃO MINIMO foi o que adoptei quando me fiz sacristão, e com que provavelmente me heide interrar debaixo de uma d'aquellas lages, se Deus quizer, ou meu tio não morrer antes, que então...'

Comecei a ler; e interessou-me sôbre maneira a leitura. Pedi para trazer o livro, e obtive com certas condicções, que tenho cumprido á risca. Despedimo-nos com promessas de nos tornarmos a ver cedo; e não tar-

dei a ir reunir-me aos meus companheiros, que, ja fartos de versos, de doce e de freirear, montavam os quadrupedantes ruços. Voltámos a Lisboa sem mais aventura nem coisa digna de se contar.

Li de meu vagar os versos do Sr. João Minimo, em que realmente achei, segundo elle dissera, muita coisa má, muita coisa boa, e muita coisa nem má nem boa.

Tinham passado alguns mezes, e andava eu fazendo tenção de ir uma tarde a Odivellas ver o meu Diogenes sacrista, quando inesperadamente me entrou pela casa dentro um saloio carregado com uma arca enorme, o qual me apresentou a seguinte carta, que vai fielmente trasladada para informação do leitor.

—'Muito meu Sr. — Bordo do navio N. — de Janeiro 182...—Quando ésta lhe chegar, terei ditto um eterno adeus á minha patria. A morte de meu tio cortou os unicos laços que me prendiam a este malfadado paiz. Não sei ainda aonde irei dar commigo: mas sei

que hade ser para longe de portuguezes. D'elles e de tudo quanto é portuguez me despeço. N'este número entram os meus rabiscos, de que o instituo legatario universal com auctoridade absoluta para d'elles dispor como intender—com a condicção unica de que, se algum se publicar, nunca será senão com o nome de—João Minimo.'

Em virtude d'esta auctorização me resolvi a publicar o presente volume, que é a escolha do que me pareceu melhor d'entre a immensa farragem de versalhada conteúda na vasta collecção dos versos de J. M. que eu tinha trazido de Odivellas.

Das outras obras, que são muitas e de mui variado genero, prosas, versos, novellas, historia, moral, direito, etc., etc., darei pelo tempo adeante ao público o que as minhas circumstancias—e as do público—permittirem.

Birmingham, em Warwickshire, Inglaterra,
Dezembro 15—1828.

LYRICA

LIVRO PRIMEIRO

I

A PRIMAVERA

Come, gentle Spring, ethereal mildness, come!
THOMPSON.

Que estancia tam feliz, de Flora alvergue,
Mimo da natureza!
Que saudavel bafejo d'aura estiva
Me renova a existencia!

Doce a mansão das Dryades florentes
O olfato lisongeia;
Ledo c'os filhos o cantor plumoso
Gorgeando esvoaça
De raminho em raminho, e vai na relva
Colhêr o tenro gomo
Da hervinha que desponta, e vem trazê-la
Ao fabricado ninho,
Onde a molle pennuge apenas cobre
Os caros pequeninos.
Tudo é vida, que pulla, que germina
Na alegre natureza.
Quasi se antolha, ao reviver dos troncos,
Ao nascer de mil plantas,
Ouvir a voz que ao cahos tumultuario
A face deu primeira,
Toar de novo, re-crear os entes
Das semines do nada.
Ah! vós, que respiraes ar impestado
Entre o murice e o oiro,
Que ignorais os prazeres da existencia,
Vinde, vinde commigo
No seio da risonha natureza
Conhecê-los, gosá-los.

Ella, que é simples como a flor dos campos,
Não creou para o homem
Doirada habitação, mentida estancia
De prazer depravado.
Aquelle a quem razão limpou dos olhos
Do preconceito as névoas,
Préza seus dons, desliza a turba inchada
De estupidos pavões:
Em quanto elles o vacuo insaciavel
Do ingenito appetite
Errados buscam saciar á toa,
Ri de sua lida o sabio:
Furtando-se ao clarão de Phebo irado,
Entre loução verdores,
No mysterio da vida, nos prodigios
Da creação se imbebe.
Olha o matiz da flor, olha esse luxo
De purpuras e d'oiro!
Nem Salomão em toda a sua pompa
Trajou galas tam riccas.
Este campo, ésta vista appura n'alma
Os sentimentos nobres,
Virtuosos, singelos; restitue
O homem á essencia d'homem.

Assim, latino Orpheu, cantor das Graças,
Nas modicas Sabinas,
Co'a philosopha musa ao lado, ao peito,
Passavas aureos dias.

Ilha Terceira — Abril 12, 1815.

II

DESPEDIDAS DO CAMPO

É forçoso deixar-te, ameno asylo,
Solidão deliciosa;
Mas fica-te, em pinhor, minha saudade
Minha lembrança eterna.
As doces horas que passei comtigo,
Innocentes prazeres,
Que em teu seio de paz gozei tranquillo,
Jamais hãode esquecer-me.
Á sombra de tuas árvores viçosas
Veio a divina Eutherpe

Dar-me a provar os melles venusinos;
Em tuas soledades
A musa austera que ao terror preside,
Na lyra involta em lutto,
Os modos me ensinou que á Grecia culta
Lagrymas arrancavam,
Em remoto porvir, teu chão pisando
Genio votado ás musas
Os echos ouvirá de meus primeiros
Meus innocentes cantos,
E-adorando piedoso o teu recinto,
Dirá: —'Selva felice,
Em que habitou do Pindo o sancto côro,
Salve eu te adoro humilde!'
Assim dirá: e tua suberba fama,
Deixando longe os terminos
Do pequeno terrão que o mar rodeia
Se espraiará no mundo:
A ti virá de longe o peregrino,
Como a Sabina e Tybur,
Pendurar pelos ramos d'essas faias
As votivas capellas.

Ilha Terceira — Septembro 20, 1815.

III

A SOLEDADE

Haec incondita solus
Montibus et silvis studio jactabit inani.
VIRG.

Oh como dilatar-se
Sinto no peito o espirito opprimido!
Como nova existencia
D'este ar da solidão vou recobrando!
Não sinto das cidades
O ar pestilente carregar-me os olhos,
Nem oiço o borborinho
Rugir-me emtorno, do insolente povo,

E a turba petulante
D'ociosos vadios circumdar-me.
Aqui n'este recanto,
Que mal o errado vulgo olhar se digna,
Desfructando prazeres
Só concedidos a gosar do sabio,
Da vida affadigada
Repoiso brandamente, no regaço
De cara Soledade.
Oh! porque ja, na aurora de meus annos,
No despontar primeiro
Do crepusculo tenue da existencia,
Te quero eu tanto e busco,
Ó solidão, amparo de infelizes,
Confidente de mágoas?
De paixões virgem, socegado ainda
Não tem meu coração
Que vir contar aos echos de teus valles,
Ás brenhas de teus montes:
E ja te busco, e ja tam docemente
Me imbebo nas delicias
Da suave tristeza melancholica
Que de teu seio spira!
Mau signal é, mau agoirar (me dizem)

Este fugir da vida
Ás portas d'ella.—Embora: hóspede antigo,
Ó cara Soledade,
Me acoitarás então quando, fugido
A pezares e angústias,
Te for pedir consolação e allívio
Dos porvindouros males.

Ilha Terceira — Outubro 30, 1815.

IV

A SESTA

Veniam merridiatum.
CATULL.

De um sereno ribeiro ás frescas margens
Bordadas de boninas,
Na mão nevada repoisando a face,
Lilia, a mais bella das gentis pastoras
Socegada dormia.
Ella dormia; e zephyro ligeiro

Timido e respeitoso
Nem se atrevia a sussurrar-lhe emtôrno.
Mais placida corria a debil onda
E o plumoso cantor nem murmurava.
O sol, que no zenith
Vibrava raios da mais alta esphera,
Parecia afastar-lhe ao longe a calma.
Espesso freixo, que rodeiam myrthos,
Longe estendia a cupula frondosa,
E, vaidoso do abrigo que prestava,
De namorado requebrava os ramos.
Aos pés da nympha a medo se beijavam,
Quasi affogando o gôso,
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.
Mal lhe cobria os membros delicados
Pouco avaro sendal candido e fino:
Via-se a perna, resvalando a furto,
De pulido marfim que d'alvo cega;
Via-se a fórma do elegante corpo,
E o delicado seio
Suave palpitando
Em doce, voluptuoso movimento.
Dos labios entre-abertos lhe spirava
Mais divino perfume que a ambrosia;

Pouco restava ao soffrego desejo
Debil imaginar de almos thesouros.
Julguei da equorea Chypre nas florestas
Ver a meiga Erycina de cansada
Por Adonis chamar que adormecêra.
Manso e manso approximo, em cada passo,
Confuso, arrebatado,
Cuidando commetter um sacrilegio.
Afasto a medo os ramos invejosos,
Ah!... Lilia reconheço, Lilia, a ingrata
Que ha muito me fugia: corro a ella,
Comêço a lhe beijar as roseas faces,
Beijo-lhe as niveas mãos e os garços olhos:
Nas veias me pullula ardor celeste...

Osculo ardente
Do brando seio
Ja sem receio
Lhe ouso roubar:

Prazer celeste
Lhe entr'abre os lumes,
E mil queixumes
Ia a formar:

Vou a applacá-la,
  Balbuciâmos. .
E ambos ficâmos
  Sem respirar...

Ilha Terceira—Maio 5, 1815.

V

O ANNIVERSARIO DE FILINTO

A UM AMIGO

> Cuncta festinat manus: huc et illuc
> Corsitant mixtæ pueris puellæ:
> Sordidum flammæ trepidant rotantes
> Vertice fummum.
>
> HORAT.

Teremos do bom Porto os copos tinctos,
Tambem virá Madeira,
O saudavel, ameno Carcavellos,
E o topazio brilhante
Dos campos de Tubál, cheiroso e bello,
C'o recendente Pico;

Não em doiradas exquisitas taças,
Mas em puros crystaes.
Corre, amigo, que o lombo acostellado,
Coroado de batatas
Ja lá vejo do espeto retorcido
Fazendo-me negaças.
A meiga Armia, a minha doce amiga,
Doirará nossos gostos:
Vem, não tardes, que os copos ja retinem.
Vem, que por mór festejo,
Á memoria do nosso gran'Filinto
Ja levantar mandei
Sumptuoso mausoleo d'alto relêvo:
Acude e corre, amigo,
Antes que no-lo pesquem lambareiros:
Vem, que é de trouxas d'ovos.

Porto — 1847.

VI

A UM JOVEN POETA

Não librado em dedaleas, cereas azas,
Ousaste o Pindo commetter d'um vôo,
            E do olympio cantor,
            Sem medo ao vitreo pego,
Altissimo emulaste o arrôjo altivo.

Teus versos lendo numerosos, fortes,
Do vivo imaginar senti o impulso,
            Do extasi brilhante

Que ardido, que inlevado
Os homens levantou a par dos deuses.

D'acções heroicas, discorrendo a tea
Antigos vates, alheiada a mente,
Na confusão sublime
Do impeto divino,
Aos ceus ergueram a impetuosa lyra.

De Elide ás palmas, ao suor honroso
Corre turba de heroes: na méta férvida
Eis o vate após elles...
Lidou no pó brioso,
E colhe os loiros com que lh'orna as frentes.

Vingando o espaço d'alongados máres,
Do Téjo ao Indo, o denodado Gama
Vai tremular as Quinas
Victoriosas sempre
No occulto berço da remota aurora.

Ja de Albuquerque aos temerosos golpes
Goa succumbe e Ormuz; fusila a espada,
E troveja a victoria;

Por entre a grita horrenda
Pavida ulula pelo campo a morte.

Se na campina Elea voou Pindaro;
Soltando o panno á majestosa lyra,
Immenso rue Elpino
Pelos máres do oriente
E tropheus ergue que não vence o tempo.

Tal Filinto depois, egual com elles,
Após as Quinas lusitanas corre.
E tu, que os segues, voa
Por esse esteiro lucido:
Não temas, vai, que hasde incontrar co'a glória.

Coimbra — Janeiro 12, 1848.

VII

A NOIVA

Ja no primeiro oriente desfolhando
Suas rosas vem a aurora;
Ja pouco a pouco o manto desdobrando
Da névoa que evapora
Vem o sol pelas altas cumiadas
Dos elevados montes
Acordando hervas, flores esmaltadas
E alvejando nas fontes.
Mais galas não trajou nem mais belleza
Nas vodas de Pelleu

Á voz de Jove toda a natureza,
Quando tredo escondeu
No pomo tam formoso e cubiçado
O malfazejo nume
Faíscas d'esse fogo que, ateado
Em chammas de atro lume,
Da miseranda Troia, que abrazava,
Para a Grecia lavrou,
E os dilatados campos lhe assolava,
As cidades lhe ermou...
Oh! não vem ésta aurora assim pejada
De tão negro porvir:
Que o pomo da belleza disputada
Quem n'o hade aqui renhir
Co'a linda noiva que hoje amor coroa?
Contenda, bem n'a houvera
Entre os que invejam Páris... e aguilhoa
O ciume que lacera:
Mas Hymeneu e Amor–rara alliança!
Lhes fecharam as portas da esperança.

Coimbra — Maio 15, 1818.

VIII

O MONUMENTO

AO DOUTOR J. F. A. FORTUNA

> Absint inani funere næniæ,
> Luctusque turpes, et querimoniæ
> Compesce clamorem, ac sepulchri
> Mitte supervacuos honores.
>
> HORAT.

Esmeros d'ambição pomposa, inchada,
Monumentos de glória imaginaria,
Fastosos mausoleus, onde forçadas
A ceder á vaidade, as bellas artes
Intalharam no marmore sombrio
Prodigios do cinzel, da architectura,

Quaes víra Memphis, admirára a Grecia
E Roma triumphante erguéra aos Cesares!
Ao som de minha voz lugubre e rouca,
Que a singela verdade descarnada
Hoje em accentos rigidos me inspira,
Patenteae um momento á minha vista
O pavoroso, cinerario seio.

Eu vos vejo... Ah! mentidos epitaphios!
Hadrianno aqui jaz, alli Augusto?
Não; só contemplo d'asquerosas cinzas
Mesquinhos restos, miseros sobejos
D'esfomeados, odiosos vermes.
Thebas, Roma, Carthago, Athenas, Sparta,
Onde são teus heroes?—Ao nada horrivel
Do esquecido sepulchro baquearam.
Junctos se densam no funereo acervo
Os evos desiguaes; vão de mistura,
Entre o squalido pó, jazer c'a morte
Lanças d'heroes, cajados de pastores.
Come a terra os andrajos do mendigo
Co'a purpura dos reis. Imperios, thronos,
Portentosas facções, riquezas, glória,
Tudo a campa invejosa opprime a um tempo.

—Só tu, sabedoria, tu, virtude,
Sôbre a pyra da morte acrysolada
Mais nitida refulges, só te isentas
Da lei universal da natureza.
Inda existe Catão, se Augusto é morto,
E, se Crasso morreu, Cicero vive.
A fama lhes prolonga eternamente
Nas gerações futuras a existencia.
Volvem no longo curso inteiros seculos,
E na roda incansavel das edades,
Ao tempo sobranceiros vivem, fulgem.

—Oh! lusa Athenas, deixa o pranto funebre,
Lança da frente o lugubre cypreste:
Louros te cumprem—redivivas palmas
Ao teu sabio incansavel, ao teu mestre,
Ao teu Fortuna. Venerando nome!
Nome que de meu peito excitas grato
Lagrymas doces de lembrado affecto,
De saudade eterna! Quantas lidas
Para nos illustrar, quantas fadigas
Constante não soffreu! Quantas barreiras
Ousado franqueou c'o faxo vívido
Da san philosophia! Ah! vós o vistes:

Methodo obscuro, na região das trevas
Por subtilezas vans, vanmente urdido,
Despe á sua voz a fórma inredadora.
Ja ousa o joven, que estudioso anhela,
No academico seio, entrar o arcano
Da moral natureza, as leis e a essencia,
C'o fio luminoso, que teceram
As sábias mãos do esclarecido mestre,
Seguir audaz na inrevezada senda
Methaphysico, antigo labyrinto.
O colosso cahiu de arduas chymeras,
A tocha da razão vive, e dissipa
A inextricavel noite da ignorancia.
O homem vê mais distinctos seus direitos,
E a ser homem apprende c'os mais homens.
Quanto lhe deve a academia, a patria!
Quanto lhe deve a humanidade inteira!

Ah! que em vão clamas, ruidosa inveja,
Silvando embalde co'a viperea lingua
Tentas innodoar com teu veneno
Os lucidos tropheus que ergueu Minerva.
Oh! grita embora; ninguem te ouve os brados,
Settas que vibras no pavez imbatem

Que a fama illustre perennal resguarda.
Sobranceiro a teu odio, a teus imbustes,
Pela estrada da glória foi ao Olympo.

Oh! vê lá da estellifera morada,
Onde, altaneiro á rotação dos astros,
Vês girar a teus pés milhões de mundos,
Olha como entre nós ainda vives,
Olha a multiplicar tua existencia
Por milagre d'amor unida á nossa.

Eia! corramos: toda a natureza
A voz da gratidão hade seguir-nos.
Ja do centro da terra o marmor duro
Em medidas porções se talha e ajusta;
Altas columnas de per si se alisam,
Se lavram capiteis, cornijas pullem;
Pouco a pouco se espalma, e brune o jaspe;
Estatuas se erguem, desincurvam, pousam,
D'emtôrno á campa majestosa e bella.
Alli se ve a candida amizade
Com a sciencia nobre; alli avulta
Em franco aspecto a san philosophia;
Alli... Novo prodigio observo, e pasmo:

Mão invisivel em lustrosa tarja
Em aureas lettras a gravar começa
O nome de Fortuna... Oh! não, suspende:
Injúria á gratidão fôra gravá-lo,
Impresso em nossos peitos vive ha muito;
Que em cada coração lhe ergue a saudade
Um busto, um mausoleu, talvez um templo.

Coimbra—Março, 1819.

IX

A MORTE

A D. M. J. VANZELLER

> How deep implanted in the mind of man
> Is the terror of death. I sing it's sov'reign cure.
>
> YOUNG.

A morte!.. Sim a morte; ouvi-lhe o brado,
Senti ranger-lhe a formidavel foice
Com que as myrrhadas mãos lhe armou o Eterno.

Porque, SENHOR, do cahos tumultuario
Tam bella e esperançosa ergueste a vida,
Se aopé da vida collocaste a morte!

. . . .

Surge do abysmo a face do universo,
Rotam no espaço rutillantes astros;
E, sôbre o eixo revolvendo, a esphera
Em compassado e fixo movimento
Das leis se rege de immutavel ordem;
Veceja a terra e se infloreia e brota
O util dos fructos c'o prazer das flores;
A natureza inteira vive e cresce;
Brilha a mão do Creador nas obras suas;
E tudo... com um golpe extingue a Morte!
Basta-lhe um sôpro, e o sôpro da existencia,
Que do Eterno emanou, se esvai ao nada!...

Musa das trevas, do pavor, do espanto,
Que os sons, que os ais da gemedora lyra
No silencio da noite, á luz tremente
De froixa lua, em soledade esparzes,
Que os funebres lamentos inspiraste
Ao herdeiro christão de antigos bardos,
Ao propheta, ao philosopho da noite [1],
Que insinaste as endeixas do sepulchro
Ao sublime cantor da eternidade [2],

[1] Young.
[2] Foscolo.

E do gêlo da campa á mente erguida
Lhe dardejavas scintillante fogo,
Agora as fauces do medonho abysmo
Me rompe, ó deusa, ao barathro insondavel
Desce da Morte, vem: sigo-te affoito.

Ei-la sentada no horroroso solio
De amontoados, resequidos ossos!
Aos escarnados pés se apinham, jazem
Infindas gerações em cinza e vermes.
A um lado o tempo, com veloz compasso,
Lhe bate as breves, fugitivas horas;
E a cada golpe, que um instante marca,
Desce um golpe da foice carcomida,
Que milhares de victimas lhe prostra.
Cai c'o trémulo ancião tenra donzella,
C'o pastor desvalido o rei potente...
Em voraz sorvedouro, aos pés do throno,
Se precipita e somme em van torrente
Riqueza, formosura, esfôrço, glória...
Sabedoria, e tu tambem accurvas
Á lei universal da natureza.
Mas porque de repente no seu throno
Vacillou e tremeu a omnipotente,

Implacavel rainha do universo?
O longo braço descarnado e sêcco,
Mas certeiro no golpe, ensaia e move;
Trez vezes tenta, e trez recua e silva;
De raiva os ossos com stridor lhe rangem...
Ás tuas leis, ó Morte, alguem se atreve
A resistir?... Ja vibra o golpe e fere...
Não, não chega a ferir... — Subito horriveis
Tremedores trovões nos ares troam,
Rue rapido o raio, as nuvens fende,
E do Senhor a voz soou na altura.

De um baque o throno, o monstro, o horror e as trevas
Cahiram, dissiparam-se: em bonança
Raia sereno, luminoso dia.
Azul saphyra os horisontes vestem,
E com o sol no ceu se juncta a aurora;
De flores e verdura se recama,
E o prado, os montes matizando cobre;
Amenas fontes, placidos ribeiros
Cahem das penhas, cobrejando correm
E entre fulvas areias se deslizam;
Pelas selvas o zephyro sussurra,
E o plumoso cantor ledo gorgeia,

De sôbre o verde ramo que baloiça,
Angelica, suave melodia.

Tal do Eden nos jardins, do orbe na infancia,
Do homem sem culpa habitação ditosa,
Surria de innocente a natureza.

Que amena estancia!... Se outra vez se abriram
Aos degradados as vedadas portas
Que o primeiro peccado lhes cerrára?...
Ja leio em characteres rutillantes
Fulgurando no ar — 'Mansão dos justos:'
Vejo em candidas vestes refulgentes,
Pelo prado em choreas divididos,
Entes quasi divinos... Quem são estes?
Oh, se vós sois os justos, insinae-me
A essa estancia feliz qual senda guia.

Com voz como de mãe que o filho ameiga
Me responde um de angelico semblante:
—'Só conduz para aqui uma vereda
Espaçosa e suave, amena e grata,
A da virtude; estreita, inrevezada
Do mundo os sabios vãos a imaginaram.

Desvairada moral o finge á mente:
Sombra inganosa da rasão suberba
Que á virtude chamou difficil, ardua
Por fazer glória van do que é ventura!
Não, filho, só no crime ha dor e angústia,
Só delicia e prazer ha na virtude:
Um preceito d'amor suas leis são todas;
D'este princípio os outros se derivam.
N'elle, no só amor se incerram todos.
Ama os homens e a Deus amarás n'elles,
Ama-os, soccorre-os; e a virtude n'alma,
E os ceus no coração terás com ella.'

Disse, e do gesto divinal acceso
Lhe transluzia a fervida virtude
Que do instincto do amor fez lei suave.

Absorto, imbevecido, os olhos fitos,
Extasiado contemplo, e a pouco e pouco
Distinguir me parece... Oh, sim que é ella!
—'Anjo consolador, alma celeste
Es tu' clamei 'e ao mundo, aos desgraçados
Te roubaram os ceus! Ai do orpham triste,
Ai da mesquinha, misera viuva,

Ai da afflicta donzella desvalída
Que assim ficam sem mãe e ao desamparo!
Ó patria minha, Porto venturoso,
Oh, desgraçado agora!...

Ia eu por deante,
Mas subito rubor lhe cobre as faces;
De humildade corou, e os olhos baixos
Vai-se affastando em vagaroso passo.

A celeste visão desapparece.
Esvai-se a amena, deliciosa estancia;
Só n'um deserto arido me vejo.
Abrolhos, sarças, rubidos espinhos
Em sôlta areia apenas se divisam;
Montes a pino, de escalvada rocha,
Mettem ao longe horror á natureza.
Pinheiro esguio, a espaço e espaço, erguido
Co'as oiriçadas, verde-negras comas
Vai topetar nas carregadas nuvens.
Aqui o sol, que os raios bemfazejos
Presta á vegetação, dá vida aos gommos
E excita o germen das nascentes plantas,
Aqui, só quando ardendo em rubro fogo

No cão rabido as fúrias dobra e punge,
Raio consummidor dos ceus dardeja.

Tal na arenosa solidão de Zahra
Está morta e queimada a natureza.

Mal começava a revolver na mente
O que vejo, o que sinto—eis braço occulto
Me segura; alta voz das nuvens rompe:
—'Mortal, a imagem ves do mundo inteiro
Quando o egoismo pelo mundo impera.
Foje dos crimes o mais negro e horrivel,
E a primeira das candidas virtudes
Segue em tuas acções, canta em teus hymnos.'

Disse, e a invisivel mão na minha lyra
Senti batendo resoar nas cordas:
A medo as pulso, melodioso accento,
Som mais que humano me sahiu da lyra.
Nem doçuras d'amor, nem ais, nem prantos,
Glórias, feitos d'heroes, ja tudo esquece;
Só da virtude amor e amor dos homens,
Só de philantropia heroes intoa.

E a ti, boa Isabel, a ti primeira
Tecerei com meus hymnos a grinalda
De inmorredoiras, sempre vivas flores.
Das praias d'Albion, da patria ingente
Da glória, da razão, da libérdade,
Te mandaram os ceus em dom piedoso
A éstas nossas praias que adoptaste,
Que orphans te choram, desherdadas hoje.
Aqui, planta de bençãos e virtude,
Cresces, e amparas com a sombra amena
O adoptivo terreno; aqui teus braços
Delicados e tenros se incostaram
A antigo tronco ja copado, e fundo
De longas, salutiferas raizes,
Que em nossos doces climas esquecido
De sua batava origem, nos adorna
As majestosas ribas d'este Douro.

Tal em vergel mimoso acobertado,
Fructo de assidua vigilante indústria,
A esforços d'arte e esméro de cultura,
Que os climas, estações, que os tempos muda,
De longes plagas, de apartadas terras
Se incontram junctas extrangeiras plantas;

Por mutua inclinação se estreitam, se unem,
E com seus castos, candidos amores
Nova se criam deliciosa patria.

D'este par virtuoso — o Porto o sabe,
Sabem-no os infelizes — que virtudes
A união bemfadada coroaram!

Oh! corram, patria minha, de teus olhos,
Eternas corram saudosas lagrymas.
Se ella mais venturosa existe agora,
Se nos seios da glória coroada,
O premio colhe das fadigas suas;
Se em cópia digna d'ella — aos seus amigos,
Os infelizes — deixa vinculado
O thesouro de amor e de piedade
Que no materno coração guardava,
Oh! nem assim a dor se nos ameiga,
Não póde diminuir nossa saudade.
O anjo consolador voou da terra;
A mãe do pobre, a mãe do desvalido
Foi, voltou para o ceu que no'la dera.
Mas n'este valle, aonde tantas lagrymas
Inchugou sua ardente charidade,

O nome ficará perpetuamente,
O doce nome de Isabel gravado
Nos corações da gente portugueza.
E de seculo em seculo contadas
Suas memorias, que morrer não podem,
Serão modêlo ás gerações futuras
De virtude, de amor da humanidade.

Coimbra — Dezembro 31, 1849.

X

A INFANCIA

A UM MENINO

> Tel dans un secret vallon
> Croit à l'abri de l'aquilon
> Un jeune lys, l'amour de la nature.
>
> RACINE.

Aurora da existencia, infancia amavel,
            Edade abençoada
Da mão que rege, que aviventa os dias,
            Mimo da natureza,
Da candida innocencia bafejado,
            Breve, mas linda flor

Sôbre o gomo da vida despontada,
Infancia!—oh meiga edade!
Tu no facil prazer de simples gôsto,
De mui sinceros brincos,
Estreitando mentidas esperanças
Ao prazo d'um momento,
E aos desregrados vôos do desejo,
A mesquinhez do injôo
Ignorancia feliz sem fôrça oppondo,
Ves no porvir remoto
Sem asco, sem desdem, porque mui longe,
O pavoroso aspecto
Da abhorrecida, misera velhice,
Que os mal seguros passos
Vai na fouce da morte abordoando,
E os membros ingoiados
Ao gélo do sepulchro estende, e treme
C'o frio horror do nada.
Infancia! oh quadra mais gentil da vida,
Risonha primavera,
Quanto mais doce que o fervente estio,
Que o tormentoso outomno!
Avara natureza! ella é tam breve,
A manhan da existencia!

Quam tenue, pouco e pouco, a flor desbota,
Esvai, murchando, e sécca!
Eis o calmoso estio: — brilha em fogo
Clarão sulphureo e rubido,
Sol de ardentes paixões, astro sem orbita,
Tumultuario planeta,
Que ao bem negando as criminosas luzes,
Presta fulgor terrivel
A solapados, incobertos males,
A falsarios prazeres.
Paixões! barbaro dom da natureza!
Carniceiros verdugos
D'humanos corações, que em vossos griffos
Espedaçais cruentos,
Ah! longe o bafo pestilente e sordido,
O halito da morte!
Longe do imperio vosso existe e folga
A mui fagueira edade.
Infancia! doce, carinhoso inlêvo,
Objecto suspirado
Da minha saudade, dos meus prantos,
Dos crus, amargos prantos
De acerba dor, no venenoso calix
Do tormento vertidos!

Prantos que um deus cruel, o deus das mágoas,
O refalsado numen
Dos seccos, roxos, macerados olhos
Vaidoso arranca ainda;
Que sôbre a campa, que escavou co'as settas
E surrindo me aponta,
Folgando atraiçoado, zomba e mofa
De meu gemer e angústias;
Um despota, um cruel... Amor—Socega,
Não chores, tenro infante.
Ah! ja tremes de ouvir-lhe o nome horrivel?
Sentes o som stridente
Da pejada pharetra?—Oh! longe es d'elle:
Teus olhos innocentes
Não podem ver-lhe a face desabrida.
Amor (descança) é monstro;
Mas, se um deus bemfazejo, um deus amigo
Lhe imbebe a furto as settas
No suave licor d'alma virtude,
De innocente desejo;
Então, em vez d'horror, dos tiros brotam
Ineffaveis delicias:
Então, falsado o intento ao sevo numen,
(Mas quam raro prodigio!)

Nectareo favo de ventura e gôso
Doce do peito estila;
Foge o bando cruel de infidos zelos;
Pura, suave chamma
Em virtuoso altar recende e brilha;
Aurea, gentil cadeia
Sinceros corações inlaça e prende.
Taes o ceu bondadoso,
Tenro menino em prosperados dias,
Prazeres te future.
Tal conheças amor, qual puro e candido,
Innocente rebrilha
No seio á Divindade. Oh! fixa os olhos
Des-criminosos, simples
No mui ditoso par de teus ingenuos,
De teus amantes paes:
Ve como em sancta união mutuam férvidos
Suavissimos deleites;
Como ternos suspiram, como existem
Nos braços da ventura.
Le nos olhos gentis da bella espôsa
Seu fado lisongeiro
O satisfeito espôso: ei-los se espelham
Na cópia suspirada,

Dom tam pedido aos ceus, dom grato e meigo
De mui caroaveis numes.
Nymphas do Lima, dae, trazei alegres
Recendentes boninas;
A mãos cheias vertei, coroae-lh'as frontes,
Matizae-lh'as pisadas:
E, se o vosso podêr se extende ao olvido,
Se da tenaz memoria
C'o mago incanto das formosas aguas
Cortais lembranças vivas,
Não corrais por aqui, deixae piedosas,
Para memoria grata
Das virtudes dos paes, na cópia amada,
No mimoso transumpto
Do filhinho gentil, vivo traslado
De exemplo á humanidade.

Coimbra—Dezembro, 1819.

XI

SONHO PROPHETICO

Dabit deus tandem.
VIRGIL. ÆN.

Sombras espessas da callada noite
O matutino albor vinha rasgando,
E da lucida estancia, onde apontava
Languido e froixo ainda o sol nascente,
D'incerta, fraca luz vestigios candidos
Desparzia no polo; o dubio aspecto
Córava a pouco e pouco a natureza.
Do renascente dia a mensageira
Ja nos balcões surgíra do oriente
D'entre os amplexos do marido annoso;
Sôltas ao vento as crespas, aureas comas,
E involta em roxo, resplendente manto

Que interlaçadas perolas bordavam.
O pesado vapor do grave somno,
Que em olvido tranquillo a alma sepulta,
A dissolver-se lento começava;
Meio aberto e fechado estava ainda
O usado tracto entre a alma e entre os sentidos;
As suspensas ideas resurgiam,
Mas sôbre azas ligeiras vagueando,
Sôltas do imperio da razão que as guia,
Em cáhos novo e estranho amalgamadas,
Mudavam, cada instante, aspecto e fórma.
Por este doce tempo a eburnea porta
Se abre no Elysio, e a turba grata e leve
Dos lisongeiros, dos volateis sonhos
Azas côr d'Iris para o mundo extende.

N'este dubio, confuso e brando estado
De esquecimento o espirito suspenso,
Voar cuidei a solitario, inculto,
Ermo, sombrio valle: alta e fragosa
Escalvada montanha o fecha a um lado,
E á negra bocca de horrida caverna
Desfallecida e languida pousava
Veneranda matrona: armas, bandeiras,

Luas, Aguias, Leões, tropheus guerreiros
A seus pés se apinhavam. Ólho attento:
Pesavam em seus pés grilhões de ferro,
Ferreas das mãos algemas lhe pendiam.
Como de forcejar cançada ha muito,
Jazia em languidez, e as alvas roupas
Tinha o sangue dos pulsos salpicado.
Despertou-se algum tanto, e em ais sentidos
Do íntimo peito rompe. Absorto e mudo,
Ouvi que em froixa voz assim fallava:
—'Prantos! prantos! Ja nada mais sobeja!
Eu a flor das nações, eu que, outro tempo,
Contava pelos dias meus triumphos!
Que em cada um de meus filhos tinha um nume,
Eu agora... ai de mim!... só gemo e chóro!
Só ais, só prantos, só gemidos restam
A quem do mundo governou o imperio!
Éstas mãos victoriosas, que, outro tempo,
Impunharam o sceptro do Oceano,
D'onde o fado pendeu d'Africa e d'Asia,
Agora em vez do sceptro, em vez das palmas,
Grilhões!... ferreos grilhões!... e os pulsos roxos
E as vis algemas com meu sangue e lagrymas
De contínuo lavadas!... miseranda!

A mesma inda serei? Tenho inda filhos?
Filhos! Oh nome que me rasga o peito!
Oh lembrança de dor, idea amarga!
Passadas glórias de que serve á mente
N'angústia recordar? Essas bandeiras,
Esses despojos, triumphaes reliquias
De esquecidas venturas... fado horrivel,
Para o péso augmentar de meus tormentos,
Só m'os deixa o cruel, só m'os conserva.
Aguias suberbas, remontadas Luas,
Açulados Leões, por quantas vezes
Ante mim ja prostrados, confundidos,
E submissos no pó, trementes, pavidos
Não me adorastes curvos! quantas vezes,
Ao só brandir a minha dextra um ferro,
Alfanjes mil e mil se espedaçaram,
Lanças cahiram! bastiões de rôjo,
Suberbas grympas, elevadas tôrres,
Altas muralhas subito baquearam!
Tal fui; taes foram filhos meus outr'ora...
Ah! senhores então, escravos hoje...
Escravos! oh que nome abominavel!
E ha ceus que mandem tal, deuses que o ordenem?
Sem leis, sem patria, na oppressão, nos ferros

Não vêdes, filhos meus, não tendes peito,
Olhos não tendes para ver o abysmo
Que vos abre ante os pés a tyrannia?
A tyrannia, esse execrando monstro
Que, ladeado de furias, de maldades,
De sôbre o throno, que lhe ergueu a intriga,
Que o fanatismo vil, que a cobardia,
Que a barbara ignorancia lhe sustentam,
Punhaes, venenos, carceres reparte!
Esse monstro!... e das garras sanguinarias
Não lhe roubais a miseranda patria?
Não tendes labios ja, não tendes braços
Para bradar vingança e executá-la!...'

Aqui gemeu de novo, e amargo pranto
Pela face ja pallida desliza;
Nas contorsões da dor, na ância do peito
Moveu-se um pouco, e vi... brazão fulgente
Tinha no seio venerando... as Quinas!
As Quinas, sim; e Lysia era a matrona.

Senti o coração todo estallar-me
Co'a dolorosa vista... Eis repentino,
Como das nuvens subito cahido,

Desmesurado, esqualido gigante
Em molle immensa e colossal se amostra:
Ferrea lhe cobre os membros a armadura,
Ferrea na dextra lhe fulmina a espada,
E ferreo todo no semblante e gesto.
Ao vê-lo correr á triste víctima
C'o ferro em punho, conheci quem era,
E tremi do execrando Despotismo.
Fallou-lhe o monstro assim com fero cenho:

—'Bradar vingança! executá-la! E ousas
Proferi-lo sem pejo e sem remorsos?
Quem eu sou, quem tu es ja te esqueceste?..'
Queres forçar a espada da justiça?...'
—'Justiça! E em nome tal es tu quem fallas!
Justiça adonde impera o Despotismo!
Onde as leis...'

—'Meu prazer, minha vontade;
As leis são éstas. Ao vassallo cumpre
Executá-las só, não conhecê-las:
Os direitos do sceptro a vós não cumpre,
Mesquinha plebe, examinar audazes.
Cegos obedecer, tremer ante elle,
Curvar-se e respeitar...'

—'E esse direito,
E a nossa obrigação d'onde é provinda?'
—'Da fôrça.'
—'E a força é lei?'
—'Dos ceus á terra
O supremo podêr aos reis proveio.
Seus direitos...'
—'E Deus, se lh'os outorga,
Nenhuma obrigação lh'impoz com elles?
Aos desgraçados, miserandos povos,
Que aos ferros condemnou e á desventura,
Co'a eterna obrigação do soffrimento
Nenhum direito deu?'
—'Altos decretos
Do Eterno examinar vos é vedado.'
—'É boa por essencia a Divindade.'
—'É justa.'
—'Sim.'
—'E vingativa.'
—'Opprobrio
Que só vós lhe fazeis, blasphemia horrivel!'

Mal soaram pelo ar os sons extremos,
Eis repentinos, rapidos fuzilam

Raios, coriscos; troa o ceu tremendo,
E em fummo e fogo se me esconde o valle.

Vai-se acclarando a cerração; e em breve
Vejo em mais pura luz que a tocha d'alva
A matrona gentil brilhar ja livre.
Morto a seus pés o monstro lhe jazia
Que em negro sangue se escoava ainda.

Exultei de prazer... acórdo... e vejo
Que era sonho a visão, phantasma o gôso.
Maldisse os ferros que me pesam inda,
E aos tyrannos jurei odio implacavel.

Coimbra — Dezembro, 1819.

XII

PEDIDO A UM POETA

O MEU AMIGO J. F. DE OLIVEIRA-LEITÃO

Tu, na difficil mas segura estrada
Que o nosso bom Ferreira nos trilhára,
Corres, fitando a meta luminosa,
Do mestre de Venusa.
Sinceros e de lei teus versos puros
O brilhante oripel não têem da moda;
Despreza a tua bella e casta musa
Meretricios infeites.

Quaes egrejinhas de infantil folguedo
Se armam no ar, de papelão e talco,
Essas trovas tafues por ahi tinem
Nos ouvidos dos nescios;
Outras inda mais oucas, assopradas
De tola affectação de van sciencia
Pilhada, aqui, alli, nos diccionarios,
Pedantes Mevios louvem.
Eu quero de teus versos regalar-me,
E descançar o ouvido fatigado
De tanto descompasso e destempêro,
Em sua doce harmonia.
Sei que um novo penhor das aureas musas
Houveste agora: — deixa-me admirá-lo;
Com o profano vulgo não me affastes
Dos mysterios divinos.

Coimbra — 1849.

XIII

A ANNALIA

Salve dia d'amor sempre jucundo!
Annalia incantadora
N'esta risonha aurora
Para me aventurar vieste ao mundo.

Quando assomar no apavonado oriente
Amor te viu fagueiro,
As frechas prazenteiro
Aguçou, e surriu todo contente:

Fugiu da mãe aos amorosos braços,
E em teu rosto divino
Depor foi, de contino,
Incantos, phyltros e amorosos laços.

Assim me enfeitiçaste! — assim rendida
Trago alma e coração,
Que, sem ésta prisão,
Nem eu ja sei viver nem quero a vida.

Annalia, amado bem, tam fausto dia
Celebremos contentes;
E as flores innocentes
Colhamos d'esta vida fugidia:

O tempo voa, as horas despedidas
Tam ligeiras decorrem,
Murcham tam breve e morrem
Rosas que do prazer não são colhidas!...

Porto — 1819.

XIV

FILINTO

> Á patria sagrou tudo,
> Tudo sagrou a ingratos.
>
> FIL. ELYS.

Portuguezes, morreu!... D'aquelles labios,
D'onde manavam de Hyppocrene os melles,
D'onde angelicos sons coavam n'alma,
Sahiu o último alento.
Aos mui carpidos, dolorosos brados
Em que o Sena rompeu, um pouco ainda
Lavrou no coração mágoa sentida
Ao Tejo invergonhado.

Filinto é morto. As derradeiras vozes
Do vate, ja co'a morte á lucta extrema,
Foram, entre ais de amor, de saudade,
O adeus á patria ingrata.
Desamorada mãe, o filho egregio...
Um filho tal!... Não, musa, o veu do olvido
(Se é possivel corrê-lo) á acção nefanda
Com dor sôbrepunhamos.
Patria é dos sabios o universo inteiro:
No eterno alcaçar de estremada glória,
Sobranceiro aos vaivens d'homens, de fados,
Seguro existe o vate.
Ah! lagrymas, só lagrymas nos restam:
Afrouxo os olhos se debulhem n'ellas,
Innunde a campa que lhe guarda as cinzas
O pranto do remorso.
Oh! nem vos peje, ó Lusos, derramá-las:
Vêde o côro gentil que impera aos evos,
Das fatidicas virgens coroado
Em feral rama as frentes.
Alquebradas de dor, ei-las em turma,
E o deus que tanto o amou, mudo, a desleixo,
Descoroado da luz que inflamma os peitos,
Que a mente lhe avexára,

Tardio os passos, demudado e triste
Após ellas caminha... Aonde, ó musas!
Fugidias?... Ah! sim, longe da terra;
Sim, que Filinto é morto.
— 'É morto' em som funereo, em voz de lucto
Brada o côro donzel, viuvo, afflicto.
Morta é com elle a sonorosa lyra
Que dera aos lusos vida.
Desintoadas as divinas cordas
Esbambeadas, frouxas, nem dão visos
Das que ao Lethes, á morte, ao tempo, ao fado
Tantos heroes roubaram.
A lyra onde, intonando o collo erguido
Aos gritos da razão e da virtude,
Alçou tropheus a liberdade augusta,
Tremulou estendartes;
E de Penn a moral, e o esfôrço ardido
D'Washington, de Franklin soou com glória,
E a mui lidada, pertinaz constancia
Do povo Philadelphico:
Onde em sublimes, arrojados extasis
O vate imbevecido alteia os vôos,
E audaz a par e par c'os novos Gamas
Topéta o firmamento.

Clama no inlêvo do aquecido ingenho
Que é roubo aos penetraes da natureza,
Mas que, sem medo ao pégo, Icareas artes
As leis hãode inverter-lhe.
Ja sons mais doces lhe aprimora a deusa
Que intorna a vida aos gomos do universo;
E em nectar voluptuoso derretidos
Dos labios lhe deslisam.
Languidez do prazer lhe imbebe a mente,
E em devaneio doce transviado,
Com mão incerta tenteando as cordas
Fita gososo a diva.
Como no rapto os olhos mais que humanos
Mysterios divinaes prescrutam, fitam!
Ei-lo rival do vate de Epicuro
A natureza abraça.
Mas oh! que a mãe dos candidos amores,
De agradecida aos dons, aos ais maviosos,
Lhe doa a que o pastor vencêra do Ida,
Infeitiçada zona.
A rôdo as nuas Graças prazenteiras
Risos, jocos brincões lhe vão sparzindo
Quando elle intoa namorados metros,
Desleixadas cantigas:

E a que tam doce ri, bella Delmira,
E a Sapho-Alcipe, e Daphne, e a quantas coube
Ternas beldades a ventura illustre,
Vivem nos sons divinos.
Mas ja firmado em solida exp'riencia,
Nos vaivens da fortuna acrysolado,
Da virtude, da san philosophia
Nos dictames se imbebe:
Aos amigos louvor, louvor a Horacio,
Á virtude, á razão, á liberdade,
No mestre de Venuso os olhos sempre,
Hymnos entoa sacros.
De longe incita os animos briosos
De tam amados seus, tam caros Lusos;
Do acovardado, misero lethargo
Os chama á glória e punge.
Em geniaes, agradecidos canticos
A bemfazeja mão celebra e louva
Que ás mãos griffanhas de açulados tigres,
O roubou denodada.
Ou galhofeiro, por despir angústias,
Dar largas ao espirito opprimido,
Ao fausto Bromio intoa c'os amigos
Festivaes Evoés.

Ah! que limites desconhece o ingenho
Do vate a quem fadou no berço a musa!
Francos lhe abriu do Pindo almos thesouros,
Quantos incerra, Apollo.
Centelha em fogo do cantor d'Olympia,
Arde, ferve, trasborda e rompe e rue;
Da-lhe rebate ao sangue o extasi d'alma,
Transpõe a natureza.
Qual deliriosa em contorsões fatidicas
C'o deus que a preme a Phebade relucta,
E anciada, os olhos invesgando ulula
Mal intendido orac'lo.
Ja d'Albuquerque a temerosa dextra
Rompe alfanges d'Ormuz, xaras de Goa,
E ao som tremente do terrivel bronze
Malaca esbroa os muros.
D'emtôrno ao ferro lhe esvoaça a morte
As fervidas phalanges ladeando;
A um bote portuguez se apinham cento
De escalavrados Indios;
Derrocam torreões, alcaçar's ruem;
Curvam despotas mil joelho altivo,
E sôbre as ruínas triumphaes tremola
Mão vencedora as Quinas.

Castro, o Fabricio luso, o Quincio, o Fabio,
Pacheco, o Scipião na glória e esfôrço,
Scipião nas virtudes, na desdita
Do ingrato ostracismo;
Vós, honrados de Lysia e honra d'ella,
Tambem da lyra as cordas lhe afinastes;
Tambem, lidando em canto ardente e novo,
Vos ingrinalda a fama.
E qual ha hi nos fastos Portuguezes
Que digno fôsse de estremado nome,
Que não lhe deva incenso, altares, templo
No bipartido monte?
Ou na trompa marcial victorias troe,
Ou patrios cysnes descantando á lyra,
Nos harmonicos sons arrebatado.
Imitando os admire.
Ora clamando aos hospedeiros Gallos,
Ora aos pesados Batavos, sombrios:
—'Meonias tubas, Mantuanas cordas
'Tambem possuem Lusos:
'Primeiro que entre vós ja nos luziram
'A aurora, o sol das artes, do bom gôsto.
'Godofredo e Salem não víra o orbe,
'Nem donaires d'Armida,

'Nem vizinho aos confins do Eden vedado
'Chorára o pae da triste humanidade,
'Nem Davidicos sons a harpa germanica
'Pulsára ao Deus ja homem;
'E nós á mestra, á douta antiguidade,
'Nós ao porvir mostravamos suberbos
'O Gama abrindo as imperradas portas
'Da não-sabida Aurora,
'Galgando cabos, arrostando em face,
'C'os revezes luctando arca por arca,
'Fitando ardido, desdenhando ameaços
'De Adamastor irado.
'Inda nas margens do affamado Sena
'Hervadas settas em delirio, em crimes
'Á espôsa de Theseu do peito anciado
'Não arrancaram prantos;
'Nem sons carpidos da infeliz Zaíra,
'Esvaecida d'amor, firme á virtude,
'Deram ao vate, em lagrymas, suspiros,
'O applauso do universo;
'E ja nas brandas veigas do Mondego,
'Na soidão formosa extasiado
'Um Luso impunha o sceptro de Melpomene
'E a Euripides se eleva.

'Beldade afflicta em pranto se definha,
'Clama em vão pelo espôso que a não ouve,
'E os olhos turvos devolvendo ainda
'Aos tam caros filhinhos,
'Inda estendendo amortecidos braços,
'Inda affagando imagens do seu Pedro,
'Entre os amplexos maternaes expira
'Balbuciando o espôso.'
Tal inflammado em zêlo o vate exclama,
Tal brada á Europa: ferve-lhe nas veias,
Brioso n'alma lhe pullula e vive
O amor da patria cara.
Por ella impunha assacalada foice
E affouto corta os vicios infezados
Que d'arrebique extranho affeiam sordidos
A tam formosa lingua;
A lingua de Camões, que ousaram barbaros
Com mescla vil manchar, turpar-lhe as galas;
Tal que se a víra a deusa que a amou tanto,
A des-crêra latina.
Por ella alteando mais o plectro á lyra,
Aos Lusos mostra os seculos famosos,
Evos de glória, de estremados feitos,
De affamados prodigios;

Do ocio covarde os animos argue,
E pela voz do despota dos máres
Agros convicios desatando iroso,
Lh'excita os peitos frouxos.
Mostra-lh'as riccas plagas do Oriente,
Tam regadas do sangue lusitano,
E o sceptro augusto dos cerúleos máres
Nas mãos do Dace e Bátavo.
Oh vate, oh numen, oh brazão perenne
Do portuguez renome! em seio ás musas
Bebes-lhe n'alma altiloquos mysterios
De remontados extasis!
Ei-lo rival do voluptuoso Ariosto
Cavalga affouto hypogriffos alados,
E aureas, priscas ficções de heroicos tempos
Renova em doce metro.
C'o auxilio amigo do fiel menino,
Huol co'a espada de incantado gume
Talha gigantes, despedaça a esmo
Ruíns, descridos meiros;
Grizalhas barbas ao Soldão arranca,
Rouba-lhe em trâco a donairosa Amanda;
E aos magos sons do portentoso corno
(Especial condão!)

Com affanosa, derrengada dança
Austeros cenobitas poleando,
O pranto, admiração, piedade e riso
No vário canto juncta.
Ingenuas graças de nativo pico,
Attico sal do brando Lafontaine,
Mimoso incanto de gentil simpleza,
De loução desalinho,
Com arte mais que humana aos Francos rouba;
De oppostas linguas os thesouros abre,
Depar-empar franquea-lhe os segredos,
Pasma co'a Lysia a Gallia.
Musas, o canto é longo, a voz fraquea...
E agora quando intento erguer-lhe os vôos,
Beber no seio a Phebo almos segredos,
Patentear-lhe o sacrario;
Agora... oh dae soccorro ao vate anciado,
Subi-me á esphera que domina os orbes;
D'Apollo um raio fulminae no canto...
Não: dae-m'o de Filinto.
É d'elle... ja nas veias se me imbebe,
Corre, pullula, ferve, espuma, agita-me...
É d'elle... A mente alhea acode ao peito
A vida... o fogo... os extasis...

Quaes firo novos ceus! que estrellas tópo!
Que mundos estes são!... Fugiram d'homem
Ideias, sensações... o Pindo, o Olympo...
Elysios... não são estes.
Coam divinos sons do ouvido n'alma...
Eternos alleluias! Face a face
Quasi que o vejo... o Ser que impera aos seres,
O Deus, o numen unico!
O brilho, a luz da glória me deslumbra;
Curva côro d'anciões a frente ao Agno;
Abre-se em par septi-sellado livro...
Quaes decretos escuto!
—'Joven ditoso, os crimes se apagaram;
'Eis a coroa, a palma...' É ganho o mundo:
Triumpha a luz, e as trevas acossadas
Ja de rondão no Barathro.
Oh que formosa, candida donzella!
Que meneio gentil no ad'man tam simples!
Alva dos hombros lhe devolve a veste,
Cinge-lhe a frente o louro.
Homerea virgem, ai quanto mais linda
Sob os trajos d'Ignez! quanto mais ternas
Dos meigos labios vozes se deslizam,
Avitos soam canticos!

Como as choreas festivaes guiando,
Garbo donoso e sôbre-sai a todas!
Como, transviada na tortuosa senda
Do monte que descia,
Clama em vão pelas Nayas que a não ouvem,
Amesquinha-se em vão, chora... Eis depara
A luz dos raios tremulos de Phebe
C'o adormecido joven.
—'Não es Endimião?'—'Não es um anjo?'
Dizem.—Ja d'ambos puro amor nos peitos
Settas varára que imbebêra em doce,
Celestial arrobe.
Com que suaves práticas inganam
As fadigas da estrada! Como splende
Na bôcca pura do Arcade mancebo,
Luz de verdade eterna!
Que ameno quadro aos olhos se affigura,
Coa no coração doçura e gôso,
Quando em contraste com ficções idólatras
O do christão viver!
Oh! na singela narração que incantos!
Soam-me n'alma ainda os echos oucos
D'abobadadas catecumbas lobregas
Quando o silencio funebre

Contricta devoção lhes corta em hymnos.
Como é terso e viril e grande o stylo
Quando nos pinta o Capitolio erguido
C'os despojos vergando!
Quando Romanas denodadas hostes
Com as cabildas Francas baralhadas,
Quando a simpleza dos costumes rudes
Vigoroso descreve!
Inda de horror as carnes se arripiam,
Inda c'os roucos sons retreme o ouvido!
Depar-empar do inferno em bronzeos gonzos
Rugindo as portas rompem...
Oh que espantosa confusão de abysmos!
Tormentos uns sobre outros se amontam,
E empé sôbre elles, requintando angústias,
Se alonga a Eternidade!...
Ouço aldravadas nos portões da morte;
Vejo um ramal de lagrymas gelado
Pender d'olhos ja seccos, ja queimados
Do ardor acre do pranto!
Vejo... Não, cerra, ó musa, a negra estancia,
Tapa-lhe o boqueirão c'o atro penedo
Que a separa do cahos. Leva o rumo,
Guia a visões mais brandas.

Os meigos sons d'amor volve-me á lyra,
Volve-me o doce metro desleixado,
Ais deliriosos, lagrymas sentidas,
E a dor que affaga e punge.
Mostra-me á toa pela selva escura
A inculta virgem, desfraldando ao vento
Os não cuidados ja, sacros adornos,
Que a paixão desalinha:
Quando entre annosos, descarnados troncos,
Co'a simpleza d'amor que ignora infeites,
Mostra sem arte o coração que anceia,
Ao tam esquivo amante:
Diz-lhe (e entre as ramas escondido a furto
Surriu maldoso o deus que lh'o insinára)
Diz-lhe que é ella que murmura n'aura,
Que suspira na fonte.
Como, ao sentir o coração do ingrato,
Sob a tremente mão pulsar tam lento,
Lhe esfria a esp'rança, lhe regela n'alma,
Corta-lhe a voz nos labios!
Ja devaneia trémula, e suspira,
Ja sôbre o pico de rochedo alpestre
Nova Sapho a arrojar-se ao mar que freme,
Que em fragas oucas quebra.

Quasi... quasi... Ah! suspende. Ingrato Eudoro!
Tanto amor!... tanta fé!... veda-lhe um crime.
E não é crime o teu? Mais deshumano.
Mais impio tu não foste?
As doçuras d'amor, vivos prazeres
Com negro fel d'esqualidos remorsos
Misturaste, infeliz! Viste (e no peito
A ferrea mão da angústia
Sentiste o coração ir-te affogando)
Viste o ancião deshonrado, o pae tremente
Vibrar o dardo imbelle, e moribundo,
Horrendo amaldiçoar-te.
E ella!... Ao collo gentil eis volve a foice;
O sangue, que a bolhões desata o golpe,
Lhe murcha as rosas, lhe innoitece o lume
Dos olhos ja tam bellos.
Qual flor mimosa ao sol do estio ardente
Pallida inclina a hástea delicada,
Morre, e inda bella no deliquio extremo
Suspira Eudoro... Eudoro!...
Deusas do Pindo, oh! ja não ousa o vate
Nem rastejar-vos! De cançada, a lyra
Incertos sons confusos, desvairados
Mal intoar ja póde.

E pude tanto! e ousei cantar Filinto!
E ainda ousarei seguir-lhe o vôo altivo,
Ja nas do Nilo catadupas bravas,
Ja nas soidões do Egypto,
Onde em furor prophetico extasiado
O solitario ancião futuros rompe;
Ou pelos sacros de Salem vestigios
Prodigiosos, divinos?
Direi memorias da guerreira Sparta,
Ou do austero Lycurgo,—ou de Leonídas
Que o ferro, outr'ora defensor da patria,
Ao novo amante espôso
Presta á defeza da virtude amada?
Direi as fallas concertadas, nobres,
Com que, ante a curia que ladeiam impios,
Orador denodado
Ousou a pró da causa da verdade
Expor-se ás iras sanguinarias, cruas
Do fanatico vil, do atheu suberbo,
Do atraiçoado hypocrita?
Direi, na arena entre açulados tigres,
O adeus, o extremo adeus do amor mais puro?
E a morte já não feia, não terrivel
Entre as lucidas palmas?

Não, musas, não: baldado o arrôjo ardido,
Em despenhada, vergonhosa quéda
Fôra dar nome a não sabidos máres
Co'as atrevidas pennas.
Creae, creae na minha patria, ó deusas,
Novo ingenho que hombree co'a alta impreza,
Dae-lhe, inda mais que a quantos bafejastes,
Os paternos thesoiros;
Dae-lhe altiloquo e doce e puro stylo,
As côres, os pinceis da natureza;
Seja um deus... ou—se tanto inda podesseis!—
Seja um novo Filinto.

Coimbra—Abril, 1849.

XV

AS FÉRIAS

A UM AMIGO

Vejo, mas longe, vir surgindo um dia,
Que hade pôr entre mim, entre estes Getas
Terra em meio.

FILINT.

E em que pensas, amigo, que se occupa
N'este grande aldeão que chamam Porto,
O teu G... amigo?—Come e ronca,
Come, e torna a dormir.

Dormir! que bella vida! E nos pequenos,
Lucidos intervallos, por debique,
Duas odes de Filinto, uma d'Horacio,
Tres scenas de Racine.
Que vida! A longe e longe, um rober d'Whist,
Mais longe ainda, breve *passegiata*
Ao monte das irmans, castas donzellas.
Castas, sim, que não obsta
A auctoridade de Camões brejeiro;
Porqué, se Orpheu *pariu a linda dama,*
Como d'antes ficou donzella e casta,
Virgem depois do parto.
—'E o namôro? (dirás) Abunda o Porto
'Em Delmiras, em Marcias, grato imprêgo
'A um rapaz amador do bello sexo,
'Enthusiasta e callido.'
Foi bom tempo esse tempo do namôro:
Muitas ja me roubou horas e dias,
E da amiga pachorra á gorda pança
Me cerceou bom naco.
Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido
Passeio agora os olhos indiff'rentes;
Qual arrotando, espriguiçando os braços,
Bocejando amiude,

Inda sabendo a bôcca a ferros velhos,
No outro dia de longa comezana,
Mui disputado *toast,* em lauta mesa
Fastiento attentára.
—'E a sucia galhofeira dos rapazes?'
—Rapazes! Não conheces ésta terra,
Que perguntas por tal. Aqui o germen,
Aqui os elementos
Escondidos estão que a vida nova
Hãode chamar a abastardeada especie
Da corrompida gente lusitana.
D'aqui, d'onde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando
As feições renovadas
Com que a antiga familia portugueza
Se distinguia outr'ora: o brio, a honra,
Os sãos costumes, puro amor de patria,
A singela franqueza,
A nobre independencia de outras eras
Resurgirão d'aqui.—E então o aspecto
D'esta formosa terra, hoje incuberto
De nevoeiros britannos,

Resplenderá co'a natural belleza
Que villões fidalguinhos de má medra
Cockneys caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam.
Oh! quando te heide eu ver, patria querida,
Limpa de inglezes, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da immundicie
De fidalguesco lixo!
Irá com elle a sordida ignorancia,
E o seu teimoso *bê,* nasal resfol'go
Que arripia, nausea, aturde e zanga;
Irá co'esses gallegos
Coachar no lodo vil d'onde a mofina
Nos trouxe o sestro bracharo malditto
Que o 'rotundo fallar' da nossa origem
Tam feio corrompeu.
Rusticas *Misses, Ladies* semsabores
Em tola affectação de inglez bronquice
Infronhadas á fôrça, á fôrça gebas,
Desairosas bonecas!
Arrojae-me no Doiro co'esses trajos,
Portuenses donzellas.—Quem podéra
Pleitear comvosco em formosura e graças
Se quaes sois vos mostrasseis?

Fórmas que Venus para si tomára,
D'essa mortalha de invenção fradesca
Quem as libertará? Bioco negro,
De donde mal vislumbra
Raro lampejo de celeste face,
Oh quem o rasgará? Purpureos labios
Em que o Desejo co'a Innocencia riem,
D'onde Amor seus thesoiros,
Alvo dos beijos de sequioso amante
Co'a mão divina dadivoso esparze:
Labios que entr'abrem folgazans e alegres
As nuas Graças lindas,
Quem lhe hade restituir o som canoro
Que torpes fradalhões desaffinaram
C'o insino ignorante—e o presumpçoso
Morgado *lá de schima*
Acostumou ás inflexões galuchas?
Oh! será teu podêr, celeste numen
A quem porora, como a 'Deus ignoto'
Tacito adora o Luso
Em mysterioso altar erguido a occultas
De çafaros patricios, de impios flamines,
E oh! mais que tudo, do extrangeiro odioso
Que no insoffrido jugo

Nos rebitou os cravos que abalavam,
E, mercador chatim, de nosso sangue,
De nossa honra fez tráfico e ganancia
C'os bachás do tyranno.
Sim, amigo; ésta córja odiosa e barbara,
Oppressora da Lusa liberdade,
Esta canalha d'Al-b-on suberbo
Aqui fixou seu throno.
De botelhas coroado, e d'olhos, bôcca,
Das orelhas, nariz e d'outras partes
Esguichando cerveja, n'uma *glória*
De espesso nevoeiro,
Pousou seu genio bruto em nossos muros;
C'o nacional *God-damn*, e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá-nos em trôco os sestros,
Dá-nos as manhas, os costumes féros,
As ridiculas modas, emfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, nayres fede.

Porto — Junho 15, 1819.

XVI

A RECAHIDA

Agnosco veteris vestigia flammæ.

VIRG.

Venus! Venus! ainda no meu peito,
Inda acha que atear teu filho ingrato?
Do fogo que, ai de mim!—julgava extincto,
Do fogo, que ardeu n'elle,
As solapadas cinzas
Desprezada faísca inda incubriam!
Tenho inda coração? Não m'o arrancaram?
Feito pedaços pelas mãos dos zelos
Não acabou de todo?
Inda ousa o desgraçado,

Inda se atreve a suspirar d'amores?
E ella! a perjura! Não a vi sem pejo
A promettida fe quebrar tranquilla?
E os tam ditosos laços
Que a mão perfida atára,
Impia co'a mesma mão despedaçá-los?
Não vi aquelles labios, d'onde outr'ora
Tantas vezes pendeu minha ventura,
Que amor, por tantas vezes,
Constancia me juraram,
Não os vi pronunciar minha desgraça?
Dos olhos, d'onde amor me cravou n'alma
Hervadas settas em delirio, em gôso,
Dos negros, lindos olhos,
Em que só me espelhava,
Que a mim só viam, só d'amor fallavam,
Não vi, fugindo, a lealdade candida
As niveas azas desprender ao longe?
Os languidos suspiros,
Que, em doce devaneio,
Mandava outr'ora o coração aos labios,
Ante mim sem piedade não fugiram,
Inconstantes não foram n'outro peito
Buscar traidor abrigo?
A nivea mão formosa,

Do acre bejo d'amor ja devorada,
Não a vi?... Não; que os olhos desvairados
Tinham a luz perdida.—Amor perverso,
E ousas mostrar-m'a ainda!
Mostra embora, não temo:
Não temo o teu podêr, desprézo o d'ella.
Philtros apura, nos farpões imbebe
Quantos inganos lhe pozeste n'alma.
O alvo das frexas tuas,
O coração que buscas...
Ella m'o espedaçou. Atira embora.

Porto—Julho 18, 1819.

XVII

O VENTRILOQUO

AO MEU AMIGO, N. DA ARROCHELLA

> Dar-lhe-hão os escriptores
> Doze milhões de louvores.
>
> CAMÕES.

Qual entre velhas, impeçadas rumas
De negociaes papeis,
Entre gordos, pesados calhamaços
Do *deve*—e—*hade haver*,
Afflicto sua, sem achar-lhe o rumo
De arranjar os credores,
Commerciante infeliz, que ja fallido,
Vendeu cavallos, seges;
Tal me vi eu pejado de bilhetes,
Que obsequioso amigo

Me enviou das margens do sombrio Doiro.
Oh! mal haja mil vezes
O que primeiro ousou roncar na pança!
Mal haja o chulo Momo
Qual tal idea lhe verteu no bojo!
E tu, Rich'rand facundo,
Podeste lettras dar a tal sandice!
E o douto, guapo livro
Com tam nojenta coisa imporcalhá-lo!
Oh! nunca os doces pratos
Dos succosos, opíparos manjares
A taes barrigas cheguem!
Bromio, se entrar a logrativa guella
Que nos agacha os cobres,
Fuja irritado os sons ventri-strepentes
Das grazinantes tripas.
E queira deus (se ha deus que reja os fados
Das humanas barrigas)
Ao loquaz charlatão com mão piedosa
Torcer-lhe o rumo aos ventos:
Volte-lhe acima o som que vai por baixo,
E almiscare os narizes
Da curiosa, pedantesca turba,
Que ousar dar-lhe um só x.

Desgraçado de mim! victima triste
Eu fui da tal sciencia;
Vi-me coalhado de louçãos bocados
De papelão brunido:
Lidei, suei, dei voltas ao miollo,
Por espalhar—amigo
Do bem commum, das boas, bellas artes,
Os bonitos impressos.
Oh tempos! oh costumes d'outro tempo!
'Não ha quem faça bem,
Nem siquer um:' diz a sagrada pagina,
Que, é de fe, nunca mente.
Nem siquer um!—Um houve: e este meu canto
Lhe erga padrão eterno,
Padrão que arroste os ventri-loquios todos
Que houver por esse mundo.
Pregoem-te nos oucos das barrigas
Quantos panci-fallantes
Deitar Deus nos quadris d'este universo.
Irás, ó Nicolau,
De bilhetes impressos coroado
Dar vaias ao porvir.

Coimbra—Janeiro, 1820.

XVIII

A JULIA

(SAPHICA)

Volvem, ó Julia, seculos e seculos,
Em longos evos amontoando os annos;
Correm as horas açodadas, breves,
Que em tenue espaço
Uma sôbre outra gerações apinham;
A extincto imperio succedendo novos,
D'entre as ruinas de finados reinos
Subito avultam...

Foge á memoria limitada e fraca
A longa teia de inredados fastos,
Inturvam sombras de confuso olvido
Tam longa historia.
Mas póde a arte resistir ao tempo;
Cortou-lhe as pennas que a lembrança apagam,
E epochas certas, memoraveis, grandes
Lhe atou nas azas.
Assim do mundo subjugado outr'ora
Duros senhores, despotas romanos,
Dos fundamentos dos romuleos muros
Seus annos contam;
D'est'arte a Iberia, agradecida a Cesar,
Deduz suas eras das victorias d'elle;
E na Asia credula as contadas luas
Volvem da Hegyra.
Porque te'gora, nos annaes confusos
D'esse deus cego que domina o mundo,
Não fixa as eras de tão longa historia
Epocha certa?
Porque os triumphos são continuos sempre,
Faceis victórias succedendo a outras,
Ja os não conta seus vulgares feitos
O avido numen.

Oh! se em teus labios desprendendo um riso,
Nos meigos olhos despontára, ó Julia,
Faísca tenue do que me abraza
Vívido fogo!...
D'esse momento venturoso e bello
Amor contára nova glória eterna:
Em nescio olvido sepultáras, Julia,
A sua historia.
Mas eu, ai triste! de esperanças louco
Conto delicias de sonhadas glórias...
O sonho acaba, leva-me a ventura,
Só ficam mágoas.
Sapho extremosa, na divina lyra
Pranteando injúrias de Phaon ingrato,
Assim, carpindo, tresvaria as cordas,
Misera e geme.

Coimbra—1820.

XIX

A CÔR DA ROSA

Alvejava de neve outr'ora a rosa,
Nem como agora; doce recendia;
Baixo voava Amor sem tento um dia,
E na rama espinhosa
De sua flor virginea se feria.
Do sangue divinal gotta amorosa
Da ligeira ferida lhe corria,

E as flores da roseira onde cahia
Tomavam do incarnado a côr lustrosa,
Agora formosa
A rubida flor
Recorda de Amor
A chaga ditosa.

Para os braços da mãe voou chorando;
Um beijo lhe acalmou penas e ardores:
E tam doce o remedio achou das dores,
Que Amor só desejou de quando em quando
Que assim penando,
Com seus clamores
Novos favores
Fôsse alcançando.

Subito voa, pelos ares fende;
As rosas viu de sua dor trajadas,
E que só de suas glórias namoradas
Nada dissessem com razão se offende:
A mão lhe estende,
E delicioso
Cheiro amoroso
N'ellas recende.

Vós que as rosas gentis buscaes, amantes,
Nos jardins do prazer,
E, em vez da flor, espinhos penetrantes
Só chegaes a colher,
Resignados soffrei, sêde constantes,
Que a desventura
Que a mágoa e dor
Sempre em doçura
Converte Amor.

Coimbra—Fevereiro, 1820

LYRICA

LIVRO SEGUNDO

I

A LIBERDADE

EM VINTE E QUATRO D'AGOSTO

> Quæ sera tandem
> Nos respicit.
>
> VIRGIL.

Os ferros... os grilhões?... E as mãos ja livres!
E os descarnados pulsos
Desalgemados, soltos!... Nós escravos
Ja miseros não somos?

A patria é patria ja, nós somos homens!
Homem! tal nome é dado
Proferir sem vergonha!—Os santos foros,
O eterno jus sagrado
Que, da origem do ser, nos soprou n'alma
A natureza augusta,
Ja não são crimes! Ja não sorve o abysmo
D'esqualidas masmorras
Ao que intrepido ousou clamar por elles,
E com livres accentos
Aos homens disse: 'Erguei-vos, que sois homens!'
Oh prodigio, oh ventura!
Oh nobre arrôjo de esforçados peitos!
Tu, doce liberdade,
Sôlta dos torpes laços da ignorancia,
Tu desprendeste o vôo,
E em nossos corações, na voz, nos labios,
Oh suspirada ha tanto!
Vieste emfim pousar, vives e animas
C'o almo bafejo os Lusos.
Tu do nosso horisonte as densas trevas,
O inviusado manto
Da hypocrisia vil, do fanatismo,
Da tyrannia accossas;

Tu nos franqueias da existencia o gôso;
E as ferrolhadas portas,
Que o sacrario das leis da natureza
Arduas téqui fechavam,
Tu nos abres em par—homens ja somos!

Porto—Agosto, 1820.

II

À PATRIA

Des loix et non du sang.

J. CHENIER.

Aos pés do marmor de Pompeu, exangue
Cesar triumphador cahiu de rôjo;
Ergueu-se Roma, e a sombra despeitosa
Nos Elysios exulta.
Ao golpe audaz do intrepido mancebo
Liberdade folgou, gemeu natura...
Trajando galas, arrastando luttos
Parricida virtude.

E os ferros? — Outra vez aos pulsos roxos,
Ei-los, novo oppressor os volve á patria...
Foi breve sonho a liberdade, a glória:
Crimes só gera o crime.
Ves lá nas praças d'Albion suberba,
E nas tuas, ó douta, ó culta Gallia,
D'entre as mãos vis do algoz jorra, insanguenta
Regio cruor a terra:
Calca-se aos pés o sceptro ja pedaços,
Rebenta o dique á popular licença,
Veste a anarchia as côres da egualdade...
Eis Cromwel, Robespierre.
Horror do cahos, confusão da noite,
Em que elementos reluctantes pugnam
Antes que a voz do Creador de tudo
Les dê n'um sôpro a ordem,
Imagem, froixa imagem sois do abysmo
Que sob os pés cavou de tantos povos
O extasi, o phrenesi de liberdade
Que não regrou prudencia.
Razão, virtude, sacrosantos numes,
Quantas vezes a veste pura e candida,
Vistes nódoas do crime inchovalhá-la
Por mãos da irman querida?

Da irman!. . . da augusta liberdade! É sonho:
Sois illudidas, ó nações de mundo;
Rasgae a venda que vos cobre os olhos,
Que atou perversa dextra:
Vereis, vereis, sob os altares d'ella,
Solapada a ambição, a intriga, a inveja;
Queimando incensos (que levára ao throno,
Se o throno inda existisse)
Sordido adulador, o baixo int'rêsse.
Liberdade! — Ah que a máscara só vistes,
Que horrivel furia sôbre a face perfida,
Vos illudiu, compondo.
Lysia, Lysia, não tremas, não receies,
Que um novo faxo a liberdade accende:
Pelos alheios erros insinados
Saberemos fugi-los.

Porto — Agosto 30, 1820.

III

SAN' MARTINHO

Siccis nam omnia deus proposuit.
HORAT.

Rapaz, que bulha é essa de chocalhos
Que me rasca no ouvido?
Que matinada, que barulho é este?
Vai ver, anda. Tu ris-te,
E ficas-te! Não ouves?—Mudo e quédo
O magano a surrir-se.
Sabes o que é? Pois falla.—'O repertorio'
Diz o moço 'ahi'stá.'

O repertorio! — Sim, e o *Borda-d'agua:*
Vejamos de quem reza.
San'... San' Martinho... Hoje! isso é impossivel!
O San' Martinho! E copos,
E garrafas, barris não ha na casa?
E eu, rapaz malditto,
Eu co'a barriga impanzinada d'agua!
Com éstas sopas magras!
Eu de dieta! — Sim, dieta. Oh! louco,
Oh! parvo que estou hoje.
Pela brecha do caco o pouco resto
Se evaporou da bolla:
Nem me lembrava ja o tal saltinho
De andante folestria.
Que mal haja mil vezes o primeiro
Que ousou com mão damnada
Sôbre o espinhaço cavallar cingi-lo,
O atraiçoado couro!
Mal haja esse patau de Dom Quichote,
Ou quem quer que antes d'elle
A moda introduziu das Dulcineas
E de andar atrás d'ellas!
Mal haja a parvoa secia de ir buscá-las
Á Foz, ou ao inferno!

E que tinha eu que ver co'as taes meninas
Ou c'o seu fazer d'annos?
E, se o tinha, não era mais bisarro,
Em felpudo jumento
De guapa albarda, aperaltado Sancho,
E sem medo aos manteios
De incantada estalagem, tezo e crespo
Pela rua *Direita*
Mui direito fazer a minha entrada,
Mais fallada e brilhante
Que a do Marialva na imperial Vienna,
De régias vodas nuncio?
Disse brilhante?—Sim, brilhante, e guapa;
Que a grazinante sucia
Da assoviadora, basta rapazia
Em garotal triumpho
Mui ancho havia acompanhar-me á porta
Da senhora dos annos.
E os assovios e a risota?—Oh! fôssem
Escarros e chapadas,
E não me visse agora assim tam murcho
Almejando garrafas,
Sonhando copos, delirando frascos,
E ai! tudo, tudo em falso!

Condoei-vos de mim, festiva malta,
    Galhofeira caterva
Do vinifero, placido Mondego,
    E com piedosas fauces
Á saúde bebei (antes por alma)
    Do pobre irmão carissimo
Que chucha cá de longe pelos dedos,
    E, incarquilhando os beiços,
Co'alma nos copos que brindaes alegres,
    De vossos gostos gosa;
E apposentado, inválido chupista
    Só folga na taberna.

Porto — novembro, 1820.

IV

AO CORPO ACADEMICO [1]

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre
Ante vós, ante os ceus, ante o universo,
Se os ceus, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,
Mal posso o brado alçar debil e froixo.
— Ja lá estão sôbre os cumes da alta glória
Coroados os heroes que, ao forte impulso

[1] Recitada na sala dos actos grandes em Coimbra.

De seus invictos, denodados braços,
O barbaro colosso derrocaram
Do despotismo atroz, da tyrannia,
Que á hypocrisia a máscara traidora
E a cega venda ao louco fanatismo
Com destra mão impavidos rasgaram.
—Tam nobres feitos, tão sublime arrôjo
Assás dos vates resoou na lyra;
De sobejo entre nós do Pindo os cysnes
Com louro eterno ao porvir mandaram;
Em nossos peitos, de sobejo, ha muito
Em characteres os gravou de fogo
A eterna gratidão de um povo livre.

Não posso eu tanto, não me atrevo, ó socios;
Mas tenho um coração que é lusitano,
Mas tenho um coração que é livre e é d'homem.
Livres, como elle, minha voz, meu brado
O que alma sente vos espalhe n'alma,
E o grito da razão troveje ao mundo.

Livres... ah! livre um Portuguez foi sempre,
Que a morte, que os grilhões nunca o renderam.
—Sim, que essa infame, sordida caterva,

Esse rebanho vil de vis escravos
Que ao sceptro da ignorancia acurvam timidos,
Do nome portuguez vergonha e opprobrio,
Portuguezes não são, jamais o foram.
Se-lo-hão esses que, involtos nos farrapos
Da avita glória que trajar não sabem,
Julgam virtude o merito da sorte,
E em si pretendem concentrar direitos
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem?
Reus do crime maior que a terra ha visto,
Reus do crime maior que os ceus puniram,
Reus do crime maior que urdiu o inferno,
Esses... Lusos serão ou serão homens?
—E o nome portuguez, o nome augusto
Ante o qual se prostrou rendida a terra,
O nome portuguez cabe a tal gente?
Cabe n'essoutros que, affumando o throno
C'o torpe incenso de venal lisonja,
Olhos no int'rêsse, ao paternal Sòb'rano
Lhe impedem ver as públicas desgraças,
Gemer nos males de seu povo afflicto?

Ó rei, ó pae, ó suspirado ha tanto,
Ah, rompe de uma vez da intriga as malhas,

Denso negrume que te involve o solio
C'o sceptro vingador dissipa, e vinga
As injúrias do povo que te invoca.

Ó flor da patria, ó mimo de seus filhos,
Ó lusitana illustre juventude,
Jugo de ferro, que pesava outr'ora
Nos insoffridos collos, ja desfeito
Em pedaços quebrou; e a mão suberba
Da ignorancia fanatica e oppressora,
Que os insoffridos labios nos tapava,
Ao golpe audaz cahiu da Liberdade.
Annos de escravidão vingue um só dia,
Seculos ganhem fugitivas horas;
Em livres brados á virtude, á glória
O froixo peito aos cidadãos movamos.
Póde mais do que a espada a voz e a penna;
Mas, se a espada cumprir, cinja-se a espada,
E veja o mundo com terror e espanto
Em cada filho de Minerva, um Marte.

Tremam á nossa voz, caiam por terra
Aos nossos golpes, quantos se atreverem
A usurpar os direitos d'este povo

Que em nós, sua escolhida juventude,
A melhor esperança tem da patria.

Oh! não lhe mallogremos esta esp'rança.
Sejamos como sempre Portuguezes,
Vivamos livres... ou morramos homens.

Coimbra—Novembro, 1820.

V

OS MEUS DESEJOS

Id arbitror
Adprime in vita esse utile, ne quid nimis.

TERENT.

e entre os diversos dons da natureza
Me fôra dada escolha,
Não me attrahíra o fasto das riquezas,
Nem a pompa da glória.
Brilhante ingenho, divinaes talentos,
Quanto folgára te-los!
Mas ai! tantos no mundo os possuiram,
E foram desgraçados!

D Achilles o cantor de terra em terra
Foragido esmolava;
O primeiro brasão da nossa glória,
Vate d'Ignez divino
Entre as garras da esqualida penuria
Desamparado expira;
Ao sublime cantor da maga Armida,
D'Ermínia, de Clorinda
Sôbre o cume do erguido Capitolio
Ja o esperava o louro,
Do cysne de Vauclusa a sombra arguta
Ja revoava emtôrno,
Quer ser-lhe guia, dirigir-lhe os passos
Na difficil vereda...
Eis após longa teia d'infortunios
A morte... E a morte é tudo!
E a ti, britanno bardo, não bastavam
As trevas e a cegueira?
Tu que da miseranda humanidade
Na harpa de Sion choraste
Primeira perda, tudo emfim perdeste:
Tudo!... Restou-te a filha,
Sobejou-te a razão: que importa ao sabio
O resto do universo?

Impunhando a cicuta é grande ainda
O modêlo dos sabios,
Consolando os amigos que o pranteiam
É venturoso ainda.
Guardae os vossos dons, glória e fortuna,
Vossas mercês levae-as;
Deixae-me um coração puro e sensivel,
Um peito generoso,
Dae-me a ventura n'um fiel amigo,
Na razão dae-me um guia.

Coimbra—Dezembro, 1860.

VI

A SAUDADE

Desiderio... nitenti
Nescio quid charum.

CATULL.

Saudade! Oh saudade amarga e crua,
Numen dos ais, do pranto!
Deusa que os corações sem dó, sem mágoa
Tam cruel dilaceras!
Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito,
E na chaga que abriste
Roçar-me as tranças desgrenhadas, humidas,
Que da pallida frente,

Sôbre os torvados, macilentos olhos,
Sôbre a face te descem.
Continuamente os barbaros ministros
De teu furor tyranno,
(Duras lembranças de passados gostos,
De fugidia glória)
Batendo as negras, as funereas azas,
Dentro me esvoaçam n'alma.
Piedade! oh! por piedade um só momento
As angústias suspende;
Da ja convulsa vista um só momento
Oh! tira esse retrato,
Tira esse gesto que adorei, que adoro,
Que amor por meu tormento,
Que a natureza pródiga formaram.
Da branda voz tam meiga
Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito
Dos cortados ouvidos?
Porque lembrar-me os dittos ingraçados?
Porque na face pallida
Renovar-me a impressão, que foi tam meiga,
Dos osculos lascivos?
Porque aos labios, que em fel azedo escumam,
De teu sôpro crestados,

Mandar assomos dos tornados beijos,
Do saboreado nectar!
Risca... Mas ah! perdoa, ó sacra deusa,
As sacrilegas vozes
De blasphemo delirio! Volve ao peito
O pungir de tuas dores:
Teus ais, teu pranto são delicias, mimo
Dos corações sensiveis,
Os gemidos que arrancas dentro d'alma
São desafôgo ás mágoas.
Ternas memorias, deliciosas, meigas,
Sem ti que fôra d'ellas?
Sem ti que fôra do prazer gosado?
Sorveria um momento
Seculos tantos que ajuntou de gôsto,
Que accumulou sôbre elle,
Que, novo Prometheu, roubou do Olympo
Amor co'a mão piedosa.

Coimbra — Dezembro, 1820.

VII

AO CORPO ACADEMICO [1]

Banha-se o coração em sancto júbilo
De vos ver, socios meus, n'este momento.
Transluz em vossos peitos
A alma, virtude divinal, sublime
Que eleva, exalta, que imparelha e une
Aos ceus a terra, a humanidade aos numes.

[1] Na festividade pública em que se celebrou a revolução de 1820, com distribuição de esmolas e com outros actos de charidade.

Lá da etherea mansão, o Ser dos seres
Vos viu dar este exemplo que invergonha
O egoismo dos grandes:
Viu-se adorado nas imagens suas,
Viu-se imitado, reflectido n'ellas,
E a dextra omnipotente a nós extende.

Da Divindade o culto é a virtude,
São leis da natureza as leis divinas:
Disse-o a Palavra d'Elle,
Diz-no'-lo a voz do coração que é sua.
O incenso que se queima nos altares
Não vai tam alto, que o receba o Eterno!

Mas o perfume de suave cheiro
Que das boas acções, que da virtude,
Incruento holocausto!
Spira, e se eleva acima das espheras,
Esse é fummo de grato sacrificio
Que acceito appraz ao Arbitro dos mundos.

Oh! de tal religião, oh! de tal rito
Sejamos sempre apostolos; préguêmos
Na terra ésta doutrina.
Allumie-se a terra, e a terra é livre;
Abram-se os olhos do imbahido povo,
E o povo pugnará por seus direitos.

A vós, ó socios, bem nascida esp'rança
Em que ja se revê da patria a glória,
Sua antiga liberdade,
A vós incumbe a impreza. Ésta em que entrâmos
Guerra é da luz co'as trevas:—eia! á guerra!
Á guerra, que a victória hade ser nossa.

Coimbra—Dezembro, 1820.

VIII

O BRASIL LIBERTO

> Na quarta parte nova os campos ara,
> E, se mais mundo houvera, lá chegára.
>
> CAMÕES.

Houve Grecia, houve Italia, e Sparta e Roma;
Houve, e morreram, jazem.
Sec'los de ferro de inrugadas frontes
As sorveram no abysmo.
Crespas d'abrolhos, hirtas de ruinas
As terras venerandas
Que os pés calcaram de Lycurgos, Brutos,
Involveu-as no opprobrio,

No olvido as sepultou, sumiu-lhe a glória,
Fugindo, a liberdade.
Crueis ministros do abhorrido inferno,
Reinae, reinae sem medo;
Sôbre montões de cinzas, de cadaveres
Estendei ferreo sceptro;
Hervae no azedo fel das taças negras
Os punhaes sanguinarios.
Eis em auxilio vosso armado, eis corre
Pejado de flagicios,
Affiando os griffos de impolgar sedentos
O traidor fanatismo.
O inferno, que os uniu, tremeu de vê-los,
E viu no mundo o inferno.
Lá fervem bonzos, remurmuram, fremem...
Lá c'o faxo da morte
Estalla crepitando a flamma horrisona
Da hypocrita fogueira...
Ai do infeliz que viu a natureza,
Que a viu, que ousou segui-la!
Ei-lo, aos pulsos grilhões, aos pés algemas,
Arremeçado ás chammas
Lá torce em convulsões torrados membros:
Redobra a morte horrores.

Oh virtude! oh razão! oh liberdade!
Deuses! de todo extinctas
Sôbre a terra as deixais? Não resta ao mundo
Senão gemer, carpir-se?
Ah! primeiro, co'a dextra omnipotente
Que outorgou ser ao nada,
Primeiro ao nada lhe volvei a essencia;
Acabae-lhe co'a vida,
Que a vida em crimes não é vida, é morte.
Morra... Mas quê? de novo
A novos mundos dilatais o globo!
Quereis mais crimes, vicios?
Ousadas quilhas de Cabral, Colombo,
Aonde, aonde o rumo?
Prenhes de ferros, de punhaes, de faxos,
Aonde as dextras cruas?
Que quereis d'essas terras innocentes?
'Oiro'—Responde a sordida
Cubiça do homem.—Oiro!—Ah! fome indigna,
Não *sagrada*, inhumana,
De quanto ha hi sagrado, quanto ha sancto
Profanadora impia!
Montezuma, Ataliba, os vossos gritos
Me retumbam no ouvido.

Que horror, oh natureza! — Em novos campos,
Não arroteados inda
Da hervada charrua da maldade,
Degenerada especie
Da terra ja caduca, vai, faminta
De sangue e atrocidades,
Co'as esmirradas mãos semear, colhê-la,
Ampla ceifa de crimes!
Corre-te, humanidade; o velho mundo
Á larga se duplica
Para teu mor opprobrio. — Não: lá surge
N'esse mesmo terreno
Quem vingará a oppressa natureza,
E a mão lhe dá que se erga.
Lá campea Franklin, Washington fulge,
Lá Penn, o esméro, a honra,
O lustre, a admiração do nome d'homem.
O brado — ingente brado! —
Vem retumbar na incanecida Europa:
C'os sons retreme a terra,
Cai a pedaços á ignorancia o throno,
Á hypocrisia a máscara.
O Lirio ajudador, que foi a auxilio
Da nascente republica,

Volta reflorecido, e ja veceja
C'o prolifico *polen*
D'outra mais pura flor, d'outra mais candida,
Que é flor de liberdade.
Faxo, que accendes, inexperta Gallia,
Em tuas mãos se queima:
Esse clarão que dá, tambem é chamma
Que abraza o que allumia.
Mas em teus erros a acertar apprendem
Os povos que só querem
Alva tocha de luz, não tissão negro
De labareda e fummo.
A patria de Viriato assim conquista
A avita liberdade.
Espadas... para quê?—Guerra... qual guerra,
Se paz queremos todos?
Oh! virgens plagas de Cabral famoso,
Se barbaros outr'ora
Vos levámos grilhões, levámos ferros,
(Que tambem arrastavamos)
Hoje comvosco alegres repartimos,
Irmanmente vos damos
Parte igual d'esse dom que os ceus nos deram,
Que a tanto custo houvemos.

Lá vai, lá surge em terra, avulta e cresce
A lusa liberdade.
Folgae, folguemos: Portuguezes todos,
Em laço igual unidos,
Sôbre o seio da patria reclinados,
Como irmãos viveremos.
Oh! seja eterna tam feliz concordia:
Mas, se em má hora um dia
(Longe va negro agoiro!) d'essa escura
Caverna onde o prendêmos,
Resurgir ferreo o despotismo ao throno,
Então hasteae ousados
Os pendões da sincera independencia.
Sim, da paterna casa
Salvae vós as reliquias, os thesoiros,
Antes que os roube o monstro.

Coimbra—Janeiro, 1821.

IX

CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO

> Ne doleas plus nimio, memor
> Immitis Gliceræ, neu miserabiles
> Decantes elegos cur tibi junior
> Læsa perniteat fide.
>
> HORAT.

Consola-te commigo, meu Sarmento,
Consola-te commigo.
Tambem eu fui patau, tambem as Marcias,
As Annalias, Armias,

Me deram que fazer, me atarantaram
Nos meus tempos de amante.
Tambem d'uns olhos ja pendeu meu fado;
Tambem ja n'um surriso
Se estreitou de meus soffregos desejos
O círculo acanhado.
N'um desdem, n'um suspiro, ou morte ou vida
Me deram meus delirios;
Alvejou-me a esperança entre dois labios;
Tambem entre dois labios
Me negrejou terrivel desespéro
C'roado de ciumes.
Como tu me esqueci de que era um homem;
Esqueci-me, e chorei.
Não me invergonho; derramaram lagrimas
Meus olhos inturvados:
Mas foi meu pranto o pranto que deslisa
Quando arrasados n'elle
Os cegos lumes no porvir se colhem
Desventuras e morte.
Sim, fui; mas ja não sou. Correu, desfez-se
Mago veo da illusão:
Olhei pasmado, e conheci de novo
Diff'rente a natureza.

Vi incantos d'amor e os philtros d'elle,
Vi seu imperio, e ri-me.
Vi de mil bellas adornar-se o mundo,
Qual vejo pelo prado
Matizar-se o verdor com lindas flores
Para inlêvo dos olhos.
Votei-lhes desde então, Sarmento amigo,
Quantos me deu sentidos
A mão do Creador, ás bellas todas:
Mas reservei prudente
Dentro do peito, coração e affectos
Para melhor imprêgo.
Ficou-me o coração, ficou ferido
Da porfiada lucta;
Mas pouco e pouco, o balsamo do tempo
Nas ulceras do peito
Foi acalmando a dor, foi-a ameigando,
E alfim cicatrizou-as.
Fomos, fomos eguaes nos desvarios,
Egual nos seja a emenda.
Deixa tu Marcias como eu deixo Annalias,
Ri-te como eu me rio.
E, se inda assomos de prazer, ventura,
De incantador delirio

Vierem surrateiros assaltar-te,
Lembrem-te os meus conselhos,
Faze-lhe cruzes, deita-lhe agua benta;
São tentações do diabo.

Coimbra—Fevereiro, 1821.

X

MADRUGADA

NO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA

Como é grato o passeio entre boninas
Aljofradas das lagrymas da Aurora!

FILINT.

N'este sagrado a Flora, almo recinto,
Throno e delicias d'ella,
Aqui onde o perfume saudavel
Respiro de mil flores,
Como sinto imbeber-se-me a existencia
Em cada trago d'estes

Que os sequiosos pulmões, téqui só fartos
De ar pestilente e mau,
D'este suave e puro avidos sorvem,
E com elle o remedio
Ao trabalhado, enfraquecido peito,
Ao mui pausado sangue!
Quanto é doce á fagueira, amena sombra
Dos variados arbustos,
Co'a fresquidão das plantas rociadas
Das lagrymas da Aurora,
Nos prazeres cevar da Soledade
O descançado espirito!
Como então pela mente se revolvem
Ja passadas ideas,
E véem umas trás outras, acudindo
Á lembrada memória!
Como depois no espaço desmedido
Se espraiam do futuro!
A cada objecto... Aqui ésta palmeira:
Da eternidade o symbolo
Lhe chamou a sabida antiguidade.
Vêde-a; a cabeça airosa
Sôbr'ergue altiva ao circumstante povo
Das variegadas plantas.

Qual jazem nas soidões do Egypto ou Grecia
Desparzidas, confusas
Aqui, alli ruínas venerandas,
Ja sem nome esquecidas;
Passa o viajante e indifferente as olha:
Mas se entre ellas alçar-se
Corynthio marmor ve, columna doria,
Que empé sem medo ao tempo
Parece desafiar a eternidade
E desdenhar dos seculos,
Então pára, respeita a mão dos homens,
Folga de ser um d'elles.
Tal entre o immenso vegetal cortejo
Que me rodeia agora,
Involuntaria a vista só contempla
A nobre, alta rainha
Do vecejante imperio. Alma se expande,
Se ingrandece como ella.
Sinto crescer-me, avigorar-se o espirito;
E o coração no peito
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.
Homem! a natureza
Quam grande te creou! quanto podéras
Se não fugisses d'ella!

Quanto es grande se á voz caroavel sua
Prestas ouvidos sempre!
Aqui juncta á frieza d'esta serra
A palmeira do oriente!
Como poderam dar-lhe vida e patria
Em tam distante clima?
Longe, longe talvez dos seus amores
A triste se amesquinha;
Talvez, surdos queixumes espalhando
Aos solitarios ventos,
Lamente o fertil po n'elles perdido,
Que levaria a vida,
O germen da existencia a novos filhos.
Homem, sê mais piedoso,
Concede um companheiro aos seus amores.
Quam terno, quam sensivel
Foste, Linneu divino! tu que ás filhas
Da amena Primavera,
A flor lhes déste que a existencia doira,
O favo dos prazeres.
Cora ao desabrochar, tinge-se a rosa
De virginal pudor
Ja presentindo os osculos lascivos
Do voluptuoso amante;

Surri no caliz a assucena, o lirio
Ao sentir o bafejo
Da aura lasciva que lhe trás nas azas
O penhor suspirado
De seus ternos, castissimos amores.
Fugi, fugi, ruidosos,
Crus ministros de horrendas tempestades:
Lá na deserta Lybia,
Queimadores Suões, bramantes Euros,
Lá na torrada Arabia
Rolae sem medo os movediços pegos
Da infructuosa areia:
Gyre em nossos vergeis suave e puro
Zephyro amigo e doce,
Que ao consorcio gentil das lindas flores
Ajude prazenteiro.
Não tenham que chorar a patria amada
As hóspedas fragantes
Que d'Asia os montes, de Colombo os plainos
Deixaram saudosas
Por vir imbalsamar c'o activo aroma
Nossos jardins e orná-los,
E a dar-nos vida, restaurar saudes,
C'o próvido especifico.

Linneu! e a patria, o mundo agradecido
De rôjo aos pés não viste?
E aqui teu busto, o de Brotero e Serra
Não vejo collocados!
Ah gente indigna, ah povo desalmado!
Patria...—Não, patria é d'elles
A Europa e o mundo que os conhece e admira.
Ide c'o sacro louro,
Que ao merito, á sciencia, que á virtude,
Com mão roubastes impia,
Coroar os simulacros odiosos
Ao despotismo, á inercia,
Á cruel ambição, á hypocrisia,
Á sordida ignorancia.
Ide; queimae-lhe o incenso da vileza:
Ide... sois dignos d'elles.

Coimbra—Março, 1824.

XI

A LIBERDADE DA IMPRENSA

Do seio do alto Deus, d'onde descendes,
Raras as terras visitas.

FILINT.

Verdade! Oh! vem da escuridão que ha tanto
De emtôrno aos raios teus se imbastecia,
Negro, inviusado veo rasgar do ingano
E da calúmnia perfida.
Vem: mostra emfim ao mundo a face austera;
Traze ao lado a Razão, traze a' Justiça;
São filhas tuas, foragidas ambas,
Comtigo desterradas.

Do faxo, ardente luminar que impunhas,
Desparze em raios o clarão a Elysia;
Mostra-lhe a natureza, que vendada
Sem teu lume não viam.
Homens que o forem—folgarão comtigo;
E os que o não são... que tremam, que se arrojem
Ao cahos da ignorancia e dos phantasmas
Onde o crime despenhas.
Raios que vibras fulminantes, rapidos,
Fofos em cinza os codices dispersem
Que a ignorancia lavrou, sagrou cubiça
E indeusou maldade.
Mas ah! primeiro veja-os o universo:
Sopra-lhe o po dos amontoados seculos,
Leiam-lhe os povos n'essas notas barbaras
O aviltamento antigo:
Corem, pejem-se emfim de seu ludíbrio,
Ao jugo accurvador o péso tomem,
E co'a vara de Lei, desaffogados
Meçam o seu e o alheio.
Mas não ves essa turba murmurante
De homens que aos homens declararam guerra,
Não ves como orgulhosos se incastellam
Nos profanados templos?

Não os ves com que horrendo sacrilegio
Estão detrás do veo do sanctuario
Um negro monte de maldade e horrores
Perfidos a escondê-lo?
Ah! co'a mão descarnada á face horrivel
Rasga a máscara vil do imbuste hypocrita;
Deixa ler-lhes no gesto horrendo os crimes,
As traições, o perjurio.
Oh! não consintas, não, que as sacro-sanctas,
Candidas vestes Religião lh'impreste,
Lh'impreste!... ousem roubar-lh'as os perversos,
Salpicar-lh'as de infamia.
Sim, vem, ó numen, vem; cede benigna
Aos sons carpidos da liberta Elysia.
Um povo inteiro, um povo amesquinhado
Por ti clama e suspira,
A ti clama, a ti brada, em ti só spera:
Tu só, filha do Eterno, em tanta nevoa
Que nos imbarga os passos mal seguros,
Podes abrir caminho.

Coimbra—Março, 1821.

XII

LONGA VIAGEM DE MAR

Nequicquam deus abscidit
  Prudens occeano dissociabili
Terras, si tamen impiæ
  Non tangenda rates transiliunt vada.

HORAT.

Esse doudo Jason, taful de espôsas,
Como, certeiro no alcunhar, lhe chama
    O nosso bom Filinto,
    Que perversa mania

Se lhe incaixou no amago do casco?
Como na tresloucada phantasia
O fado avesso e mau
Dos miseros humanos
Lhe foi pintar as recurvadas quilhas,
A aguda proa, os mastros, as antenas,
As concavas cavernas
E os voadores linhos!
E tu, padre Neptuno, nem ao menos
Lhe soubeste c'o madido tridente
Pregar uma fisgada?
Tam a salvo o deixaste
Levar ao cabo a desvairada imprésa,
Que, a pouco e pouco, de teu vasto imperio
Ousada os mais escuros
Foi pesquisar recantos?
O teu velho Protheu nos seus cantares
Não te soube avisar que um dia um Vasco,
Um Colomb haveria,
Um Magalhães, um Cook?
Que, as magas ciphras combinando, um Nunes
Ao universo admirado mostraria
O pasmoso instrumento?
Mui desleixado andaste,

E mui pouco zeloso de teu reino,
Neptuno, rei das increspadas ondas.
Ah! se mais justiçoso
Houveras castigado
O quebrador primeiro de teus foros;
Se as marulhosas vagas sacudindo,
E o vendaval ruidoso
Soprando das procellas,
Tiveras sua audacia sepultado
No insondavel abysmo d'essas aguas,
Não viera eu mesquinho,
Não vieramos tantos
Pagar por elle agora, e sem remedio
Soffrer balanços, amargar enjoos,
Sêdes curtir ardentes,
Rapar canninas fomes;
Ver só intermeiar comsigo e a morte
Fragil tabuínha, que o bater das ondas
Póde n'um só momento
Fazer em mil pedaços!
Ai de mim! Trinta vezes no horisonte
O pae das luzes despontou radioso,
E co'a tocha brilhante
A meus cançados olhos

Nada mais amostrou que o quadro immenso
De soledade infinda—os ceus e os máres!
Ja trinta para os braços
Correu d'alva Amphitrite,
E os froixos raios, que na irman reflecte,
Nada allumiaram mais que os ceus e as aguas.
Vós, nitidas estrêllas,
Em meu cortado peito
Que mais vistes senão saudade e mágoa?
No coração ralado de amarguras
Que mais podestes ler-me
Senão tristes lembranças
Dos amigos fieis, do tratto ameno,
Das horas doces que passei ditoso
No ameigador regaço
D'amor e da amisade?
Delicias, que eu gosei, tinha eu de ve-las
Tam algozmente lacerar-me o peito!
Memorias tam fagueiras
N'alma cravar-me a morte!
Oh! se um dia, feliz, a amada terra
Beijando religioso, e descançado
Nos braços dos amigos
A salvo tórno a ver-me,

E... Mas que é isto?—Lá me foge a penna...
Lá me voa o papel.—Baloiço ingrato
Té este me cerceia
Extremo desaffôgo.

No mar, em Abril, 1821.

XIII

A LIDIA

> Ingratam Veneri pone superbiam,
> Non te Penelopem difficilem procis
> Tyrrenus genuit pater.
>
> HORAT.

Basta de crueldades, Lydia bella,
Que das castas Penelopes a moda
Ha muito que se foi;
Nem tanta ha ja de *procos* abundancia
Nos dias d'escacez em que vivemos:
Que esses que outr'ora em Ithaca

Aos pares, nas vacancias pretendiam
De opposição levar o beneficio
Do fallador Ulysses,
Não teem ca entre nós quem os imite:
Que assim se abastardea o velho mundo,
E os usos bons se perdem!
Ja beneficios taes são todos simples,
E os leva *de barrete* a todo o instante
Qualquer padre de requiem.

Angra—Maio, 1821.

XIV

O ANANAZ

Tal vive o sabio, extrangeira planta,
Em terreno ignorante.

FILINT.

Coroado rei dos filhos de Pomona,
Quam galhardo e formoso
Intonas essa frente de monarcha,
E a purpura doirada
Vestes na linda côr com que te involve
A ricca natureza!
Oh! como póde as leis assim cortar-lhe
Arte ingenhosa d'homens,

E, desvairados climas confundindo,
No acobertado incêrro
A patria dar-te, e fecundar-te os germes
No mui feliz exilio!
D'est'arte o sabio, que rodeiam gelos
De rispida ignorancia,
O halito foge dos ruins que o cercam;
Cria-se nova patria
Na solidão, c'os livros, co'a virtude,
E no olvido dos nescios.
Tal nos pantanos d'Haya o bom Filinto
C'o seu Horacio e Musas,
Aureos fructos da lyra sazonava
No solitario alvergue.

Angra—Junho, 1821.

XV

O BEIJO

> Mélons ces baisers, ô ma vie !
> De leur nombre je veux douter,
> Et si souvent les répéter,
> Que l'œil courroucé de l'envie
> Désespère de les compter.
>
> MOLEVAUT : — CATULL.

Quando, entre o alegre, festival cortêjo
Das ondas namoradas,
Sahiu a aventurar os ceus e o mundo
A meiga Venus linda,
As lisas Graças candidas, despidas
Logo emtôrno a cercaram.

Singelo e puro ainda, Amor fagueiro,
Formoso innocentinho
Que n'um suspiro lhe nasceu do peito,
Entre os maternos braços
Com as ternas mãosinhas affagando
Lhe vinha a face bella.
Surria para o filho docemente
A languida Cyprina;
E os derretidos olhos voluptuosos
No filho se reviam.
Nos labios d'ambos sussurrava a medo
O inxame dos prazeres,
E doce por entre elles lhe emanava
Todo o mel das delicias.
Por divinal instincto se approxima
A face á face do outro,
Brandamente seus labios se tocaram,
E do prazer celeste
Que no mago contacto saboreiam,
Eis que subito nasces,
Filho ardente d'Amor, de Venus filho,
Suavissimo Beijo.
Logo das tres irmans a mais formosa,
A prazenteira Agláe

No lindo seio te escondeu de neve;
E na mansão fagueira
D'amorosos desejos rodeado
Viveste espaço longo.
Té que, do furto sabedora a deusa,
Te implumou niveas azas,
Com que voaste para a mãe lasciva,
E andas de seio em seio,
Entre as bellas que Amor fere co'as settas
Furtivo demorando.
E ora atrevidos, inflammados labios
Cubiçosos te roubam;
Ora es o premio de ferventes súpplicas
De respeitoso amante.
—Premio tardio e raro e mal seguro,
Quanto es ditoso roubo!—
E quantas vezes no virgineo seio,
Que alveja d'innocencia,
De entrar não ousas, que a modestia o guarda,
Que t'o veda o recato?
Corrido foges um momento, e triste;
Porêm subito voltas,
E vens pousar-lhe languido nos labios
Meio infantis e abertos.

Não tarda que o desejo lhe scintille
Nos olhos descuidados;
E então virá não timido mancebo
Os arcanos franquear-lhe.

Angra—Junho, 1821.

XVI

A DÉLIA

Lembras-te, dize, ó Délia, do momento
Que aos teus formosos labios
Voou dos meus o filho de Cyprina?
Acaso não sentiste
Abrir-se um ceu d'amor para nós ambos?
Não te bateu no peito
Anciado o coração de gôso arfando?
Tenro menino elle era,
Timido ainda, invergonhado infante:
Quanto depois, ó Délia,

Cresceu de ousado, e se atreveu a quanto!
Quaes penetrou sacrarios!
De virgineo pudor que veos teimosos
Não ergueu confiado!
Os prazeres o sabem, e a ventura
Que nos teve no collo...
Elles que o digam—dêmos-lhe licença,
Que o insinem áquelles
Que tanto como nós inda se amarem,
Se é que os houver no mundo.

Angra—Junho, 1821.

LYRICA

LIVRO TERCEIRO

I

A MEU TIO D. ALEXANDRE DA SAGRADA FAMILIA

Lousa da morte! as lagrymas não podem
Amolgar-te a dureza:
Nem mais sobeja do que tristes lagrimas;
Que o mais, tu o roubaste.
A inferrujada chave do sepulchro,
Mal deu a fatal volta,
Some-se, e affunda ao pégo das edades...
Nem ha tornar a vê-la.
A mui pesada mão da eternidade
Carrega o sêllo eterno

Nos angulos da campa; e sôbre a lagem
Mui breve se condensam
Geladas aguas de lodoso olvido.
Acaso alguns momentos
Morredoira saudade emtôrno adeja,
Que mal de escasso pranto
Amor ou gratidão lhe rociaram
As curtas, debeis pennas:
Até que, pouco e pouco, ao longe a affasta
A viração do tempo,
Ou do ingrato assettear de cru desprêzo
Acinte mal-ferida,
Cai d'aza morta ás ribas descuidadas
Do paludoso Lethes.
Ah! que os olhos ainda se me arrasam,
Ainda agradecidas
Em fio e fio as lagrimas deslisam!
Tu varão estremado,
Tu não morreste ainda no meu peito:
Tu que em minha alma tenra
As primeiras sementes desparziste
Das lettras, da virtude,
Que á sombra augusta de teu nobre exemplo
Tenras desabrochando,

Crescêram quanto são. Infante ainda,
O ânimo singelo
Me avigoraste da constancia tua,
Da nobre fortaleza
Com que, dignos de Roma, a Lysia déste
D'alto valor exemplos.
Oh! que o meu coração sôbre essa lagem
De angústia se espedaça!
Eu não te verei mais, rugosa face
Do venerando velho
Que da existencia na vereda ingreme
As primeiras pisadas
Me indireitou no trilho da justiça!
Orpham de tal amigo
Terei d'ir só ávante, onde é mais ardua,
Mais difficil a estrada!
Sagrados manes, allumiae-me a vida
C'um faxo lá do Elysio:
Sêde-me guia na escabrosa senda
Que temeroso inceto,
Porque vossas pégadas retrilhando
Qual fostes seja, um homem.

Angra—Junho, 1821.

II

O AMOR MATERNAL

> Of nature's gifts thou may'st with lilies boast,
> And with the half blown rose.
>
> SHAKSPEARE.

Que doce que é ser mãe!—Que meigo quadro
É ver a espôsa ao lado do consorte
Nos braços lindos imbalando o filho,
Seu unico desvelo,
Que largou de cansado o niveo seio
E foi suavemente adormecendo
No amplexo maternal.—Inda invejoso
Não incobriu de todo

O casto veo segredos pudibundos
Só do espôso sabidos: inlevada
Nas doçuras de mãe, toda prazeres,
Só para o filho attenta.
Vêde-a surrindo ao tenro innocentinho,
Como se espelha nas mimosas faces,
E colhe nas feições, uma por uma,
O transumpto do espôso.
Com que graça lh'o diz! como suspira
Magoada e triste se o consorte amado
Toda, toda não ve a similhança
Que a ponto ella distingue!
Oh! se pallida ousou tocá-lo a febre,
Aqui são os desvelos, os extremos,
As não dormidas noites, os cansados,
Affadigosos dias.
Ei-la que se definha juncto ao berço,
Que as lagrymas retem, que os ais suffoca
Se condoído Morpheu nos tenros olhos
Pousou do filho caro.
Que promessas, que votos tam do peito
Se um deus compadecido...E os deuses ouvem
Mais que rôgo nenhum maternas preces.
Ja visos de melhora

No semblante infantil vão despontando,
Ai que alegrias! — recortadas inda
De internecidos sustos, que os prazeres
Aguados immurchecem.
É salvo emfim: ja cresce e ao lado folga
Da carinhosa mãe; ja co'as mãosinhas
Lhe trava da orla ao candido vestido,
Ou travésso lh'o rasga.
Os annos correm, graças vão medrando
No corpinho gentil, n'alma imbebida
Em suaves licções de san virtude
C'o exemplo avigorada.
Tal esméro de Flora e mimo d'ella,
Cresce alvo lirio em valle deleitoso;
Brando zephyro o ameiga, a aurora o rega,
E as bellas o cubiçam.

Angra — Julho, 1821.

III

O AMOR PATERNAL

A love that makes the breath poor and speech unable.

SHAKESPEARE.

Natureza, que déste ao sexo bello
As feiticeiras graças,
O mimo attrahidor, e as mui fagueiras,
Carinhosas meiguices,
Que lhe orvalhaste os labios com surrisos
De mellica doçura
Que entram no coração, que esparzem n'alma
Delicias e prazeres;

Que nos olhos da mãe pozeste o affago,
E no materno peito
Acrysolaste esmeros e desvelos,
As âncias que suspiram
D'extremecido amor e de ternura
Timida e receiosa,
Toda meigas caricias, toda extremos
De apaixonado affecto;
Tu mais viril porção doaste ao homem
De constante firmeza,
E em menos terno coração pozeste
A solidez, e affinco
No levar certo o rumo compassado
Dos negocios da vida.
Tu nos olhos do pae, tu em seus labios
Providente junctaste
Os severos dictames da virtude
E da verdade rigida,
C'os amorosos ralhos, c'os amigos
E prudentes conselhos.
Tu lhe adornaste a face veneranda
Da majestade augusta
Que ao filho respeitoso espelha a imagem
Dos soberanos deuses.

Olha como na voz lhe troam asperas
Reprehensões austeras,
Emquanto os seios d'alma se lhe rasgam,
O coração lhe chora.
Amor que não deixou cingir-se a venda,
Terno mas justiçoso;
Que o faxo accende á tocha da virtude,
Faxo que não deslumbra,
Faísca d'esse amor que a pró dos homens
Arde de um Deus no seio.

Angra—Julho, 1821.

IV

ANNIVERSARIO DA REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO

> Jure solemnis mihi, sanctiorque
> Natali proprio.
>
> HORAT.

Como vens, linda aurora,
Formosa desdobrando
Por esse azul dos ceus o roseo manto!
Co'as lagrimas de gôsto que desparzes
Abres cortejo ao dia
Que inda viram maior os Lusitanos.

Dize-me, ó bella espôsa
Do remoçado velho:
Na patria minha, na ditosa Elysia
Quaes fitos viste em ti olhos, semblantes,
Que jubilosos vivas
D'esse berço d'heroes aos ceus erguer-se.

Dá-me esse unico allivio
A mim, que malfadado
Nem me outorgaram invejosos numes
Ver-te assomar nos patrios horisontes,
E d'esse povo illustre
O meu tenue clamor juntar aos brados.

Ó paginas da historia,
Depar-empar abrir-vos,
Que a mão lá vai gravar da eternidade
Em characteres rutilos de fogo
O dia augusto e grande
Que a Lysia trouxe liberdade e glória.

O patrio Douro altivo,
Espedaçando os ferros,
Nega o tributo ao madido oceano;
Só guerra quer levar: guerra, que Lysia,
Do tridente senhora,
De novo o sceptro recobrou dos máres.

‘Ondas, tremei’ lhes brada:
‘Trema o tyranno vosso;
‘Que as Quinas outra vez se erguem, se hasteiam
‘E vão das vagas legislar ao mundo,
‘Vão do orbe ás partes quatro
‘O jugo antigo renovar co’a espada.’

O duro som terrivel
Toa de polo a polo,
Os eixos do universo estremeceram,
E sôbre a face da convulsa terra
Pallido o susto frio
Horrendo estende as azas côr da morte.

Socegae, nações do orbe,
Recobrae-vos do medo,
Que Lysia os ferros seus, que espedaçára,
Não leva em dom cruel aos outros povos.
Da ambiciosa Roma
A criminosa glória não procura.

Romanos, oh! não foram
Os Cesares e Augustos,
Romano foi Catão, romano Scevola;
E quaes esses então são hoje os Lusos:
Nem cabem n'um só peito
Avareza e ambição co'a liberdade.

Oh patria, oh patria minha,
Que dia de ventura!
Que sincero, que puro regosijo
Em praças, em theatros não rebenta,
Em sinceros prazeres,
Festas condignas de um liberto povo!

E eu misero e mesquinho,
De mágoas retalhado
Só vejo a vasta solidão dos máres,
Só a mudez dos ceus no azul monotono,
E um sol que as luzes balda
N'essa immensa soidão que me circumda.

Lembranças, que me affogam
De angústia e de martyrio,
Véem recordar-me a patria, amigos, tudo,
E deixar-me depois—se é que me deixam,
Em vão pelo horisonte
Rastrear d'olhos longos a esperança.

Assim o vago Ulysses
Longe da cara espôsa,
Do filhinho, do pae, todo saudades,
Só pede aos deuses crus por graça extrema
Ver dos paternos lares
Erguer-se o fummo, e morrerá de gôsto.

No mar—Agosto 24, 1824.

V

AO REI

JURANDO A CONSTITUIÇÃO

> Ordinem
> Rectum, et vaganti frœna licentiæ
> Injecit, amovitque culpas.
>
> HORAT.

Celeste emmanação do Ser-primeiro,
Verdade, oh luz eterna! alfim poderam
Ante olhos regios fulgurar teus raios;
Pôde tua voz severa
Dos inganados reis soar nos paços;
E o grito da calcada natureza,
Do amesquinhado, miserando povo
Ao coração bater-lhes.

Nos labios o surrir, no seio a morte,
De traidoras perfidias coroadas
A vil Adulação, o negro Imbuste,
A cavilosa Intriga
Ja d'ante o solio espavoridas fogem,
Tremendo aos brados teus lá vão no abysmo
Do averno sepultar crimes e horrores
Com que o throno infestavam.
De vesgos olhos macilenta Inveja
Co'a pallida Ambição debalde intentam
Valer-lhe ainda, sustentar-lhe o imperio
De tam compridos sec'los.
Embalde o manto inganador lhe estende
Fallaz Superstição, que as vestes sanctas
Á augusta Religião, ousou sem pejo
De trajá-las, roubadas;
Que as trevas que ante o solio condensavam,
Teu brilho as dissipou, e entrou risonho
O dia da razão nos paços regios
Co'a aurora da virtude.
Fulgiu do amado Rei na frente augusta
O calcado téqui, sacro diadema;
E a que mancharam veneranda purpura
Da tyrannia as nodoas,

Ei-la de novo nitida se arreia
De oiro puro da lei, da san justiça,
Téqui do vicio escravas fugidias,
Corridas, insultadas.
Ja livre do grilhão, sôlto dos ferros
Póde o monarcha segurar na dextra
O sceptro que mil perfidos amigos
A seu sabor moviam.
Sem venda os olhos, pela vez primeira
Olhou d'emtôrno a si, e viu... Oh! quantos
De horror, de execração, de attrozes crimes
Milhares descobriste!
Quantos não viste, ó Rei, juncto a teu solio
Monstros de sangue as garras impolgando
Nas miseras intranhas de teu povo,
Palpitantes ainda?
E não viste esse povo miserando
As lagrymas beber, conter no peito
Cortado de amarguras os suspiros
Que algozes lhe arrancavam?
Deixando-se esvaír no sangue a vida
Só porque em nome teu lh'a arrebatavam,
Só porque em nome teu lhe agrilhoavam
Braços, razão e vozes!

Sim, tu os viste; e o coração paterno
Sentiste retalhar-t'o a piedade:
Tu gemeste nos males do teu povo,
            Gemeste, e a mão benigna
Dadivosa outorgou remedio aos males
Que em ferreo accervo sôbre nós pesavam.
Recresceu nosso amor, dobrou tua glória!
            Serás eterno e grande.
Maior imperio que os avós ganhaste:
Seus subditos fiéis, leaes e amigos
Ja te não chamam rei, só pae te chamam,
            Que em corações só reinas.

No mar—Agosto 26, 1821.

VI

A ROSA

A DÉLIA

Ρόδόν ω φεριστον ανθος
Ροδον εαρος μελημα.

ΑΝΑΚΡ.

Venus! ás lindas flores que rainha
Tam bella lhes não déste!
Nasceu-te no alvo seio, inda mais alva,
A Rosa namorada;
E a reinar pelos prados a mandaste
Da primavera ás filhas.
Tam pura como a virgem das florestas,
A neve da innocencia

No botão meio aberto branquejava;
E a candidez singela,
Timida ainda, lhe imbuçava as folhas.
Pelo matiz dos campos
Zephyro de lascivo sussurrava,
E ao vê-la tam formosa
Avido corre, vae furtar-lhe um beijo:
A innocente rainha
Córou de pejo, e a côr invergonhada
Na alvura se lhe imbebe.
Triste, ao ver-se no proximo regato,
Da perda se lamenta.
Acaso passa Amor, que á mãe fugindo
Vagava nas campinas;
Dos sentidos lamentos condoído:
'Não pranteies' lhe disse,
'Não chores, linda flor; males que eu faço
'Sempre em delícia os pago.'
Docemente a bafeja, e doce aroma
Eis subito recende
Do seio á maga filha de Erycina.
Desde aquelle momento
A innocencia, o prazer e a formosura
De rosas se coroaram.

Prémio da singelez que orna belleza,
Desde então consagrada
Ao sexo amavel que nos doira os dias
Foi e hade ser a Rosa.
Es, minha Délia, mais gentil do que ella,
Mais singela, mais pura;
Para ti ésta flor nasceu no prado,
Ei-la, recebe-a, é tua.
Ternura, candidez, belleza e mimo
Para ti a còlheram.
Amor lhe despegou co'a mão divina
Os espinhos traidores;
Ia a dar-t'a... ólha... e ve... rapido foge,
Que a mãe te viu nos olhos.
Oh que dor tam gentil, oh que ais tam meigos,
Então soltava Délia!
D'emtôrno aos labios que o lamento entr'abre,
Os risos feiticeiros
Revoando lhe estão, e as Graças nuas
No seio que palpita
Lhe andam, por consolá-la, desparzindo
Os jasmins côr de leite.
Desejos mil e mil co'as vestes lindas
Da simplice pastora

(Com as vestes, que a mais se não atrevem)
Lhe folgam como a medo.
Ve que suave, melica harmonia
Soa na meiga bôcca!
Que prazer voluptuoso lhe humedece
Os olhos derretidos!
Que sons do coração lhe véem tam brandos
A conquistar os nossos!
Que acções, que gestos, que expressão do peito
No rosto se lhe pintam!
Amor, não te enganaste, é ella, é Venus!
Mas não receies, volta;
Ou, se temes voltar, dá-me essa rosa,
Deixa-me venturoso
Entre a neve do seio ir esconder-lhe
A flor tam cubiçada.

Lisboa — Septembro, 1821.

VII

FAZ HOJE UM ANNO

A DÉLIA

Um anno ja correu, foi hoje mesmo,
Por éstas horas, Délia, n'este instante
Que nasceu nosso amor — hoje tam doce,
E tam amargo ja, que tantas dores
Tantas lagrymas, Délia, tem custado:
Esse amor que hoje é favo delicioso
Do mel suave de prazer fagueiro,
Mas que ja foi torrente escura e negra
Do azedo, amargo fel de agros tormentos.

Parece-me que o vejo... oh foi agora:
O coração me diz que este momento

Foi o proprio, o feliz, aquelle instante
Em que te vi primeiro. Estão no ouvido
Inda a tenir-me os sons melodiosos
Que banhavam aquella estancia amena
N'essa hora fadada.—Inda era livre
O coração no peito, inda os meus olhos
Gyravam soltos... o fatal momento
Soou—e em teus olhos se cravaram;
Tua linda imagem reflectiram n'elle,
E para nunca mais sahir do peito.
Parou-me então o coração—não minto,
Parou-me o coração do sobresalto:
Minha sorte, o meu fado, a minha esp'rança,
Todo o meu ser, a minha vida toda
N'esse momento para ti voaram.

Pois dize: não sentiste no teu seio
Ir o meu coração ao teu juntar-se?
Oh! nunca mais voltou.—Correram tempos
E o benigno primeiro acolhimento
Que ao principio lhe davas, quantas vezes
Repetidas mudanças alteraram!...
Elle só não mudou, foi sempre o mesmo...

Mas deixemos lembranças importunas:
Volve os teus olhos para os meus, querida,
Co'a doce languidez, co'a graça ingenua
Com que a primeira vez me olhaste, ó Délia.
Oh quanto amor não brilha n'esses olhos!
E é meu todo esse amor? Toda, querida,
É toda para mim essa ternura?
Que excesso de prazer!... trasborda-me a alma,
Não tenho coração onde elle caiba.

Não tenho coração... Que é d'elle, ó Délia,
Que é do meu coração, que lhe fizeste?
—Dôze vezes no ceu o astro do dia
Gyrou inteiro o circulo dos mezes,
E eu sem ter coração como hei vivido?
Como?—Só de esperanças. Mas o termo,
O termo d'ellas é chegado, amiga:
Esses olhos que amor dardejam n'alma
Ja de amor e desejos resplandecem;
Esse de neve delicado seio
De languida ternura voluptuosa
Ja o sinto bater; esses teus labios
Ja sinceros me dizem que me adoras,
Ja me asseguram que serei ditoso.

Esse teu coração por mim só bate,
Esses braços gentis ja vejo abertos
Que me esperam, amada, no teu seio...
Oh no teu seio... Mais feliz no mundo
Se alguem ha do que eu sou?—Não é possivel:
Não tem mais que uma Délia o mundo inteiro,
E Délia um coração—e esse é meu todo.

Dia, dia feliz, quando voltares
Tragam-te as Graças amimado ao collo;
Traga-te Amor no seio da ventura
E os prazeres de emtôrno te esvoacem.
Nuncas vejas mudado o meu destino
Nem para mais feliz...—Nos ceus não ficam,
Não ha mais glórias que mandar á terra.

Coimbra—18...

VIII

SAPHO

NO SALTO DE LEUCATES

A JULIA

> En chantant tu baisses les yeux
> Qu'ont converts des voiles funèbres.
>
> DUCIS.

Amor que doce que é! Oh! quam ditoso
Quem sabe e póde amar! Prazeres meigos,
Graças louçans e risos brincadores
De emtôrno lhe esvoaçam,
A existencia lhe doiram:

Toda lhe ri de gôsto a natureza,
Esmalta-se-lhe o prado de boninas,
O bosque se lhe copa de verdura,
Crystaes lhe jorra a fronte,
Perlas lhe verte a aurora.

De noite o ceu de estrêllas se lhe tolda,
Que aureos topazios lucidas rebrilham,
De dia em chamma de clarão formoso
Vibra-lhe o sol nos raios
Doce calor de vida.

Qual lago que innocente pequenino,
Alvas pedrinhas atirando, fere,
Em que uns dos outros circulos innumeros
Dobram, se augmentam, crescem
E em gradação se alongam:

Tal em prazeres se lhe espraia a vida
Ao amante feliz; tal o universo
Mar immenso de gôsto se lhe estende,
E de um prazer lhe nascem
Infindos os prazeres.

Ameno quadro, delicioso, ó Julia!
Folga de ver-te n'elle, olha, revê-te:
Mas ah! jamais o voltes. Negro, escuro,
Mais feio do que a morte
É o reverso d'elle.

Dores armadas de aguçadas pontas,
Remorsos negros como a luz do inferno,
E a Angústia roxa que no collo apperta
O laço corredio
Com que accinte se affoga.

Da côr do ferreo-azul das chammas do Ethna
Lá está sôbre elles de ouriçada coma,
De verdenegras serpes innastrada,
Rasgando-se as intranhas,
Co'as farpeadas unhas,

O monstro horrendo... Qual?—Treme; o Ciume!
Ves-lhe o peito?—olha: um cancro ascoso roe-lh'o,
Chega-lhe ao coração, heiva-lhe o sangue,
Impeçonha-lhe a vida,
Nega-lhe o bem da morte.

Eis o aveço do quadro. E amor é este?
Esse filho dos languidos prazeres,
Esse amor, todo mimos da ventura!
Por que milagre horrivel,
Por que potencia infausta?...

Queres sabê-lo? A perfida Inconstancia,
Ei-la, essa furia o transmudou do que era,
Lhe insopou de veneno a flor dos gostos,
E em fructo amargo e podre
Lhe converteu o germen.

Não temas, Julia; para nós os fados
O reverso do quadro não pintaram.
Mal-venturosos pelo mundo os houve
Que n'elle se espelharam.
E quantos! Desgraçados!

Não ha belleza que lhe esquive os golpes,
Prendas não ha que a sanha lhe imbrandeçam,
Feitiços que lhe impeçam, oiro a rôdo
Que uma hora de tormentos,
Nem a pêso, lhe compre.

Sapho... Tu bem conheces este nome;
As Graças e os Amores o repetem,
Sabem-n'o as Musas, Venus em seu templo
Co'a linda mão divina
O gravou por memoria.

Sapho, a meiga cantora dos prazeres,
Sapho, a extremosa, a delicada amante,
Victima d'ella foi; nas aras negras
Da Inconstancia traidora
Sapho expirou d'angústia,

Ninguem mais que ella amou, ninguem como ella
Soube amar sôbre a terra. Amor tam fino,
Se o ha no mundo, só tu, Julia, o gosas,
Só tu do teu amante
O hasde incontrar no peito.

Phaon, mais bello do que amor nascente,
Como as Graças gentis gentil e airoso,
Tal foi o objecto dos amores d'ella.
Mais felizes gran'tempo
Do que os dois não os houve.

Mas no peito a Phaon entrou de manso
E lavrou surda a chamma da Inconstancia,
Lampejou-lhe o clarão... Que horror! A triste,
A malfadada o sente,
Estremeceu e pasma.

Dor a que os sons da lyra se recusam,
Mágoa que as vozes exprimir não sabem,
Angústia que a mortaes dizer não cabe,
Mais negra que o sepulchro,
Mais horrivel que a morte...

Como é que eu heide descrever-t'a, ó Julia?
Fallem-te os ais da misera expirante,
Digam-t'o os echos da sua voz maviosa:
Nas rochas de Leucates
Amor inda os repette,

Inda Phaon as gruttas vão soando.
Ja sôbre a rocha, vendo o mar bater-lhe
Na base carcomida, ja medindo
C'os olhos inturvados
A desmedida altura,

Inda ousa modular canções de morte,
Inda co'as frias mãos apalpa as cordas
D'essa lyra que amor coroou de rosas,
Rosas que immurcheceram,
Que em folhas séccas cahem.

Qual cysne ao fenecer gorgeia os hymnos
Que eterna vida aos deuses mereceram
Se ao canto os deuses não fadassem morte,
Tal moribunda em transes
Sapho cantou assim:

'Deixae um pouco o throno dos prazeres,
Ternas irmans d'amor, Graças ingenuas!
De Phaon inconstante assiduas socias,
Meus ultimos suspiros,
Ao ingrato, levae-lh'os.

'Celestes Musas, Sapho desgraçada
De vossos cantos a doçura eguale!
E tu, lyra infeliz, triste instrumento,
Echo de meus gemidos,
Appura os sons tocantes.

'Quando o ceu tempestuoso ameaça o prado,
E os despregados ventos se infurecem,
Choupo erguido no cume das montanhas
Menos se agita ainda
Que o meu anciado peito.

'Formosos dias, de minha alma incanto,
Em que sujeito ás minhas leis o via,
Dias em que eu gosei de o ver ao menos,
Dias de glória e júbilo,
Crueis! onde fugistes?

'E eu que a amava, a rival abhorrecida!
Ingrata! o coração fingia abrir-me,
E emtanto ao meu com sua mão traidora
As feridas rasgava
Que hade fechar só morte!

'Embora: sê feliz co'a tua amada;
(Póde haver coração que teu não seja!)
No delirio de amor, na paz do gôso
Venturas que eu não próvo,
Saboreia-as embora.

'O meu fado infeliz foi só de amar-te,
Foram destinos teus ser sempre amavel.
Ja desde quando em tua maga infancia
A praias incantadas
O teu baixel guiavas,

'Nos trajos de mortal Cyprina bella
Para as aguas vadear te implora auxílio;
Tu a passaste, e as ondas satisfeitas,
Com ella conduziam
Risos, graças e amores.

'Voaram aos teus olhos os amores,
Nos labios teus os risos se esconderam,
E a ti d'emtôrno as Graças namoradas
Travaram lindas danças
Em que amor te expressavam.

'Venus te disse: *Venturoso infante,*
Serás d'entre os mortaes o mais amavel
E dos altares meus seguro esteio:
Meus philtros poderosos
Eu t'os confio todos.

16

'Suspirava de inveja Amor ao lado:
Eis que eu passava; despicar-se intenta,
E n'um tiro de setta assim me fada:
Sapho será mais terna
Do que Phaon amavel.

'Mas tu na minha dor, cruel! me foges!...
Irei, por te abrandar, correr os máres,
Subir aos montes, vaguear desertos,
Voar desatinada
Aos limites do mundo?

'Falla: nada receia um desditoso.
Irei de gôsto arremeçar-me aos p'rigos.
Feliz em te seguir e obedecer-te,
Irei roubar-te o cinto
Das Graças, com que prendes.

'Por doces beijos nossos labios junctos...
Unido ao teu, meu coração batendo...
Ja de prazer anceio... ja nas veias
Seu ardor devorante
Me corre atropelado...

'Oh desgraçada! acorda d'esse ingano.
Tudo perdeste... Fique-te o repoisa:
Aqui o tens, as rochas de Leucates...
Ellas... e nada mais!
Terminarão teus males.'

Disse: e a lyra cahiu-lhe sôbre a rocha:
Deu rouco som de morte, as cordas todas
Estallaram, e foi de chofre ás aguas
Do mar que remugia.
Viu-a cahir a triste,

Ainda a viu, a sua maga lyra
Pelo ar na quéda... Subito, após ella:
'Venus' clamou 'que outr'ora m'a doaste,
Filha do mar, recebe-a!'
Disse, e arrojou-se ás ondas.

Lisboa—Novembro, 1822.

IX

O ROUXINOL

O nome que no peito escripto tinha.
CAMÕES.

Parabens, minha tristeza,
Foi-se a luz abhorrecida;
N'esta sombra appetecida
Posso ao menos respirar.

Aqui meus ais, meus gemidos,
Aqui prantos amargosos
Não véem olhos curiosos
Nos meus olhos espreitar.

Sentado sôbre ésta penha
Entre espessos arvoredos,
Só hade ouvir meus segredos
O canoro rouxinol.

Vem, mago cantor da noite,
Vem fazer-me companhia;
Não receies, foi-se o dia,
Não temas, é longe o sol.

Ei-lo vem, ei-lo se appressa
O sensivel passarinho;
Lá poisou no seu raminho,
Lá principia a cantar.

Silencio, florestas, bosques!
Silencio tambem, meu pranto!
Co'a doçura d'este canto
Minha dor quero ameigar.

Que doce melancholia
N'aquelle som tam carpido!
Quanto é suave o gemido
Em que exhala a sua dor!
  Como é seu canto expressivo!
Oh! se a ingrata aqui o ouvisse!
Parece que 'Délia' disse,
Parece que disse 'amor.'

Quem te insinou esses nomes,
Singela, incauta avesinha?
Não os digas, pobresinha,
Se o teu socêgo te apprás.
  São doces! — Assim dizia
A minha cega ternura;
Mas custou-me essa doçura,
Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorgeios,
Eu cantava a minha amada;
Mas a lyra desmontada
Nem tristes ais sabe dar.

Nos olhos seccou-se o pranto,
Immudeceu meu gemido,
De cansado, de abatido,
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro,
Sê feliz nos teus amores;
A provar meus dissabores,
Oh! jamais te dem os ceus!

Foste alívio ás minhas penas,
Escutaste o meu lamento...
Mas—ja me causas tormento...
Fiel companheiro—adeus!

Cintra—Maio, 1822.

X

A GUERRA CIVIL

> Audiet cives acuisse ferrum.
>
> HORAT.

I

Voz de morte soou, — e o echo funebre
Do Manzanares retiniu no Tejo.
Brado que ouvimos, que nos fere n'alma,
Que vens trazer-nos? — *Liberdade eu trago.*
Oh! que essa é voz de glória. É glória, é vida:
Nem outra vida a coração que é d'homem

A natureza deu: nem outra morte
Mais que o viver nos ferros.—N'esses vive,
Não, só vegeta miserando escravo.
E do escravo a existencia é vida d'homem?
Oh não! é sangue torpe e froixo e fraco,
Que nem lhe leva ao coração heivado,
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
Princípio nobre de vital alento.

II

. . . .
. . . .
Como ousa pois, como se atreve a morte
A hastear a foice nos torreões da Iberia?

III

Co'as azas côr dos tabidos sepulchros
Tapára o lume ao sol noite de ingano:
Por entre as sombras do innublado escuro
A Traição vaga de bifronte aspecto;
Na dextra, que lhe treme de covarde,
Trás o punhal de Sylla; pende á esquerda

De Catilina audaz a adaga treda;
Frente que em rugas lhe increspára a astucia,
Cinge-lh'a emtôrno, salpicado em sangue,
Doirado ao ver-se, e ferreo na estructura
O diadema de Nero.—O grito ardido,
O brado de honra que á peleja avoca,
Não o dá essa infame: a medo, a furto
Vai com trémulo accento despertando
Almas como ella timidas, covardes,
Tam faceis no esgrimir punhaes no escuro,
Como em fugir da espada que lampeja
No campo aberto da franqueza honrada.
Lá vão que a seguem, avidos se apinham
D'emtôrno á Cruz por elles profanada
A tribu de Levi, sequiosa d'oiro,
A tribu que abjurou riqueza e honras,
Por mais pompas, mais honras, mais riquezas,
Ir furtiva usurpando ao povo illuso.

IV

Onde, ó monstros, aonde, ó gente indigna?
Que bandeiras são essas de mentira
Que arvorais entre irmãos?—A estola candida

Da Religião quereis tingi-la em sangue,
Sangue civil, fraterno!...
—Eis d'outro lado
Crescem, redobram c'o frequente povo
Os que defendem a árvore sagrada
Que inda infante crescia, e que esses monstros
Queriam dar-lhe ao vento a raiz tenra.
Ei-los, emtôrno, os peitos generosos
Ao bronze off'recem que lhes trás a morte;
Ei-los o braço ao braço, a espada á espada
Do amigo que o foi ja, do pae que o nega,
E do irmão que o não é, oppõem bramindo.
Só patria é tudo em corações só livres,
Laços da natureza estão quebrados.
E quem os quebra?- Vós, escravos tredos,
Vós co'a mão gottejando sangue amigo,
Vós lhe desdais os nós, e c'o impio ferro
D'um golpe lhe cortais prisões sagradas.

V

Juncada a terra de golpeados membros
Soffrega bebe o denegrido sangue;
E o sangue impuro que espadana a jôrro

Lá vai regar essa árvore sagrada,
Essa árvore de rama e flor e fructo
Escassa e pobre se a não banha o sangue
Do que á nascença lhe pragueja a planta,
Do que só lhe agoirou, só lhe deseja
Granizo queimador, tufão de morte.

VI

De glória e louros coroada exulta
A Liberdade... Ah! bem o vejo, os louros
C'o verde-negro do cypreste intrançam.
O grito da victoria entre ais se perde
Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Chorâmos sôbre irmãos: foi caro o preço,
E é bem duro morrer por mãos d'escravos.
Mas pela patria, mas no campo da honra,
Martyres d'ella!... Oh glória e glória excelsa!
Esses luctos, rasgae-m'os; essas c'roas
De cypreste feral longe da campa!
Por endeixas de morte hymnos de vida,
Por tristes nenias, canticos festivos!
Esse atahude que lhes leva as cinzas
É cofre de oiro que heroismo incerra,

É thesoiro de glória e liberdade,
É monumento de nobreza eterna,
É memória ao porvir, é brado ingente
Que irá no longo curso das edades,
De geração em geração bradando:
'Tremei no solio, ó despotas da terra.'

Lisboa—Julho, 1822.

XI

MELANCHOLIA

They sat reclined
On the soft downy bank damasked with flowers.

MILTON.

Que ameno sítio, ó Délia!—Estende os olhos
Por toda essa planicie deliciosa,
Coberta de verdores,
E esparze amor e vida n'esses prados
Dos olhos creadores;
Anima, co'esses raios de ternura,
A languidez das flores.
Sussurre de prazer toda a espessura
O influxo teu sentindo;
E, ao ver teu gesto lindo,
Tua divina, magica belleza,
Surria de prazer a natureza.

Vê como é bella a solidão, querida;
Como entra pelo peito
Não sei que gôsto cheio de brandura!
Isto não é viver, é mais que vida.
Como n'esta doçura
O coração vai placido alargando,
E o ânimo satisfeito
Dentro d'elle sereno dilatando!

Como insensivelmente descahindo
Se vai n'aquelle estado
De languidez suave e melancholica
Em que, ja não sentindo
O trabalho pesado
Da existencia penosa—docemente
Pelas veias a vida circulando
Vai mansa e brandamente
No silencio do nada repoisando!
E toda só no instante,
Toda só no momento que decorre
N'alma o passado c'o futuro morre...

Oh! bebam outros na doirada taça
De mentidos prazeres

O invenenado gôso que, mal passa
Dos labios, todo é fezes,
Que a insaciavel sêde não apaga
Do coração queimado...
Nós puro e socegado
Este prazer gosemos da innocencia;
Vivamos para nós: deixar o mundo
Volver-se na inquieta turbulencia
Do pelago sem fundo
Dos seus desejos vãos, sua loucura.
Na serena doçura
Da maga solidão—n'esta belleza
Vivamos para nós, co'a natureza.

Cintra—Agosto, 1822.

XII

O CARCERE

Brightest in dungeons, Liberty, thou art,
For there thy tabernacle is the heart.

BYRON.

Fechou-se a ferrea porta: o som tremendo
Que os remorsos desperta ao delinquente,
Detraz de mim deu echo temeroso
Pela funebre estancia.
Eis-me aqui pois do crime na morada,
Eis-me entre bandos vis de malfeitores
Que me olham com surrisos satisfeitos,
E parecem dizer-me

‘Bem vindo companheiro!’—Eu socio d’elles
Eu criminoso, eu préso, invilecido
Co’estes grilhões de infamia!—Oh! que asquerosos,
Que medonhos aspectos,
Que esqualidas figuras, que olhar torvo!
Não, tal horror nunca sentiu minha alma
Desde que viu a triste luz do dia.
A vergonha, que ha tanto
Sentia de *ser homem,* redobrada
Me cresce c’o spectaculo abhorrido
D’esses que ahi vejo.—Homens, vós sois, espectros
De feia catadura?
Sim, homens são. E eu?—Outro como elles.
Atomo que volteio sôbre a terra
Ao sabor das paixões, minhas e alheias,
E á toa vogo os máres
Na viagem da vida.—Mas impresso
É o ferrete do crime n’essas frontes
Que franze a angústia c’o pungir de dentro
Do espinho do remorso;
E eu no peito nem bater mais vívido
Presinto o coração... Oh! criminoso
Não sou eu. Insolente me confunda
A proscripção injusta,

N'esta mansão do crime e da vergonha
C'os malfeitores vis: dentro do peito
A consciencia me diz que sou virtuoso,
Que, fiel ao rei e á patria,
São inimigos seus quem me persegue,
Que me honra o seu odio, me ingrandece
Tecendo-me a coroa do martyrio
Nas immer'cidas penas.

Lisboa, no Limoeiro—Agosto, 1823.

XIII

O EXILIO

Ha! bannishment? he merciful, say—death:
For exile has more terror in his look
Much more than death.

SHAKSPEARE.

Vem, minha Délia, vem, querida amiga,
Sentar-te juncto a mim.—Ves essas névoas
Como escondem o azul e os ceus, que ingrossam
Co'a cerração pesada e melancholica
D'este paiz d'exilio, d'esta patria
Dos taciturnos, gelidos britannos?

Oh! como é triste a terra do destêrro!
Tam só como as areias do deserto,
Triste como o cahir das folhas pallidas
No desbotado outomno.—Solitario
No meio das cidades, das campinas
Vai após d'esperança mal segura
O que deixou amigos, paes e patria
Para fugir ao açoite da injustiça.
Oh! se uma voz aomenos lhe fallára
Lhe coasse no ouvido os sons tam gratos
Do patrio idioma que ninguem lhe intende?...
Não, que tudo lhe é surdo; e só responde
O coração, que bate, aos ais do triste

Ai, infeliz de mim!... eu ja d'essa arte
Vi horas longas deslizar-se o Thamesis
Por entre esses palacios, essas tôrres
Coroadas dos despojos do universo,
Salpicadas do sangue de reis improbos...
Ou malfadados—monumentos grandes,
Tôrres, palacios que memórias guardam
D'artes, de heroicos feitos, de virtudes
E de crimes tambem.—Oh! quantas vezes
Solitario vaguei por esses porticos,

Por entre essas columnas apinhadas
De reboliço e povo!... E em meio d'elles
Eu solitario e só!—Porquê? Porque alma,
Porque o meu coração voava ao longe.
Entre essa multidão nem um amigo!
E se um fôra, onde a amante, onde os carinhos
Que amolgam penas e acalentam dores?

Suave Délia, agora o teu amigo
Ja não vive no exilio: a minha patria,
A minha patria agora é nos teus braços.
Deixá-los, os tyrannos que se apprazem
Co'as lagrymas da oppressa humanidade,
Proscrever-me da terra! Que me arrojem
Para os gelos da inhospita Syberia,
Onde o tam puro sol da nossa Elysia
Á polar cerração nega os seus raios,
Ahi, d'um teu surriso allumiado,
Entre essas solidões darei co'a patria,
Acharei os amigos, paes, e tudo,
Que tudo me darás nos teus affagos.

Warwickshire em Inglaterra—Novembro, 1828.

XIV

A LYRA DO PROSCRIPTO

A MADAME CATALANI

Ciere viros, martemque accendere cantu.

VIRG.

Eu do meu patrio Tejo desditoso
Deixei nas praias desmontada a lyra;
Suas aguas, ja tam puras, hoje involtas
Em lagrymas e sangue,
Ás ondas a trouxeram do oceano:
Lá naufragou. As nymphas compassivas
Que á foz do Tejo, com vergonha e mágoa
Contemplam de Ulysséa

A lamentavel última ruina,
Inda lhe ouviram no soçôbro extremo
Uns sons de glória, uns echos dos amores
De quando amor e glória
Cantou sonora nos jardins d'Elysia.
Silencio do sepulchro, a um proscripto
Tu só competes: quando a patria é morta,
Morrem com ella as Musas.
E silencioso e mudo eu caminhava
Pela terra do exilio... que prodigio,
Que electrico podêr veio acordar-me
D'este morto lethargo?
Serão as cordas da perdida Lyra
Éstas que sob os dedos me palpitam?
Não, oh, não: esse genio alvo-trajado
Da névoa das montanhas
Que me tocou co'a vara mysteriosa,
Me trouxe a harpa dos britannos bardos,
E as desaffeitas mãos me agita e rege
Pela harmonia extranha.
Foi teu podêr, foi tua voz divina
Que os echos acordou d'estas florestas
E os reflecte em meu peito, ó Catalani.
Desprende-me dos labios

Um cantico de novas melodias
Quaes eu nunca apprendi.—Salve, ó salve,
Glória eterna do Tybre, que levaste
Das Musas o triumpho
Ao Neva frio, ao Rheno, ao culto Sena,
Ao Thamesis, ao Tejo...—O Tejo outr'ora
Ja por suas gruttas resoar ouvíra
Teus primeiros accentos.
Ai! que diff'rente então, do que hoje, elle era!
Seu leito de oiro em ferro se ha tornado,
E o brio de seus filhos tam famoso
Hoje é vergonha e opprobrio.
Oh Catalani! co'essa voz que impera
Irresistivel n'alma, tu lhes brada,
Chama-os á glória, punge-os á virtude
Co'aquelle accento angelico
Que faz tremer o coração no peito,
Quando em teus labios vibra como a espada
De Harmódio, que os eternos myrtos c'roam!
Mais audaz, mais segura
Britannia se ergue a dominar os máres
Quando a tua voz aos filhos seus bradando
'*Rule, Britannia!*' eterna lhe promette
A avita liberdade.

Eia! a Lysia infeliz tu dize: '*Surge!*'
Ve-la-has alçar a frente laureada,
Cahir por terra os barbaros tyrannos,
Triumphar liberdade.

Warwickshire—Novembro, 1823.

XV

A MORTE DE RIEGO

Nascetur aliquis tandem sex nostris ossibus ultor.

VIRG.

Quem será essa dama inconsolavel
Que ahi geme n'esses atrios solitarios?
A seus pés vai o Thamesis tranquillo
Por entre margens de tropheos correndo;
Myriadas de povo satisfeito
Gyram emtôrno d'ella.—E ella só, geme!
Em languido silencio, quasi morte,
Só vida, porque sente.—E vêem-se as lagrymas

A fio e fio a lhe cahir dos olhos
Tam roxos, tam inchados... ja sem lume,
Que lhe apagou a dor a luz e o brilho.
Olha as mãos esfriadas que lhe cahem,
Desfallecidas!—Misera! que mágoa
Não está desfazendo aquelle peito!
Ai do seu coração! como o tem ella!
Rallado, consummido de amarguras,
Traspassado d'espinhos, imbebido
De fel e de veneno!—Mas nas faces
Desbotadas, no corpo amortecido
Como ha visos ainda de belleza!
A flor dos annos entre angústia e penas
Murchou-lh'a o padecer! Cuidais porcerto
Ver a estatua de Niobe no marmore
Que geme só e tacito, cercado
De gruppos, de relevos, de medalhas,
De pinturas, de estatuas, em profusa
Galleria regal.—Mas esse gesto,
Essas feições não teem d'Albion as filhas:
Um sol mais vivo n'essa tez pulida
Amorenou os lirios, e deu visos
D'arabe ou grega face. As alvas nymphas
Do Thamisa teem outra formosura;

Mas essa neve e profusão de rosas
Será mais bella,—não me falla tanto
Ao coração ca dentro.
—Eis outro aspecto
Melancholico, afflicto, descahido...
Respeitavel presença! Algum amigo
D'essa infeliz que vem por consolá-la.
Triste! como no gesto comprimido
Se lhe ve que das lagrymas retidas
Bebe o amargor, porque ellas lh'as não veja
E redobre a sua dor co'a dor do amigo.

—'Filha' diz elle á misera que anceia:
'Filha, socega: da esperança ainda
Não se foi todo o albor. Confia, aguarda:
Deus hade ouvir teu pranto... e o meu.' E rompe-lhe,
Ao dizer isto, a fôrça dos soluços
Que o suffocam de dentro. A quem é dado
Vencer a natureza? Homens de ferro,
Se os ha, fe-los o crime.—Mente o orgulho
Que se involveu no pallio dos estoicos
Para clamar: 'Não sinto paixões d'homem;
Dor ou prazer são nomes, são fraquezas
Indignas do meu ser.'—Fatal vaidade,

Em que miserias, em que desvarios
Não despenhas os miseros humanos!
—Infelizes, chorae, dae redea larga
Ao coração, que estallará no peito
Se o comprimis; deixae-o que se expanda,
Que desabafe, e mande para os olhos
Quantas mágoas nas valvulas lhe pesam.

Ai! que interêsse eu tómo em vossas dores!
Um não-sei-quê me diz que tenho parte
N'esta afflicção. Oh dae-me um quinhão d'ella,
Reparti d'essas lagrymas commigo:
Tambem sou infeliz, tambem votada
Tenho a cabeça aos fados impiedosos...

Mas que é isto?... correndo appressurado
Um mensageiro ahi vem. Que tristes novas
Trará com tantos luttos que o trajaram?
Preparae a vossa alma... eis uma carta.
--'Uma carta!' bradou a afflicta dama;
Volve d'emtôrno os olhos desvairados,
Lá dá c'o mensageiro... Um grito agudo
Ceus e terra feriu:—'Ai,' disse, e fecha
Os olhos, cai de golpe em terra, e jaz.

Toma-a de um braço o triste companheiro,
Aperta-a sôbre o seio—e co'a mão livre
Abre a carta fatal—'Adeus, esp'ranças!
Morreu...'
—'Nobre extrangeiro, quem foi esse?'
—'Riego! Riego!' clamou com voz tremenda:
Riego expirou, malvados! Deus eterno,
Que é da tua justiça? Porque dormes,
Porque dormes, Senhor? Elles profanam
O teu nome, a tua lei, os teus altares,
E tu deixaste triumphar seu crime!
A virtude cahiu aos golpes d'elles,
E os ceus abandonaram a innocencia!
Oh Deus, oh Deus, perdoa ao meu delirio.
O sangue d'um heroe sôbre o patibulo
Jorrando ás mãos do algoz na terra ingrata,
Que não se fende em boqueirões que sorvam
Os ministros do crime!... O caro sangue
D'um irmão tam amado, a minha glória...
Traidores! e esse Nero que vos calca
Com pés de ferro, e vos açoita as costas
Infames c'o azorrague do desprézo,
Esse é o idolo a quem sacrificastes
O campeão da patria, o heroe pacífico

Que vossos foros conquistou perdidos,
Vencedor sem cubiça, triumphante
Sem ambição? Ah monstros! ah covardes,
Indignos de renome castelhano!
Indignos... Oh miserrima viuva,
Triste orphansinha, joven malfadada,
Tu me arrancas do peito estes suspiros;
Tu só, que a indignação e atro desprêso
Não me davam logar nem a lamentos.
Vem, filha, vem commigo; n'estas praias
De liberdade ergamos-lhe em memoria
Singelo monumento. A noite e o dia
Sôbre elle nos verá pedir vingança,
Pedir justiça aos ceus. A ingrata patria
Seus ossos possuirá; mas aos seus manes
Nós daremos o culto.'—E aqui pausando,
Do venerando rosto inchuga o pranto.
Os nobres filhos d'Albion se apinham
D'emtôrno dos illustres desgraçados
Por dar-lh'allívio, consolar-lh'as mágoas.
Generosa nação, digna do sceptro
Que aos angulos extendes do universo,
Oh! recebe em depósito sagrado
Essas reliquias de mui nobre sangue;

Dae-lhes, no seio bemfeitor e amigo,
Outra patria mais digna, mais honrada.
Um dia inda virá... Jurou-o o Eterno,
E a justiça o gravou com diamante
Nas táboas do destino—um dia egregio
Que hade raiar co'a aurora da vingança
Nos horisontes da infeliz Hespanha.
Então aportará nas vossas praias
Um baixel triumphante que os conduza
Entre vivas de glória ao patrio Ebro.

Que sacrificio então será bastante
A applacar esses manes irritados
Do Cid da liberdade! Sôbre as aras
Da mansidão, da placida indulgencia,
Virtudes do heroe, tymbre em sua glória,
Victima seja o tigre famulento
Que lhe bebeu o sangue, e c'um sorriso
Do impio holocausto recebeu a offrenda.

Profugo e só na terra do destêrro
Estes versos cantei: vieram d'alma
Á triste lyra resoar nas cordas
Humidas do meu pranto. Ide, lamentos

Da minha voz, coae por essas neves,
Ide levar ao Tejo os meus suspiros;
Este canto de morte repeti-lh'o
D'echo em echo nos concavos rochedos:
E se entre esse tropel de miseraveis,
Portuguezes outr'ora, que hoje arrastam
Os vis grilhões do opprobrio e da vergonha,
Virdes algum que ao menos a memoria
Conserve da perdida liberdade,
Bradae-lhe ao peito—'Escravo, escravo infame,
Pesa mais um punhal que uma cadeia?'

Londres—Dezembro, 1823.

XVI

O NATAL EM LONDRES

Anathema sit.

CONC. TRID.

Que Natal este!—Sempre sois herejes,
Meus amigos Inglezes.
Bem haja o sancto padre, e a sua bulla
De fulminante anathema
Que excommungou estes ilheos descridos!
Oh! nunca a mão lhe doia.
—Ver na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!

Sinos a repicar, môças aos bandos
Co'a bem-trajada capa,
E o alvo-tezo lenço em côca airosa,
D'onde um par d'olhos negros
Dão as boas-festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto
Que imbuçado acudiu no seu capote
Á pactuada egreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tam gullosas,
E de teus dias-sanctos
Tam folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de Dezembro
De regallados fartes coroado
Aquecer corpo e alma
C'o vinho quente, c'os mexidos-ovos,
E farta comezana!
E estes excommungados protestantes,
(Olhem que bruta gente)
Sempre casmurros, sempre inregelados
Bebendo no seu *ale*,
E tasquinhando na carnal montanha
Do *beef* cru e insipido!

Pois os *Christmas-pyes,* gabado esmêro
De sarmatas manjares!...
Olhem éstas pequenas... são bonitas;
Mas que importa que o sejam
Se das Graças donosas praguejadas,
Rusticas e selvagens,
Nem dança airosa, nem alegre jôgo
De divertidas prendas
Arranjar sabem, e passar o tempo
Em honesto fòlguedo!
Jogar um whist morno e taciturno,
Sentar-se em mona roda
Juncto ao fogão, fazer um detestavel
Cha preto e fedorento,
Sem ar, sem graça...—Oh madre natureza,
Quanto mal impregaste
A formosura, o mimo, as lindas côres
Que a taes estátuas déste!

Londres—Dezembro, 1823.

XVII

O ANNO NOVO

(MDCCCXXIV)

Mutat terra vices.

HORAT.

Bem vindo sejas, novo anno, e tragas
Melhorado teus dias mais propicios
Á minha pobre, malfadada patria
E a meus fieis amigos.
Esse mal-agoirado que nos pegos
Affundou hontem do Oceano, Apollo,
Não deu senão colheita de infortunios,
Nem grannou outras messes

Mais que o joio semeado por mãos tredas
Entre os sulcos do trigo. Não mondado
A tempo, foi crescendo, e em flor ainda
Affogou a esperança
Do triste povo que a tam maus caseiros
Tam inexpertos deu suas lavoiras,
Que assim desmazellados lh'as perderam,
E quem sabe até quando?
Quem sabe quanto tempo hade durar-lhe
O gêlo d'este hynverno em nossos campos,
Té que o derreta o sol, ora innevoado,
Da antiga liberdade?
Dorme a vegetação n'essas sementes
Que á terra se lançaram. Mas eternas
As estações não são: teu dia, ó patria,
Teu dia hade chegar.

Londres—Janeiro, 1824.

NOTAS

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Este Sr. João Minimo..................... pag. 9

A perseguição absurda —e tam vergonhosa para quem a exerceu— que soffri pela minha primeira publicação poetica o Retratto de Venus, foi o principal motivo de eu publicar anonymas quasi todas as outras, o Camões, a Dona Branca, a Adozinda, e ésta propria collecção que pela primeira vez se imprimiu em Londres, em 1829, com o titulo, que lhe conservo, de Lyrica de João Minimo.

Nota B

A ti virá de longe o peregrino
Como a Sabina e Tybur.................. pag. 62

Bem se ve que só um poeta criança podia escrever similhantes vaidades, que hoje o fazem rir até a elle.

Pensei que devia eliminar estes versos; mas reflecti depois que ha humildades muito mais presumpçosas e muito mais tolas ainda, que o tempo d'agora é todo d'essas hypocrisias, e não quiz sacrificar a ellas porque as detesto.

Nota C

Vem, que é de troixas de ovos .... pag. 71

É bem sabida a predilecção de Francisco Manuel por ésta gullosice que elle tanto celebrou em seus versos comparando-a á ambrosía dos deuses. O meu enthusiasmo n'este tempo não via no mundo poetico senão Horacio e Filinto-Elysio.

Nota D

Esmeros de ambição pomposa, inchada.... pag. 77

Este epicedio, elegia, ou como queiram chamar-lhe, foi a primeira denúncia que de mim dei ao público, a primeira e desgraçada confissão de poeta que fiz. Era no meu terceiro anno de Coimbra. O dr. Fortuna, por extremo popular entre os estudantes porque professava as ideas liberaes, era por isso mesmo detestado dos lentes seus collegas. O seu funeral foi para a mocidade academica um acto de solemne protestação por seus principios queridos; e eu com toda a doidice dos meus dezeseis annos fui com a rapaziada, como era de razão, fiz estes maus versos, que não teem stylo, nem compostura, nem nada que preste.

Mas fizeram um *furor* incrivel. E d'ahi nunca mais me pude libertar da malditta poesia que jamais me deu senão desgostos em seu culto público. No particular, oh sim! muito lhe devo.

Na edição de Londres expungi da collecção ésta peça porque me invergonhei d'ella: tam falso lhe achei o stylo, tam vulgar e commum o pensamento. Restituo-a agora porque intendo que similhantes collectaneas só valem a pena de ser percorridas como series de documentos em que se observe o progresso ou decadencia do espirito e do ingenho do homem, ou do seu seculo.

Nota E

E a ti, boa Isabel, a ti primeira........... pag. 91

A Sr.ª D. Maria Isabel Van-Zeller era uma Senhora ingleza de extremosa charidade, cuja morte foi chorada por todos os habitantes do Porto, e a quem a sua familia adoptiva deveu em grande parte a popularidade de que n'aquella cidade gosava.

Estes versos, que são ainda bem falsos, ja teem comtudo alguma coisa melhor que os do epicedio anterior. Pelos mesmos motivos que dei na nota anterior, os tinha excluido da edição de Londres e os ajunto na presente.

Nota F

Nymphas do Lyma, dae, trazei alegres..... pag. 99

Para intelligencia d'esta passagem e de toda a peça, convem dizer que foi feita para o natalicio de

um menino cuja familia habitava as margens do rio Lyma—que pretendem seja o Lethes ou rio do Olvido dos antigos.

Nota G

Sinceros e de lei teus versos puros........ pag. 103

O padre José Fernandes Alvares Leitão, professor de latinidade na universidade de Coimbra, era um philologo distincto, honradissimo homem, e poeta horaciano legítimo. Creio que foi o último classico de inquestionavel merito. Os romanticos seus adversarios não o conheceram; e os classicos seus confrades desprezavam-n'o: elle valia mais que uns e outros. Conservam-se por mãos de alguns amigos —poucos— as cópias, muitas d'ellas ja viciadas, de suas excellentes odes. Quanto melhor não fariam os nossos jornaes litterarios se as salvassem pela imprensa em vez de se constituirem o asylo da infancia desvalida para todo o que solettra no abecedario poetico: grasnido rudimental bem poucas vezes agradavel de ouvir!

Nota H

Portuguezes, morreu! d'aquelles labios.... pag. 112

Ésta peça, composta por occasião da morte de Francisco Manuel do Nascimento, é pouco mais do que um recôrdo de suas principaes obras; e não poderá ser intendida pelos que não estejam versados n'ellas.

Nota I

N'este grande aldeão que chamam Porto....... 130

Isto são versos de um senhor estudante zangado de se não divertir nas férias quanto desejava, e que se desforra, com assás de mau gôsto, em chufas semsabores á mais bella, á mais benemerita e á mais nobre das cidades portuguezas. Não duvido, por isso mesmo que tanto me honro de ser portuense, conservar n'esta collecção o insulso gracejo, tal qual elle appareceu na primeira edição de Londres. 'Estamos mais alto que nenhum portuguez' dizia a nota respectiva n'essa edição,' e não podêmos desconfiar com similhantes bagatellas. Se na nossa cidade ha muito quem troque o *b* por *v*, ha muito pouco quem troque a honra pela infamia, e a liberdade pela servidão.'

Sempre heide consignar aqui tódavia, como verdadeira curiosidade litteraria, digna da collecção de D'Israeli —e não menos interessante curiosidade politica—o ter eu perdido uma vez a minha eleição no Porto porque um zeloso e integerrimo patriota bozinou com estes pobres versitos ás orelhas dos eleitores—que deviam de ser boas e grandes orelhas—para lhes fazer crer que eu era um mau e renegado cidadão da cidade invicta.

Nota J

O rotundo fallar da nossa origem......... pag. 133

Do Porto contam os nossos bemaventurados antiquarios que foi colonia grega; e dos gregos cantou Horacio que fallavam *ore rotundo*.

Nota K

Tal me vi eu pejado de bilhetes .... pag. 139

Para que intenda este gracejo, saiba o leitor benevolo que, vindo-me recommendado do Porto para fazer seu beneficio em Coimbra, onde eu estava, um certo charlatão cuja principal habilidade era ser *ventriloquo*, eu me vi sobrecarregado de um grande numero de bilhetes que tive de lhe tomar. Acudiu-me, ficando com boa conta d'elles, o meu já então particular amigo Nicolau da Arrochella, a quem retribui com ésta ode laudatoria segundo convencionámos.

Com que saudade recórdo, entre alegre e triste, éstas primeiras memorias da vida! E que satisfação em pensar que, tirados os que a morte levou, ainda não perdi nenhum dos bons amigos de infancia que n'ellas têem parte!

AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Aos pés do marmor de Pompeu........... pag. 152

Ésta ode que na primeira edição se numera XXXIX, tem ahi por titulo A LIBERDADE LEGÍTIMA, e se diz composta em 1826 por occasião da outorga da Carta. Não é verdade. Confésso que, publicando-se a LYRICA em Londres em 1829, epocha de temores e difficuldades politicas, receei aggravar as desconfianças dos timidos declarando-me o Alceu da revolução de Vinte, e attribui a data posterior o que fôra feito muito antes. Os principios moderados, o amor da liberdade legal, creio sinceramente que nasceram commigo; é-me instinctivo o horror da anarchia, da exaggeração innata a crença—mais de sentimento ainda que oe razão—no podêr da fórma monarchica para cohibir os excessos dos outros elementos e fôrças sociaes.

Vivem ainda bastantes amigos que em Coimbra me viram fazer estes versos na data que hoje lhes restituo.

Nota B

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre .... pag. 159

Além das mesmas razões que sinceramente expuz na nota antecedente, outra, e propriamente litteraria, me fez radiar da collecção de Londres ésta peça.

Achei-a turgida, bombastica, e sem nenhum merito poetico. Não obstante, ella corre impressa com o meu nome nas collecções de Coimbra, foi alli popular no momento, e sei de muitos contemporaneos da universidade que d'ella se recordam com excessivo e bem pouco merecido enthusiasmo. Não a quero pois renegar, e aqui vai.

Nota C

Verdade, oh! vem da escuridão que ha tanto.. pag. 189

O titulo que ésta peça agora leva é o com que realmente a compuz. Veja as notas antecedentes.

Nota D

Nem tanta ha ja de *procos* abundancia... ... pag. 197

Os traductores verteram sempre o grego de Homero n'este vocabulo latino. A quantidade d'aquelles *procos* —*proci* a προιξ— ou mais *lusitanicè* pretendentes de Penelope, foi extraordinaria: basta ver as immensas *varas* de bons porcos gordos e cevados que os maganões devoravam em casa d'elrei Ulysses, em quanto sua augusta espôsa tecia e destecia, como é sabido.

AO LIVRO TERCEIRO

Nota A

Tu que em minha alma tenra
As primeiras sementes desparziste........ pag. 208

Meu tio D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia pertenceu áquella brilhante constellação de sabios e homens de lettras que illuminou o reinado da Sr.ª D. Maria I. Seus intimos amigos, Fr. José do Coração de Jesus, o Arcebispo Cenaculo, o Abbade Correa, Antonio Ribeiro dos Sanctos, o padre Theodoro, e todos os outros bem conhecidos, o tinham pelo primeiro orador e primeiro prosador do seu tempo. E comeffeito o era. Depois de ser bispo de Malaca, de Angola, de ter viajado muita parte da Europa e da America, veio a fallecer bispo de Angra no Archipelago dos Açores, sua patria.

De seus muitos e variados trabalhos litterarios só pude obter alguns sermões, preciosos de doutrina e de linguagem: tudo o mais se perdeu por indesculpavel descuido dos que assistiram á sua morte.

Nota B

Celeste emmanação do Ser-primeiro....... pag. 221

Na collecção de Londres tambem se attribue inexactamente ésta ode —que ahi é XL— á epocha da Carta. Veja nota A ao Livro II, pag. 278 da presente edição.

Nota C

Celestes Musas, Sapho desgraçada........ pag. 239

D'este verso até o quinto de pag. 231 é versão de uns fragmentos de Sapho que o traductor, ou antes imitador, francez ajunctou em uma só peça.

Nota D

Os nobres filhos de Albion se apinham
De emtôrno dos illustres desgraçados ..... pag. 272

Para intelligencia d'esta rhapsodia cumpre dizer que a infeliz espôsa de Riego estava refugiada em Londres em companhia de seu cunhado, ancião e sacerdote, quando aquelle foi immolado em Madrid. A municipalidade de Londres tentou levantar um monumento á memória do illustre martyr da liberdade constitucional nas Hespanhas.

Nota E

E estes excommungados protestantes ..... pag. 276

Em tudo e em toda a parte ha um lado ridiculo que não é difficil achar; nem criminoso descobrir se não forem excedidos os limites do folguedo, que não degenere em satyra amarga. A intenção do auctor por certo não foi chegar lá; porque nunca o fez — nem a seus mais crueis inimigos — e bem póde dizer com Crebillon:

Aucun fiel n'a jamais empoisonné ma plume.

INDICE